

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ROSIANNY CAMPOS BERTO**

**REGENERAR, CIVILIZAR, MODERNIZAR E NACIONALIZAR:  
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A INFÂNCIA EM REVISTA NAS  
DÉCADAS DE 1930 E 1940**

**VITÓRIA  
2008**

**ROSIANNY CAMPOS BERTO**

**REGENERAR, CIVILIZAR, MODERNIZAR E NACIONALIZAR:  
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A INFÂNCIA EM REVISTA NAS  
DÉCADAS DE 1930 E 1940**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física.  
Orientador: Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto.

**VITÓRIA  
2008**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

B545r Berto, Rosianny Campos, 1981-  
Regenerar, civilizar, modernizar e nacionalizar : a educação física e a infância em revista nas décadas de 1930 e 1940 / Rosianny Campos Berto. – 2008.  
182 f. : il.

Orientador: Amarílio Ferreira Neto.

Co-Orientador: Omar Schneider.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Educação física. 2. Educação física para crianças. 3. Escolarização. 4. Educação física – Periódicos – 1930-1940. I. Ferreira Neto, Amarílio. II. Schneider, Omar. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. IV. Título.

CDU: 796

---

**ROSIANNY CAMPOS BERTO**

**REGENERAR, CIVILIZAR, MODERNIZAR E NACIONALIZAR:  
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A INFÂNCIA EM REVISTA NAS  
DÉCADAS DE 1930 E 1940**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Aprovada em 6 de março de 2008.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Dr. Amarílio Ferreira Neto  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador

---

Dr. Omar Schneider  
Universidade Federal de Sergipe  
Co-orientador

---

Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Dra. Regina Helena Silva Simões  
Universidade Federal do Espírito Santo

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Amarílio Ferreira Neto pela orientação rigorosa e sempre presente e pela confiança que tem depositado em mim.

Ao professor Omar Schneider por me apresentar à História, aos documentos, pelas análises sempre atentas de cada versão do trabalho e pelas sugestões e indicações de leitura.

À professora Regina Helena Silva Simões e ao professor Otávio Guimarães Tavares da Silva pelas contribuições tão enriquecedoras desde a qualificação. Obrigada pela leitura criteriosa, pelos ensinamentos, inclusive aqueles a que pude ter acesso em suas aulas.

À professora Maria das Graças Carvalho Silva, que me iniciou nesse mundo da pesquisa, e à professora Erineusa Maria da Silva pelos ensinamentos nesse campo. A ambas pelo incentivo de sempre.

Aos professores da graduação por “dividirem as águas”, por me ajudarem a ver o mundo de outra forma e por me fazerem sonhar. Em especial, agradeço a: Antonio Carlos Morais, Valter Có, Carlos Henrique Vieira, Regina Sandra Marchesi, Luiz Alexandre Oxley da Rocha e Iguatemi Santos Rangel.

Aos colegas/amigos do PROTEORIA que mostraram como tudo fica mais fácil quando trabalhamos em grupo. A cada um de vocês pela disponibilidade sempre em trocar, em compartilhar, em emprestar livros, em indicar leituras e em ouvir nos momentos mais angustiantes: Magda, Felipe Carneiro, Andréa, Rachel, Fernanda, Ana Claudia, Wagner, Rafaelle, Felipe da Costa, André, Silvana, Kezia, Omar e Amarílio.

Aos professores, colegas e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFES pelos conhecimentos compartilhados, pelas trocas de experiências. Difícil mencionar todos, mas é necessário citar aqueles de quem mais me aproximei: Juliana, Yuri, Kezia e Serginho. Obrigada pela amizade!

Àqueles que tornaram os dias nesta “cidade estranha” menos dolorosos longe da família. Minha família daqui: Kezia, Naza e Sabrina. Extensivo a Dona Regina, Júnior e Andressa, pessoas ímpares e acolhedoras.

Aos amigos Ailson, Miriã, Gabriela, Gina, Gynna, Diane e Evelin que, de perto ou de longe, participaram, de uma forma ou outra, da construção destas páginas da minha vida.

Aos meus familiares pela força. De modo especial, agradeço a: vovó Sibelina, tia Elza, tia Sônia e Cris, partes importantes e representativas de uma família exemplar. Obrigada pelo suporte emocional, pelo carinho, pelas orações.

Aos grandes responsáveis por eu chegar até aqui, meus maiores incentivadores, meus melhores amigos, minha raiz: minha mãe Maria Campos, meu pai Jovenil Berto, e meus irmãos Rônnio, Rogério e Rafael. Obrigada pelo apoio de sempre!

À Universidade Federal do Espírito Santo, dentro do convênio UFES/PETROBRAS, pela concessão da bolsa que possibilitou a realização deste estudo.

## RESUMO

Objetiva compreender o modo como foram produzidas e veiculadas as representações acerca da educação da infância escolarizada ou fora da escola, entre as décadas de 1930 e 1940, investigando como os conhecimentos eram abordados pelos diferentes grupos de intelectuais que projetavam a Educação Física nesse período. Utiliza como fontes/objetos a *Revista de Educação Física* (do Exército) e a revista *Educação Physica*, periódicos que circularam, simultaneamente, entre os anos de 1932 e 1945, no Brasil, e constituem o *corpus* documental do estudo. O primeiro é um dispositivo estratégico dos militares da Escola de Educação Física do Exército, e o segundo, produzido como tática que representa os ideais de um grupo de professores de Educação Física vinculados à Associação Cristã de Moços. Analisa a forma como circulavam, nesse período, as prescrições produzidas pelos grupos de intelectuais que davam suporte aos periódicos, como saberes necessários à educação da infância. Possui como referencial teórico a *história cultural* e suas proposituras em relação à atenção aos objetos em sua materialidade. O estudo procura destacar os dispositivos discursivos e não discursivos que modelavam as formas de significar a Educação Física ao enfatizar a educação das crianças. Examina as *lutas de representação* (CHARTIER, 1988) travadas pelos atores que, na produção dos impressos, como *lugares* de poder (CERTEAU, 2004), faziam circular saberes e davam a ler e a ver formas exemplares de projetar a Educação Física como disciplina escolar e como prática extra-escolar. As temáticas veiculadas pelas revistas permitem visualizar aproximações e distanciamentos entre elas, de modo a indicar semelhanças com relação às prescrições para a Educação Física. Quando centradas na educação infantil, os dois impressos tinham como mote uma educação dos sentidos. Também é possível notar que os dois periódicos apresentam o jogo como o principal conteúdo prescrito para a infância. O jogo atenderia melhor às peculiaridades das crianças, ressaltando que, no âmbito escolar, essas prescrições possuíam como parâmetro o método francês, oficializado nas escolas brasileiras. Assim, ao olhar para os homens que produziam os periódicos e os que escreviam para eles, é possível notar a existência de certa circulação desses atores pelo *espaço* em constituição e perceber representações compartilhadas e relações de cordialidade, compondo *redes de sociabilidade* (SIRINELLI, 1996), ao mesmo tempo em que é possível destacar que, nesse

movimento, está presente a competição pelo domínio de um lugar de fala autorizada. As prescrições veiculadas nessas revistas permitem compreender que o ideal de Educação Física escolar estava marcado pelos *lugares* de poder de onde falavam os atores pertencentes aos diferentes grupos que compunham as revistas. Esses saberes indicam objetivos comuns que têm como foco a formação das “almas infantis” e a preparação para o futuro, projeto de educação que implicava a mudança dos comportamentos e a aquisição de hábitos saudáveis e higiênicos que pudessem refletir um ideário de homem novo e de raça regenerada, condizente com os propósitos modernizadores em evidência nas primeiras décadas do século XX no País.

Palavras-chave: Educação Física. Infância. Escolarização. Imprensa periódica.



## ABSTRACT

The work aims at understanding the way how the representations on children education in or outside the school were produced and transmitted during 1930 and 1940, investigating how the knowledge was approached by different groups of intellectuals that projected Physical Education in that period. It uses as sources/objects the *Revista de Educação Física* (do Exército) and the magazine called *Educação Physica*, periodicals circulating simultaneously during the years 1932 and 1945 in Brazil, and constituted a documental study *corpus*. The first one is a strategic device of the soldiers of the Escola de Educação Física do Exército and the second, produced as tactics that represent the ideals of a group of Physical Education teachers linked to the Christian Association of Boys. It analyses the way the prescription produced by the intellectual groups that supported the periodicals, for instance, necessary knowledge to the children education circulated in that period. It uses as theoretical referential the cultural history and the propositions related to the attention to objects in its materiality. This way, the study stands out the discursive and non-discursive devices that modeled the ways to give meaning to Physical Education when highlighting children education. It examines the *representations fights* (CHARTIER, 1988) by actors who, in the production of the printed material like power places (CERTEAU, 2004), made knowledge to circulate and gave to reading and seeing exemplary forms of projecting Physical Education as a school subject and as an extra-curricular practice. The thematic transmitted by the magazines make possible the visualization of approximations and separations among them, so that similarities were indicated in relation to prescriptions for Physical Education. When centered on children education, both circulars had as motto the senses education. It is also possible to note that both periodicals present the game as the main content prescribed for children, it would assist best the children peculiarities, emphasizing that, in the school ambit, such prescriptions used the French method as parameter, made official in Brazilian schools. Thus, when looking at the ones who produced the periodicals and the ones who wrote for them, it is possible to note the existence of certain circulation of that actors by space in constitution, it is possible to realize representations shared and the cordialities relations, creating *sociability nets* (SIRINELLI, 1996) at the same time when it is possible to highlight that, in this movement, the competition by the dominion of such place of authorized speech is

present. The prescriptions transmitted in the magazines enabled the understanding that the Physical Education school ideal was marked by places of power where actors from different groups of the magazine used to speak. However, the knowledge indicates common goals focusing on the formation of “children souls” and the preparation for the future. Education project that implicated the change of behaviors and acquisition of healthy and hygienic habits that could reflect an ideal of new man and of regenerated race, accordant with the modern proposals in evidence in the first decades of the twentieth century in the country.

**Keywords:** Physical Education. Childhood. School. Periodical press.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA	1	-	Propaganda na revista <i>Educação Physica</i> .....	58
FIGURA	2	-	Fotografias nas páginas da <i>Revista de Educação Física</i> (do Exército).....	60
FIGURA	3	-	Lição de Educação Física: 4 a 6 anos.....	105
FIGURA	4	-	Jogos infantis.....	110
FIGURA	5	-	Flexão e extensão das pernas.....	115
FIGURA	6	-	Elevação lateral dos braços.....	115
FIGURA	7	-	Parte de uma ficha simplificada para crianças.....	118
FIGURA	8	-	Aula de Educação Física na Escola de Aplicação ao Ar Livre.....	123
FIGURA	9	-	Ginástica infantil.....	130
FIGURA	10	-	Lição de Educação Física na colônia de férias.....	133
FIGURA	11	-	Parques infantis.....	135
FIGURA	12	-	Educação Física infantil.....	139
FIGURA	13	-	Cadeira de Bennet.....	146
FIGURA	14	-	Ginástica para o bebê.....	157

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	- Publicações por ano da <i>Revista de Educação Física (do Exército)</i> .....	64
GRÁFICO 2	- Publicações por ano da revista <i>Educação Physica</i> .....	64
GRÁFICO 3	- Número total de artigos selecionados por temáticas.....	86
GRÁFICO 4	- Quantidade de artigos referentes à educação da infância publicados por ano na <i>Revista de Educação Física (do Exército)</i> e sua relação com o número de exemplares veiculados anualmente.....	88
GRÁFICO 5	- Quantidade de artigos referentes à educação da infância publicados por ano na revista <i>Educação Physica</i> e sua relação com o número de exemplares veiculados anualmente.....	90

## LISTA DE QUADROS

QUADRO	1 - Número de publicações por ano da <i>Revista de Educação Física (do Exército)</i> .....	62
QUADRO	2 - Número de publicações por ano da revista <i>Educação Physica</i> .....	63
QUADRO	3 - Categorização dos artigos da <i>Revista de Educação Física (do Exército)</i> .....	84
QUADRO	4 - Categorização dos artigos da revista <i>Educação Physica</i> ....	84
QUADRO	5 - Quantidade de artigos referentes à educação da infância publicados por ano na <i>Revista de Educação Física (do Exército)</i> .....	87
QUADRO	6 - Quantidade de artigos referentes à educação da infância publicados por ano na revista <i>Educação Physica</i> .....	90

## LISTA DE SIGLAS

<i>ABE</i>	- Associação Brasileira de Educação
ABEF	- Associação Brasileira de Educação Física
ACM	- Associação Cristã de Moços
CMEF	- Centro Militar de Educação Física
DEF	- Divisão de Educação Física
ENEFD	- Escola Nacional de Educação Física e Desportos
EsEFEx	- Escola de Educação Física (do Exército)
LBHM	- Liga Brasileira de Higiene Mental
PROTEORIA	- Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
DO PERCURSO .....	16
DO PROJETO DE PESQUISA .....	17
<b>Da história cultural: entradas na educação e na Educação Física</b> .....	21
<b>Do uso do impresso como fonte/objeto da historiografia</b> .....	24
DA DISSERTAÇÃO .....	27
<b>CAPÍTULO 1º</b>	
<b>1 AS FONTES DE INVESTIGAÇÃO: REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO) E REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA</b> .....	29
1.1 <i>REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO): O PANORAMA DE SUA CRIAÇÃO E SEUS USOS NA HISTORIOGRAFIA</i> .....	31
1.1.1 <b>O panorama de criação da revista</b> .....	31
1.1.2 <b>Usos da <i>Revista de Educação Física</i> (do Exército) na historiografia</b> .....	34
1.2 <i>REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA: O PANORAMA DE SUA CRIAÇÃO E SEUS USOS NA HISTORIOGRAFIA</i> .....	40
1.2.1 <b>O panorama de criação da revista</b> .....	40
1.2.2 <b>Usos da revista <i>Educação Physica</i> na Historiografia</b> .....	43
<b>CAPÍTULO 2º</b>	
<b>2 DAS FORMAS AOS SENTIDOS: APROXIMAÇÕES MATERIAIS ENTRE AS REVISTAS E SUAS PRÁTICAS DE DIVULGAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES</b> .....	48
2.1 APROXIMAÇÕES PELA MATERIALIDADE .....	50
2.1.1 <b>Das capas</b> .....	51
2.1.2 <b>Dos sumários</b> .....	55
2.1.3 <b>Dos anúncios e propagandas e da iconografia</b> .....	57
2.1.4 <b>Dos períodos de circulação das revistas</b> .....	61
2.1.5 <b>Dos editoriais</b> .....	65
2.2 PRÁTICAS DE DIVULGAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES .....	71
2.2.1 <b>Temáticas em curso na <i>Revista de Educação Física</i> (do Exército)</b> .....	73
2.2.2 <b>Temáticas em curso na revista <i>Educação Physica</i></b> .....	75
2.2.3 <b>Aproximações entre as revistas: saberes e prescrições</b> .....	79
<b>CAPÍTULO 3º</b>	
<b>3 SELEÇÃO E MAPEAMENTO DAS FONTES: OS SABERES, OS ATORES EM CIRCULAÇÃO E A INFÂNCIA NA MATERIALIDADE</b> .....	81
3.1 MAPEANDO AS FONTES .....	82
3.2 OS ATORES EM CIRCULAÇÃO NAS REVISTAS: REPRESENTANDO LUGARES DE PODER, PRESCREVENDO FORMAS DE EDUCAR A INFÂNCIA .....	91
3.3 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE ESCOLARIZAÇÃO .....	97

## CAPÍTULO 4º

<b>4</b>	<b>EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: SABERES E PRESCRIÇÕES NA <i>REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO)</i></b> .....	100
4.1	A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA ESCOLARIZADA NA <i>REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO)</i> .....	100
4.1.1	<b>Os jogos na Educação Física das crianças</b> .....	104
4.1.2	<b>Educando as infâncias pelo sentido: lições de Educação Física</b> .....	111
4.1.3	<b>Os saberes da Medicina em circulação no periódico</b> .....	115
4.1.4	<b>Modelos, saberes, discussões pedagógicas</b> .....	122
4.2	A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA EXTRA-ESCOLAR NA <i>REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO)</i> .....	126

## CAPÍTULO 5º

<b>5</b>	<b>A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA DA INFÂNCIA NA <i>REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA</i></b> .....	137
5.1	A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA <i>REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA</i> .....	138
5.1.1	<b>Os saberes da Medicina em circulação no periódico: mensurando e classificando as crianças</b> .....	144
5.1.2	<b>Discussões pedagógicas: justificativas para a Educação Física e as preocupações com o professor</b> .....	148
5.1.3	<b>A diversidade de conteúdos e a preparação da infância para o futuro...</b>	152
5.2	A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA EXTRA-ESCOLAR NA <i>REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA</i> .....	155
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	165
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	169



## INTRODUÇÃO

### DO PERCURSO

A proposta para este estudo nasceu durante o curso de especialização em *Educação Física Escolar para a Educação Básica*, realizado no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), quando fui convidada a olhar para a Educação Física pelas lentes da História. Esse convite se configurou em um desafio, já que as minhas experiências de pesquisa anteriores eram voltadas para as questões relativas ao cotidiano da escola e, mais precisamente, da Educação Física escolar.

Após ter sido orientada a conversar com o professor Omar Schneider, fui apresentada à proposta de estudos do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (PROTEORIA), grupo que se propõe a investigar a constituição das teorias da Educação Física no Brasil por meio dos debates em periódicos que circularam no século XX. Em seguida, foi-me apresentado o acervo de periódicos pertencente a esse Instituto e passei a integrar o grupo como voluntária em um estágio que me permitiu realizar minha pesquisa de especialização e entrar em contato com as teorias e metodologias da História.

Decidido que me enveredaria pelos caminhos da pesquisa histórica, iniciei este trabalho, primeiramente, procurando compreender como a Educação Física passou a ser projetada como disciplina escolar, contribuindo na constituição de uma determinada cultura escolar nas décadas de 1930 e 1940.

Na pesquisa realizada na especialização,<sup>1</sup> atentei para as representações da infância e de sua escolarização no período entre 1932 e 1945, utilizando como fonte para o estudo a revista *Educação Physica*, periódico com ampla circulação no Brasil e em outros países da América do Sul e, ainda, em Portugal e na África Oriental Portuguesa. No estudo, busquei ressaltar os saberes sobre as temáticas saúde e higiene, constituidores das disciplinas escolares, especialmente da Educação Física, os quais, considerando o período abordado, podem ser compreendidos como elementos presentes na constituição dessa cultura escolar.

---

<sup>1</sup> Monografia desenvolvida para a conclusão do Curso de *Especialização em Educação Física Escolar para a Educação Básica*, apresentada no dia 2 de fevereiro de 2006, no CEFD/UFES.

## DO PROJETO DE PESQUISA

Após a realização do estudo, na especialização, diversas indagações ainda permaneciam acerca de como os intelectuais que escreviam para a revista *Educação Physica* e outros autores lidavam com a escolarização da infância naquele período, tendo como ponto de reflexão não apenas as questões relativas à saúde e à higiene, anteriormente estudadas, mas também outras, como a ginástica e o esporte, e os diversos questionamentos concernentes ao corpo e à sua educação, que compunham a lista de um projeto para a escola e, portanto, para uma *forma escolar*.<sup>2</sup>

Para Carvalho (2003), o conceito de *forma escolar* é entendido sob duas perspectivas: uma que envolve práticas de apropriação, das quais é produto, portanto, tomadas como práticas de transformações de materiais sociais dados; a outra abarca modelos pedagógicos como objetos culturais que são produzidos socialmente e que carecem ser observados pela sua materialidade. Nesse sentido, Schneider (2007, p. 33) esclarece que

[...] analisar os dispositivos que [são colocados] em circulação e as disputas em relação a uma determinada forma escolar é também questionar sobre as demandas de escolarização da sociedade, é dar visibilidade à circulação de modelos, de projetos e de intelectuais preocupados com a escola e a educação na modernidade.

Na nova investida, passo, então, a indagar o modo como os intelectuais<sup>3</sup> do período em foco lidavam com os saberes que faziam circular, ao projetar a Educação Física como parte dos currículos escolares. A atenção concentra-se, desta vez, em duas fontes/objetos: a revista *Educação Physica*, anteriormente estudada, que circulou de 1932 a 1945, e a *Revista de Educação Física* (do

---

<sup>2</sup> A noção de forma escolar, desenvolvida por Vincent, Lahire e Thin (2001, p. 37-38), caracteriza-se por “[...] um conjunto coerente de traços – entre eles deve-se citar, em primeiro lugar, a constituição de um universo separado para a infância; a importância das regras na aprendizagem, a organização racional do tempo; a multiplicação e a repetição de exercícios, cuja única função consiste em aprender e aprender conforme as regras ou, dito de outro modo, tendo por fim seu próprio fim –, é a de um novo modo de socialização, o modo escolar de socialização”.

<sup>3</sup> Ao problematizar uma história dos intelectuais, Sirinelli (1996) menciona uma polissemia em torno da noção de intelectual e aponta duas acepções para o termo: uma que é ampla e sociocultural e envolve os “mediadores” culturais – o jornalista, o escritor, o professor, o erudito; e a outra, baseada na noção de “[...] engajamento na vida da cidade como ator [...] testemunha ou consciência” (p. 243). Assim, compreendo os editores e autores dos periódicos como personagens vinculados à primeira acepção, mas, por vezes, também ligados à segunda, na medida em que ambas, conforme Sirinelli (1996), possuem uma natureza sociocultural.

Exército),<sup>4</sup> cujo primeiro exemplar foi publicado em 1932 e ainda se mantém em circulação. Ambos os periódicos fazem parte do acervo do PROTEORIA. A *Revista de Educação Física* (do Exército) encontra-se, em seu formato original, até o número 54. Já a revista *Educação Physica*, encontra-se em cópias.

A intenção foi abordar essas fontes, utilizando como recorte temporal o período em que as revistas circularam concomitantemente: a *Revista de Educação Física* (do Exército) cessou a circulação no número 55, em 1942, retornando em 1947, e a revista *Educação Physica* se manteve em circulação até o ano de 1945. Desse modo, as revistas foram examinadas, tendo como marco o período de circulação da revista *Educação Physica* (entre 1932 e 1945). De forma mais detalhada, a análise abrange o conjunto de 88 números da primeira revista e 55 da segunda.

O foco nos periódicos, como objetos a partir dos quais estabeleço o recorte, possui relação com outras questões. Compreendo que o fato de os dois impressos terem sido criados no mesmo período já é em si bastante significativo para o estudo. No entanto, ao reportar a atenção para o objeto de investigação, é possível dizer, ainda, que o recorte envolve o período entre a publicação do primeiro artigo sobre a educação da infância nas revistas e o último artigo localizado sobre essa temática. Assim, tendo como centro o período em que os impressos foram contemporâneos, o primeiro artigo publicado encontra-se na edição de n. 2 da revista *Educação Physica*. A *Revista de Educação Física* (do Exército) somente começa a publicar sobre esse tema a partir de 1933. O último artigo foi localizado no número conjugado de janeiro e fevereiro de 1945, também na revista civil.

É possível enfatizar que o período em questão é particularmente cercado de significados e tem chamado a atenção de diversos historiadores. Assim, com o foco especialmente nas questões educacionais, Cunha (2001, p. 87) entende que

[...] o Brasil viveu, nas décadas de 1930 a 1950, momentos claramente marcados pelo espírito de modernização, sinônimo de mudança urgente, única via capaz de colocar o país em pé de igualdade com as nações mais prósperas do mundo ocidental.

Os dois conjuntos de exemplares dos periódicos possuem elementos nos quais esse ideário de educação modernizadora também se encontrava presente.

---

<sup>4</sup> O título do periódico criado pelo Exército é apenas *Revista de Educação Física*, contudo, para identificá-lo e melhor diferenciá-lo da outra fonte desta pesquisa, optei por chamá-lo de *Revista de Educação Física* (do Exército).

Ambos têm como referência saberes sobre a saúde, a higiene, a ginástica, o esporte; abordam, de modo diverso, assuntos relacionados com o corpo e as possibilidades de sua educação. Inclui-se, nessa perspectiva, a educação das crianças, escolarizadas ou não. Esta última temática serviu como um dos critérios de orientação para a análise. É necessário salientar que todos os saberes e modelos que essas revistas faziam circular possuem a inscrição daqueles que as produziram, seus editores, e é por esse viés que as revistas e as representações nelas contidas serão examinadas.

O interesse pela infância começa a ser definido a partir do entendimento da escola moderna como um projeto para a educação das crianças. Conforme Varela e Alvarez-Uria (1992), essa escola, que se consolidava no início do século XX como resultado de um processo que se configurava desde o século XVI, funcionava como uma “maquinaria de governo da infância”, um *locus* “[...] que ocupa o tempo e pretende imobilizar no espaço” (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992, p. 68) as crianças.

Considerando que o olhar é lançado para aqueles saberes e aqueles modelos de ensino da Educação Física que as revistas veiculavam e para a busca de uma reflexão acerca desse projeto que desenha uma possível cultura escolar para o período, a atenção dada à infância, nessa empreitada, tem também apoio nas idéias de Julia (2001) que entende ser necessária uma atenção à cultura infantil que invade a escola como ponto imprescindível para uma compreensão dos processos de educação/escolarização que compõem sua cultura. Para Julia (2001, p. 37), a “[...] cultura infantil [...] é tão importante de ser estudada como o trabalho de inculcação” produzido na instituição educacional.

A abordagem do tema proposto requer pensar, inicialmente, como os grupos de intelectuais do período, que escreviam para os impressos em questão e aqueles que os idealizavam e os colocavam em circulação, compreendiam e projetavam uma educação (escolarizada ou não) para as crianças. Por meio dessas representações, a análise abrange o modo como a educação das crianças, com base nos saberes que a ela dão suporte pela via da Educação Física, era projetada pelos grupos que davam vida e voz às revistas, como conhecimento imprescindível à formação dos currículos escolares e conseqüente educação das crianças.

Ao compreender os periódicos em tela como dispositivos originários de diferentes grupos (militares e civis), por meio dos quais circulavam modelos pedagógicos e saberes, esta investigação é encaminhada com base em algumas

questões, quais sejam: como os intelectuais que escreviam para os impressos da Educação Física representavam a infância escolarizada? Quais saberes e quais modelos eram veiculados na forma de prescrições para a educação das crianças? Que lutas envolviam essas representações na busca de os editores se tornarem a voz autorizada da área? Quais as contribuições da (dos saberes atribuídos à) Educação Física, que se consolidava como disciplina escolar, para a constituição de uma cultura escolar no período investigado? O que é possível ler/ver, por intermédio dos periódicos da Educação Física, sobre *formas e culturas escolares*?

O estudo se constrói, então, alicerçado pelos seguintes objetivos: compreender as representações e as lutas entre elas acerca do modelo de escolarização da infância entre as décadas de 1930 e 1940, investigando como os conhecimentos que circundavam a educação da infância eram abordados pelos diferentes grupos de intelectuais que projetavam a Educação Física nesse período.

Tenho, ainda, a intenção de refletir sobre a cultura/forma escolar que permeia o período em questão, com ênfase nos processos pelos quais se projetava a escolarização da infância e se selecionavam os saberes que passaram a fazer parte dos conhecimentos utilizados pelos professores para intervir na formação dos atores em processo de escolarização. Nesse sentido, é necessário salientar a consciência em torno das dificuldades de, por meio do impresso, pensar a cultura escolar de uma época histórica, pois o período é amplo e a cultura, uma tessitura ímpar e complexa, uma teia de significações que depende dos atores e dos processos, do espaço e do tempo.

Assim, lembrando-me também de que o lugar de onde falo (a Educação Física) e os materiais (os periódicos especializados dessa área) a partir dos quais observo a História de uma época constituem-se em fios dessa teia, o que me proponho a fazer é ordenar essa tessitura.

Desse modo, fundamentada em Carvalho (1998), acredito que os periódicos são capazes de dizer muito da escola e do modo como ela atua sobre as crianças, mas dizem “[...] muito pouco sobre os usos escolares que são feitos deles” e, com isso, colocam em cena um *hiato* entre as prescrições que são dadas a ler e os usos reais que são feitos delas. A autora salienta ainda que esse “[...] hiato evidencia a complexidade entre modelos pedagógicos e seus usos e está no cerne de uma história cultural das práticas e dos saberes pedagógicos” (CARVALHO, 1998, p. 5).

Ao trabalhar enfatizando a questão dos *usos*, Certeau (2004, p. 95) adverte:

Seja como for, o consumidor não poderia ser identificado ou qualificado conforme os produtos jornalísticos ou comerciais que assimila: entre eles (que deles se serve) e esses produtos (indícios da 'ordem' que lhe é imposta), existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que faz deles.

Ao apropriar-se das reflexões de Certeau sobre a atividade da leitura, Chartier (1988) lembra que todo texto é produto de uma leitura, é sempre uma construção do leitor. Este

Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a 'intenção' deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações (CERTEAU, 2004, p. 264-265).

Assim, o *hiato* entre as prescrições veiculadas nos periódicos da Educação Física e aquilo que ocorria nas escolas naquele período pode estar vinculado à inventividade do próprio leitor/professor, cujas práticas e, nesse caso, as práticas pedagógicas que supõem os impressos periódicos podem ser tão plurais quanto essas significações.

Ao pensar assim, as culturas e as formas escolares de um período histórico não podem ser contempladas na íntegra, especialmente, sendo o meio a imprensa, mas essa documentação oferece muito sobre essas culturas e essas formas. Nessa direção, fundamentada em Certeau, sublinha Carvalho (1998, p. 4-5):

[...] os materiais impressos deixam ler as marcas de usos prescritos e destinatários visados. Fornecem indícios sobre as práticas escolares que se formalizam nos seus usos, mas têm o seu peso documental fortemente demarcado por sua relação com as estratégias de que são produto. O que significa dizer que as informações que fornecem sobre as práticas escolares são mediadas por sua configuração como produto daquelas estratégias.

### **Da história cultural: entradas na educação e na Educação Física**

Com o foco nas teorias e metodologias da História, faço a opção por trabalhar com os pressupostos da *história cultural*,<sup>5</sup> que, no entendimento do historiador Roger Chartier (1988, p. 16-17), “[...] tem por principal objecto identificar o modo como em

---

<sup>5</sup> Ou, como prefere Hunt (2001): *nova história cultural*.

diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

A proposta de Chartier (1988) sugere pensar uma história cultural do social, como algo que ultrapassa a história das mentalidades, apontando que as formas e os processos produzem sentido e, assim, “[...] as inteligências não são desencarnadas, e [...] as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias [sic] históricas” (CHARTIER, 1988, p. 27).

Essas são proposições que permitem compreender os postulados da *nova história cultural* que, ao utilizar o impresso como objeto privilegiado, parte de um modelo que o toma pela sua materialidade, que o entende como objeto cultural. Desse modo, aponta como

[...] fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor [...]. Assim, é necessário fazer uma distinção entre dois tipos de aparato: aqueles impostos pela colocação em forma de texto, pelas estratégias da escrita e intenções do ‘autor’, e aqueles que resultam da manufatura [...] da publicação, produzidos por decisão editorial ou através de processos industriais, e dirigidos aos leitores ou a leituras que podem não ter absolutamente nada em comum com as expectativas do autor (CHARTIER, 2001, p. 220).

Na esteira de Chartier, a *nova história cultural* tem como cerne o conceito de *representação*, que é entendido por ele como *prática* que constitui o social de forma ordenada, hierarquizada e classificada pelas posições dos agentes que nela se articulam. Para Carvalho e Hansen (1996, p. 15),

As categorias de **prática** e de **representação**, operadas com a de **apropriação**, têm grande valor heurístico, pois permitem desnaturalizar as representações e deslocá-las da generalidade transhistórica de categorias mágicas como influência, imitação e transplante de idéias. A dissolução da naturalidade da representação faz com que os resíduos do arquivo falem a partir de si mesmos e, para isso, os reatualiza como evidências de práticas datadas, isto é, **como representações de prática que resultam de práticas de representação**. Quando se determina o caráter dessas práticas, pode-se também especificar o caráter das representações que elas produzem; e, uma vez que as mesmas práticas são formalizadas culturalmente, também se evidencia que são representações (grifo dos autores).

Para os autores, entender o conceito de *representação* como *prática* requer pensar numa rede de relações entre o que representa e o que é representado e

entre as próprias representações, o que distancia qualquer tentativa de historiar 'idéias'.

Assim, a história cultural abre novas perspectivas de trabalho em história da educação, na medida em que oferece a possibilidade de uma história das representações e, também, ao privilegiar uma história dos suportes materiais, nas formas impressas ou manuscritas, considerando o método como uma *arqueologia dos objetos*,<sup>6</sup> como o propõe Chartier (NUNES; CARVALHO, 2005).

Essa forma de entendimento da pesquisa histórica tem sido adotada como profícua pela história da educação que, segundo Nunes e Carvalho (2005), compreende a riqueza de seus objetos culturais, uma vez que possibilita o uso de uma gama variada de fontes que a redefine. Essas fontes abrem caminhos e possibilidades para pensar: a escolarização; a escola como instituição mediadora; os usos dos bens culturais produzidos pela educação, como os impressos pedagógicos; a utilização de novos referenciais teórico-metodológicos que compreendem a cultura como prática. Assim, também,

Sob todas essas formas, os estudos de história cultural, na medida em que se configuram como investigações de ponta na historiografia contemporânea, têm posto novas exigências de trabalho para o estudo de objetos que anteriormente eram domínio exclusivo da história da educação (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 48).

Alguns estudos que se propõem a analisar as aproximações entre a história cultural e a história da educação (FONSECA, 2003; NUNES; CARVALHO, 2005; FALCON, 2006), indicam que é recente a utilização dos pressupostos da história cultural por pesquisadores da história da educação, contudo, trata-se de uma prática crescente. Sendo assim, Fonseca (2003, p. 61) lembra que, mesmo considerando que nem sempre os estudos apontam exatamente que tipo de usos são feitos desses pressupostos, “[...] é inegável uma mudança no perfil da pesquisa em História da Educação no Brasil e a influência que a História Cultural tem tido nela”.

Se, no âmbito da Historiografia educacional, a utilização dos recursos oferecidos pela história cultural é recente, na Educação Física, é possível dizer que poucos são os estudos de cunho historiográfico que tomam como guia esses princípios. As pesquisas mais recentes, especialmente desenvolvidas nos domínios

---

<sup>6</sup> Termo proposto por Chartier (1988). Conforme Nunes e Carvalho (2005, p. 50), “[...] tal arqueologia é incompatível com a separação do texto (e, portanto, mais ainda das 'idéias' do texto) das formas impressas ou manuscritas que lhe servem de suporte”.



da história da Educação Física, só nos últimos anos têm-se utilizado dessas implicações teórico-metodológicas. À guisa de exemplo, é possível citar, entre alguns dos mais recentes, os seguintes estudos: Vago (2002), Schneider (2003), Bermond (2007), Linhales (2006), todos realizados em programas de Pós-Graduação em Educação.

### **Do uso do impresso como fonte/objeto da Historiografia**

Este estudo pauta-se, ainda, no fato de “[...] o impresso [...] [poder ser considerado como] uma alternativa viável para se compreender o campo pedagógico” (SCHNEIDER, 2004, p. 42), pois se constitui em um objeto profícuo para a produção de uma história da educação e, por conseguinte, da Educação Física, menos centrada nas leis e regimentos e mais preocupada com os processos de apropriação e uso dos saberes em circulação.

Nóvoa (1997, p. 11), ao analisar o papel da imprensa educacional na produção e circulação dos discursos pedagógicos, afirma:

A análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível *macro* do sistema mas também no plano *micro* da experiência completa, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente. Trata-se, por isso, de um *corpus* essencial para a história da educação, mas também para a criação de uma outra cultura pedagógica (grifo do autor).

Para além da utilização dos discursos contidos no impresso, proposta por Nóvoa (1997), Schneider (2004, p. 42), recorrendo a Chartier, acrescenta: “Essa nova investida prioriza o exame dos objetos investigados, utilizando como referência a cultura, o que remete o pesquisador ao tratamento do objeto pela sua materialidade”, fato que permite também dar a ver os processos e as formas como determinados objetos são utilizados como dispositivos pertinentes para a constituição de novas culturas.

Para um melhor entendimento do percurso de pesquisa, as proposições desenvolvidas por Chartier (1988, 1991) acerca do uso do impresso na Historiografia têm iluminado a compreensão do objeto. Trabalhando com a história do livro, o autor chama a atenção para uma abordagem que abarque o objeto como dispositivo material, buscando compreender as estratégias que colocam o impresso em

circulação. Contudo, com alguns cuidados, essas proposições são satisfatoriamente cabíveis para o estudo do impresso periódico.

Inicialmente, alguns conceitos apresentados sob a perspectiva desse historiador são fundamentais. O primeiro deles é o conceito de (lutas de) *representação*. Das distintas possibilidades que os impressos oferecem para a investigação, esse conceito, no modo como é utilizado por Chartier (1988), diz muito do encaminhamento desta pesquisa, na medida em que propõe que existe, na relação com o mundo social,

[...] em primeiro lugar, o trabalho de *classificação e de delimitação* que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as *práticas* que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as *formas institucionalizadas* e objectivadas graças às quais uns 'representantes' (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1988, p. 23, grifo do autor).

Sob essa perspectiva, os modos como eram pensadas a infância, a educação escolarizada e a Educação Física pelos diferentes grupos que escreviam para as revistas ou, dizendo de outro modo, as representações acerca desses aspectos que me são dadas a ler constituem a questão central do estudo.

Nesse processo de delineamento da intenção de pesquisa, outro conceito, o de *apropriação* que, para Chartier (1991, p. 180), “[...] visa uma história social dos usos e das interpretações referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem”, constitui uma idéia que motiva múltiplos aspectos da análise. Inicialmente, estaria ligado ao modo como os conhecimentos, a exemplo daqueles produzidos pelos intelectuais das áreas médico-higienistas, da Psicologia, entre outras que davam apoio a muitas das idéias veiculadas nas revistas, eram apropriados pelos articulistas da imprensa periódica, fundamentando, explícita ou implicitamente, as suas representações.

Assim, a idéia de *apropriação* contribui, nesse momento, para pensar algumas questões: como os intelectuais do período se muniam dos conhecimentos específicos das áreas da Pedagogia, da Psicologia, das áreas médicas, biológicas e esportivas para pensar a Educação Física e a educação das crianças no período, por meio das revistas investigadas? É possível pensar as apropriações que os

distintos leitores faziam das prescrições que circulavam nos artigos (nas escolas, nas residências, nas particularidades das aulas de Educação Física)?

Ao relatar o percurso teórico-metodológico para precisar o objeto de estudo no campo da história cultural e da história da Educação Física, entendo como necessário me deter ao exame mais particularizado da *Revista de Educação Física* (do Exército) e da revista *Educação Physica* que circularam em período simultâneo. Esses periódicos são aqui entendidos como meios capazes de dar a ver aspectos ainda não totalmente compreendidos a respeito do processo de constituição das formas com as quais se procurou significar a Educação Física, dos saberes que lhe deram suporte como disciplina escolar nas décadas de 1930 e 1940 e, ainda, das lutas que envolveram sua constituição como espaço de disputas pela acumulação de *capital simbólico*.

A abordagem dos periódicos como fontes/objetos de investigação, quando analisados com base em sua materialidade, possibilita perguntar ao artefato sobre os motivos de sua produção, ao tomá-lo como dispositivo (elementos que compõem uma estratégia) e como aparelho crítico (hierarquização dos dispositivos em um suporte material com a finalidade de didatizar seu uso, em determinada situação de manuseio e controle da leitura, ou sofisticação de seu *design*, com o objetivo de torná-lo mais atraente ao público consumidor), como mecanismo que é colocado em circulação com certa finalidade. Questionar o objeto, nesse sentido, é compreendê-lo mais do que como mediador do discurso, pois as linhas, as entrelinhas e os aspectos que estão para além delas são capazes de oferecer representações de um tempo e de um espaço de lutas.

Certeau (2004, p. 99), subsidiando o pensamento de Chartier, apresenta, entre outros conceitos indispensáveis a esta pesquisa, o conceito de *estratégia*, “[...] o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica [ou uma editora]) pode ser isolado”.

Ao utilizar as possibilidades que as proposições de Certeau (2004) anunciam para as pesquisas que tenham por objeto o impresso, é pertinente falar dos lugares de poder dos grupos que escreviam para os periódicos. A *Revista de Educação Física* (do Exército) estava sob a tutela dos militares da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), e a revista *Educação Physica* pertencia a uma casa de edição representada por intelectuais do meio civil. Atores pertencentes a organismos que

têm “[...] um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo” (CERTEAU, 2004, p. 99), onde o poder é sempre preliminar do saber. Organismos que, pela via da estratégia, constroem um “saber próprio” e o colocam à leitura.

Assim, a noção de *lugar*, referente ao lugar próprio onde os elementos se distribuem nas relações de coexistência, e o de *espaço*, onde há um cruzamento de móveis e onde as relações se desdobram, são noções mobilizadas por Certeau (2004) e articuladas aos conceitos de *estratégia* e *tática* que ajudam a compreender não apenas a origem das idéias e dos saberes que os atores constroem e colocam em circulação como também a relação entre eles e as lutas travadas na busca da consolidação de seus projetos.

Nunes e Carvalho (2005) entendem que o conceito de *estratégia*, associado ao de *tática*, é crucial para a elaboração de uma teoria sobre as práticas e, nesse sentido, entendem que são grandes e impactantes as contribuições de Certeau (2004), ao pensar o consumo cultural como produção.

## DA DISSERTAÇÃO

É possível dividir o estudo em cinco capítulos, nos quais a tentativa é, por meio daquilo que constitui, materialmente, os periódicos investigados, compreender quais saberes e quais modelos de educação (física) eram veiculados e que lutas eram travadas por detrás dessas representações.

No primeiro capítulo, apresento um panorama da criação das revistas investigadas: *Revista de Educação Física* (do Exército) e revista *Educação Physica*, situando-as no espaço/tempo em que são produzidas e postas em circulação. O objetivo aqui é também mostrar quais usos foram feitos dessas revistas na Historiografia da Educação e da Educação Física.

Em seguida, no segundo capítulo, apresento as aproximações e as divergências materiais e temáticas entre os periódicos utilizados como fonte. Com base na análise das capas, dos sumários, dos editoriais e dos elementos mais ínfimos que compõem as duas revistas, procuro colocar em cena algumas prescrições presentes em ambas as revistas, ao considerar as práticas de divulgação e circulação de saberes que elas dão a ler/ver, de modo que a atenção se concentre nos sentidos contidos nas formas.

No terceiro capítulo, procedo a um mapeamento das fontes, de modo a abordar, materialmente, os artigos que envolvem diretamente a educação da infância. A tentativa é apontar as proximidades e os distanciamentos entre os periódicos, quando têm por direcionamento as discussões relativas à educação e à Educação Física infantil, relacionando-as com os atores que as escreveram.

No quarto e no quinto capítulos, a atenção é destinada a apresentar os saberes veiculados como necessários a uma profícua educação das crianças. Para isso, atento para a veiculação de prescrições pela via dos periódicos da Educação Física – *Revista de Educação Física* (do Exército), no quarto capítulo, e revista *Educação Physica*, no quinto capítulo. A intenção centra-se, especialmente, nas prescrições e nos modelos direcionados a uma educação da infância escolarizada. Nesses capítulos, procedo a algumas reflexões em torno das representações dos diferentes atores que deram vida aos periódicos, buscando compreender suas intenções para a formação das crianças, na relação com um projeto de modernização e de nacionalização que estava em voga naquele momento e que considera a escola como meio para regenerar e nacionalizar a população.

## CAPÍTULO 1º

### **1 AS FONTES DE INVESTIGAÇÃO: REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO) E REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA**

Ampla tem sido a investida no impresso periódico como fonte privilegiada na Historiografia educacional brasileira, pois esse tipo de documento oferece muitas possibilidades de análise, ao ser incluído entre as novas fontes e objetos no que tange à história cultural. De acordo com Vilela et al. (2004, p. 402),

Eleger periódicos como objeto de estudo permite que o historiador amplie suas fontes tradicionais e, assim, tenha acesso aos dispositivos discursivos que configuram determinados campos do saber. A análise desses materiais possibilita compreender como os indivíduos produzem seu mundo social e cultural – na intersecção das estratégias do impresso, que visa instaurar uma ordem desejada pela autoridade que o produziu ou permitiu sua publicação, com a apropriação feita pelos leitores: nesse espaço, percebemos as dependências que os unem e os conflitos que os separam, detectamos suas alianças e enfrentamentos.

Com esse entendimento, e ao utilizar como fontes/objetos de investigação a *Revista de Educação Física* (do Exército) e a revista *Educação Physica*, minha intenção neste capítulo, é traçar, por meio de estudos já realizados e do exame dos próprios periódicos, em seu conjunto, um panorama de produção e circulação de ambas as revistas, considerando esta etapa como profundamente importante ao olhar para o impresso como objeto, enxergando-o não somente pela carga semântica que oferece.

Reforço que esse percurso se fundamenta nas proposições de Chartier (1988, 1991, 2002) no sentido de que entender o impresso e as representações que ele oferece à leitura implica pensar as suas estratégias de editoração e as lutas que envolveram a tomada de decisões em torno desse suporte que dá a ler/ver determinados preceitos e prescrições, o que inclui compreender a existência do impresso nas discontinuidades do curso da História.

Desse modo, entendo que apresentar (e me apresentar) as revistas é compreendê-las como produtos de relações entre diferentes atores e, assim, entender que são objetos culturais, por meio dos quais saberes, modelos e formas de pensar a Educação Física e a Educação são colocados à leitura. Chartier (2002, p. 61-62), ao estudar a história do livro e dos impressos, diz ser essencial considerar o

[...] processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e lêem. Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou visão, participam profundamente da construção de seus significados. O 'mesmo' texto, fixado em letras, não é o 'mesmo' caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação.

Ao tomar as revistas, de início, separadamente e, em seguida, de acordo com suas aproximações, importa, neste primeiro momento, compreendê-las como diferentes dispositivos originários de distintas instâncias de poder, por meio dos quais se propunha à leitura de indivíduos e de grupos, institucionalizados ou não, uma série de proposições em torno da educação escolarizada ou fora da escola, de crianças, jovens e adultos, sendo meio de divulgação do pensamento acadêmico-pedagógico (mas também político) acerca da Educação Física e dos saberes que diziam ser de sua competência.

É também um propósito, neste espaço, apresentar os principais *usos*<sup>7</sup> historiográficos das duas revistas investigadas, realizados nos âmbitos da Educação e da Educação Física, apresentando uma análise das dissertações, das teses e de outros estudos, nos quais esses periódicos foram utilizados como fonte ou objeto, de forma ampla ou pormenorizada, para que se torne mais tangível a aproximação e a compreensão das revistas. Não pretendo efetuar julgamentos com relação a esses trabalhos, pois cada um deles foi desenvolvido sob determinada concepção e em épocas diferenciadas, mas simplesmente apresentar o modo como esses periódicos foram utilizados em pesquisas que objetivavam compreender e construir uma história para a Educação Física no Brasil.

---

<sup>7</sup> O termo *usos* é aqui apropriado a partir de Certeau (2004, p. 93), que o entende como ações “[...] que são a sua formalidade e a sua inventividade próprias e que organizam em surdina o trabalho de formigas do consumo”.

## 1.1 REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO): O PANORAMA DE SUA CRIAÇÃO E SEUS USOS NA HISTORIOGRAFIA

### 1.1.1 O panorama de criação da revista

Para compreender o percurso histórico<sup>8</sup> da *Revista de Educação Física* (do Exército), inicio o trajeto partindo do próprio conjunto das revistas, no qual é possível ler/ver as marcas que lhe conferem materialidade. Convém, então, interrogar as fontes acerca dos modos de sua produção, do grupo que o produziu, das impressões e das relações desse grupo inscritas nos textos e nas formas do periódico. Assim, procuro, como salienta Bloch (2001, p. 78), apegar-me [...] com muito mais ardor ao que [o objeto me] deixa entender, sem haver pretendido dizê-lo [sic]”.

Ainda inexplorada na Historiografia como objeto, em consideração a uma arqueologia, a *Revista de Educação Física* (do Exército)<sup>9</sup> consiste em um amplo desafio de investigação, pois, não existindo um estudo denso que aborde essa fonte, analisando-a naquilo que a constitui em “papel e tinta”, esse esforço requer uma busca mais intensa na fonte/objeto.

Para isso, tenho em mãos o conjunto dos exemplares de 1932 a 1942, preservado “[...] como produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2003, p. 535-536), e que constitui parte do *corpus* documental da investigação.<sup>10</sup> Além desses documentos, alguns estudos mais recentes (FERREIRA NETO, 1999a; FERREIRA NETO et. al., 2002; FERREIRA NETO; BERMOND; MAIA, 2003; SANTOS; LOCATELLI; MAIA, 2003)<sup>11</sup> ajudam a iluminar esse percurso. A partir dos testemunhos dos documentos, e das

<sup>8</sup> Refiro-me aqui à *existência* material da *revista*, que não apenas se dá como texto, mas como objeto palpável, composto das folhas, da impressão, das cores, da espessura, do tamanho, como elemento concreto, em oposição à idéia solta e à simples (mas não tão simples) carga semântica. Assim, a *revista* é entendida como repleta da inscrição do autor, mas também do editor, do impressor e daquele que a lê. Essa idéia diverge daquela que propõe compreender a *revista* pelo seu *ciclo de vida* (CATANI; SOUZA, 1999), mas tem em vista que as formas importam quando se propõe a absorver delas o significado.

<sup>9</sup> A *Revista de Educação Física* (do Exército) pode ser acessada na internet, local em que está disponível a coleção completa – digitalizada – do periódico (<http://www.revistadeeducacaofisica.com.br>).

<sup>10</sup> Le Goff (2003, p. 525) enfatiza sobre os documentos: “De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”.

<sup>11</sup> Os estudos citados são trabalhos desenvolvidos pelos membros do PROTEORIA, envolvendo o “ciclo de vida” da *Revista de Educação Física* (do Exército).



questões que já lhes foram dirigidas em outros estudos, passo a apresentar, de modo inicial, um panorama da criação dessa revista, considerando que os *indícios*<sup>12</sup> abrem o caminho e as formas produzem os significados.

A *Revista de Educação Física* (do Exército) foi posta em circulação no mês de maio de 1932, no Rio de Janeiro. É considerada o veículo oficial de divulgação dos pressupostos do Exército para a Educação Física (escolar ou não), abrangendo vasta e predominante circulação no Brasil, em meios militares e civis (FERREIRA NETO, 1999a).

A primeira grande marca que diferencia a *Revista de Educação Física* (do Exército) da revista *Educação Physica* é o contexto de sua criação: a primeira nasce da iniciativa dos militares e, portanto, traz as marcas e as visões de mundo que circundava a EsEFEx<sup>13</sup> e a segunda é projetada, produzida e circunscrita por intelectuais do meio civil. As diferenças colocam as duas revistas como elementos ricos que podem dar a ver diferentes representações (e lutas de representações) em torno da educação da infância sob o cunho de diferentes projetos.

Ao contrário da revista dos civis, a *Revista de Educação Física* (do Exército) expõe seu possível desinteresse comercial,<sup>14</sup> quando, em matéria pela comemoração do quarto ano da revista, em maio de 1935, Áureo Moraes (1935, p. 2) pontua aqueles que seriam os reais objetivos do periódico:

Desinteressada completamente de lucros comerciais – pois do contrário sua existência já estaria finda há muito tempo – esta revista cuida principalmente da propaganda da educação física no Brasil, da divulgação de conhecimentos técnicos e pedagógicos relativos aos desportos em geral, do estudo da medicina desportiva, ciência ainda incipiente em nosso país, e de tudo mais, enfim, que possa contribuir, direta ou indiretamente, para o bem da raça brasileira.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> Para Ginzburg (2002, p. 177), “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifra-la [sic]”.

<sup>13</sup> O nome da instituição era “Centro Militar de Educação Física” até outubro de 1933, quando foi transformada, em cerimônia que contou com a presença de Getúlio Vargas, em “Escola de Educação Física do Exército” (FERREIRA NETO, 1999). Atualmente, a editoração da revista é de responsabilidade de um departamento específico dentro da EsEFEX, o “Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército”.

<sup>14</sup> Ao folhear o periódico, é possível inferir que esse desinteresse enfatizado pelos editores não era tão desinteressado. Conforme a revista vai-se adaptando ao meio editorial, cresce, em suas páginas, o número de anúncios e propagandas, por exemplo, o que indica a venda de espaços comerciais no periódico e, portando, um levantamento de fundos que poderiam ajudar na manutenção de suas publicações ou mesmo na melhoria da qualidade do impresso. Além disso, a revista era distribuída comercialmente, tanto por meio de assinaturas como por exemplares avulsos.

<sup>15</sup> Nas citações extraídas dos periódicos *Revista de Educação Física* (do Exército) e revista *Educação Physica*, utilizadas ao longo de todo o trabalho, será preservada a grafia original.

Esse periódico traz em seu corpo as intenções de se fixar como projeto oficial para a Educação Física escolar. Seu primeiro diretor e idealizador, o tenente-coronel Newton de Andrade Cavalcanti, era membro da Missão Indígena<sup>16</sup> e ganhou prestígio e reconhecimento por conta da criação da revista, considerada por Ferreira Neto (1999a, p. 50) como um avanço no “[...] projeto militar de expansão da Educação Física”.

A investigação de Ferreira Neto, Bermond e Maia (2003) acerca do *ciclo de vida*<sup>17</sup> da *Revista de Educação Física* (do Exército) me fornece alguns dados importantes, também visíveis e palpáveis nos exemplares originais de que disponho, quais sejam: a revista possuía uma periodicidade variável, circulando bimestral, trimestral ou quadrimestralmente.

O expediente do periódico era composto por oficiais do Exército que ocupavam as funções de diretores, gerentes e secretários. Contudo a revista mantinha como seus colaboradores, além de militares, também civis. A formação desse expediente, que aparece no segundo número e varia nos anos seguintes, inclui, além do tenente-coronel Cavalcanti, o vice-diretor, capitão Ilídio Rômulo Colônia; o redator-secretário, capitão Inácio de Freitas Rolim; o diretor-tesoureiro, primeiro-tenente Aristides Leite Penteado e o redator-chefe, primeiro-tenente João Ribeiro Pinheiro.

Em termos materiais, o impresso era produzido no formato de página próximo ao A4, e possuía muitas imagens e uma diagramação bastante variada, até mesmo em um único número. As revistas oscilavam em número de páginas, sendo uma média de 40, e tinham uma tiragem entre 2.000 e 5.000 exemplares por número (FERREIRA NETO; BERMOND; MAIA, 2003). É possível, ainda, salientar que algumas alterações, no decorrer dos anos, como os números de página, que somente aparecem após a sétima edição da revista, parecem ser detalhes que vão enquadrando, paulatinamente, o impresso nos moldes da imprensa nacional.

Na página de abertura da primeira revista, pode-se notar o desejo de nacionalização e regeneração do Brasil e a (auto)exaltação do Exército, que conclama ao reconhecimento dos feitos inquestionáveis dos militares. Numa

---

<sup>16</sup> Conforme Ferreira Neto (1999), os jovens membros da Missão Indígena eram procedentes de uma formação de inspiração germânica.

<sup>17</sup> O termo é apresentado aqui, no modo como é entendido por Catani e Souza (1999), como elementos informados por uma investigação que tem por foco o estabelecimento de uma história serial e de repertórios analíticos.

associação entre os termos “militarismo” e “educação física”, registram uma posição e um lugar onde germinam as vozes e os anseios veiculados pela revista. Os feitos dos quais se fala incluem a nacionalização, a alfabetização e a higienização social, mas, “Agora o Exército prepara-se febrilmente para realizar mais uma grande obra. Ele vai ser o escultor da raça como foi o escultor da nacionalidade” (PINHEIRO, 1932, s. p.), colocando, assim, a Educação Física como requisito para a entrada dos jovens na Escola de Soldado, pois ela traz benefícios “maravilhosos e oportunos”.

De início, em poucas e sóbrias cores, que, muitas vezes, restringiam-se às capas, a revista foi crescendo na utilização de recursos iconográficos e propagandísticos e se comunicando com seus leitores por meio de textos mais densos, com uma multiplicidade de fotografias, desenhos, diagramações diversificadas e texturas variadas.

A revista foi idealizada, criada e posta em circulação sob a tutela dos militares, mas, em suas páginas, é possível encontrar, conforme foi dito, alguns indícios e, especialmente, textos que também eram redigidos por civis, o que suscita a busca pelos motivos dessa abertura, já que a intenção parecia ser a de difundir um modo de ver/fazer a Educação Física, o modo dos militares, tornando a *Revista de Educação Física* (do Exército) o veículo predominante.

### **1.1.2 Usos da *Revista Educação Física* (do Exército) na Historiografia**

Em relação à escrita da história da Educação Física, foi possível encontrar alguns estudos que se atêm à *Revista de Educação Física* (do Exército), como fonte exclusiva ou como uma das fontes de pesquisa, quais sejam: três dissertações de mestrado (GOELLNER, 1992; SOEIRO, 2003; BERMOND, 2007), duas teses de doutorado (FERREIRA NETO, 1999a; LINHALES, 2006) e um artigo (FERREIRA NETO; BERMOND; MAIA, 2003) que apresentam usos bastante diferenciados, abalizados pela concepção historiográfica que envolve os pesquisadores de cada período, bem como pelas necessidades e especificidades de cada objeto.

Procurando reconstruir o itinerário de usos historiográficos da *Revista de Educação Física* (do Exército), o primeiro estudo que foi possível localizar é a dissertação de mestrado de *Magali Alonso de Lima* (1980), que também utilizou a revista *Educação Física* em sua investigação. A dissertação foi elaborada no

Instituto de Estudos Avançados em Educação, na Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Intitulada “O corpo no espaço e no tempo: a Educação Física no Estado Novo (1937-1945)”, versa sobre a Educação Física como *locus* de disciplinação do corpo, adotando, como referencial, as proposições de Foucault, buscando uma aproximação de sua teoria acerca do corpo, compreendendo-o como alvo do poder, com a realidade brasileira e com o momento político que o País viveu no período, podendo haver, durante o chamado Estado Novo, uma preparação de um ser humano mais disciplinado, produtivo e sadio, por meio da regulação social.

A autora utiliza a *Revista de Educação Física* (do Exército) como uma fonte de análise, juntamente com outros periódicos do mesmo período, atentando para os discursos que veiculavam nessa fonte, na busca de compreender “[...] que saber está informando este corpo produzido pela Educação Física e que representações estão sendo veiculadas da sociedade” (LIMA, 1980, p. 5-6) e, assim, pautada numa visão que tem por parâmetro a ideologia, propõe-se a compreender as relações da Educação Física com os ideais nacionalistas, na direção de uma formação integral do homem.

Com a atenção voltada também para o Estado Novo, a dissertação desenvolvida por *Mario Ribeiro Cantarino Filho* (1982), na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, traz como tema “A Educação Física no Estado Novo: história e doutrina”. Nela, o autor apresenta uma longa narrativa acerca dos fatos históricos que configuraram esse período, dando especial atenção ao governo Vargas e apresentando o modo como a Educação Física foi tomada nesse momento histórico brasileiro. O autor não explicita seu referencial teórico, mas, conforme Ferreira Neto (1999a), o estudo apresenta características da concepção Episódica de História. Nesse sentido, seu trabalho faz um apanhado dos reflexos da ideologia que circundava o Estado Novo na educação e, especialmente, na Educação Física brasileira.

Cantarino Filho (1982) recorria à revista, entre outros periódicos da época, somente para fins de referência e reafirmação de seus argumentos, não fazendo menção particular ao trato do periódico como fonte. Entre suas conclusões, o autor enfatiza que, durante o período do Estado Novo, a Educação Física era subserviente aos ditames da ideologia do governo de Getúlio Vargas que era ditatorial e não se colocava a serviço dos brasileiros.

A dissertação de mestrado de *Sonia de Deus Rodrigues Bercito*, desenvolvida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no ano de 1991, intitulada “Ser forte para fazer a nação forte: a Educação Física no Brasil (1932-1945)”, centra-se na década de 1930 e primeira metade da década de 1940, enfocando a disseminação da Educação Física no Brasil e as suas implicações político-ideológicas do contexto da era Vargas. Para tanto, a autora parte de uma análise dos textos contidos na *Revista de Educação Física* (do Exército)<sup>18</sup> e também na revista *Educação Physica*. A autora salienta:

Por definirem-se como periódicos destinados a difundir a importância dessa prática [a Educação Física] para além do público especializado, constituindo-se em porta-vozes dos grupos mais expressivos ligados então à Educação Física, configuram-se como um importante meio de observação de como buscava-se envolver a sociedade num esforço coletivo de disseminar essa prática (BERCITO, 1991, p. 9).

Bercito (1991) justifica o seu recorte historiográfico firmada, especialmente, no fato de essas revistas terem circulado em um período politicamente marcante, o Estado Novo, entendendo que esse foi um momento de “[...] consolidação de um Estado Autoritário que acabou por conferir um colorido particular à Educação Física” (1991, p. 7). Nesse sentido, a autora relata que sua atenção se voltou para os artigos em cujo discurso era possível encontrar propostas políticas para a Educação Física.

Bercito (1991, p. 35) compreende as revistas como “[...] um projeto de disseminação da Educação Física” que permite uma reflexão acerca da construção da nacionalidade, tratada como categoria social, da identidade nacional e da Nação brasileira. O período escolhido para análise trata-se de um momento de consolidação não apenas de um Estado Autoritário, mas também da própria Educação Física no País. Para a autora, o fato de a Educação Física ser difundida pelo País não significava que ela estivesse sendo democratizada; aprimorar o físico, melhorar a saúde e o bem-estar dos indivíduos tinha um significado social: por meio da felicidade coletiva, o objetivo era atingir a conformação e o controle dos indivíduos.

No estudo de *Silvana Vilodre Goellner* (1992), resultante do mestrado em Ciências do Movimento Humano, da Escola Superior de Educação Física da

---

<sup>18</sup> Além das duas revistas, a autora atentou também para o *Boletim de Educação Física* e para artigos publicados em outros periódicos.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que foi intitulado “O método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola”, foram feitas referências, entre outras fontes, à *Revista de Educação Física* (do Exército).

A autora que, conforme Ferreira Neto (1999a, p. 20), “[...] assume uma concepção materialista da história”, busca situar a utilização e oficialização do método francês no contexto brasileiro, salientando que esse método deixou profundas marcas no fazer pedagógico da Educação Física, a partir das intervenções dos militares. Os objetivos de Goellner (1992) são investigar: o contexto histórico no qual o método francês foi elaborado (a dizer da Escola Militar de Joinville-le-Pont) e seus objetivos; a concepção de ciência que o envolvia; no Brasil, que pressupostos ideológicos sustentaram sua vigência; como se desenvolveu e que implicações trouxe para a Educação Física escolar.

O referencial teórico escolhido pela autora diz respeito aos autores da história da Educação Física, e a *Revista de Educação Física* (do Exército) parece ser tomada como fonte complementar, analisada, entre outros periódicos, para compreender os processos de oficialização do método francês no Brasil.

A tese de doutoramento de *Amarílio Ferreira Neto*, realizada na Faculdade de Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, em 1999, é outro exemplo de uso da *Revista de Educação Física* (do Exército) como fonte historiográfica. O autor, partindo da incorporação dos triunfos europeus na sociedade brasileira, como forma de construir um projeto nacional que tivesse em vista a constituição de um “novo homem”, assinala que a Educação Física foi coadjuvante nesse sentido, tendo como seus interventores os médicos-higienistas e, de forma particular, os militares.

Ferreira Neto (1999a, p. 13) anuncia, como objetivo de seu estudo, “[...] apreender a contribuição/influência dos militares brasileiros na constituição de uma Pedagogia da Educação Física no Brasil” e focaliza o período entre 1880 e 1950, justificando seu estudo como tendo relevância científica, ao partir de fontes produzidas e postas em circulação pelos próprios militares, entre as quais está a *Revista de Educação Física*, e social, na medida em que parte de um segmento importante da História Social brasileira, compreendendo sua relevância para a educação no Brasil.

A revista, nesse estudo, é utilizada como uma das fontes primárias.<sup>19</sup> O autor atentou para os editoriais, a sessão pedagógica e a sessão unidade de doutrina do periódico. O periódico é considerado pelo autor como “Um avanço no projeto de expansão da Educação Física” (FERREIRA NETO, 1999a, p. 135), quando do início de sua circulação, em 1932, e como principal (oficial) órgão de divulgação dos pressupostos da EsEFEx para a Educação Física brasileira no âmbito da escola e da Educação Física nos mais diversos setores.

Entre os estudos mais recentes, está a dissertação de *Renato Souza Pinto Soeiro*, concluída em 2003, na Universidade Castelo Branco, na cidade do Rio de Janeiro. Soeiro (2003) deixa clara, no título da dissertação, “A contribuição da Escola de Educação Física do Exército para o esporte nacional: 1933 a 2000”, sua intenção de pesquisa e acrescenta, como objetivos específicos, que seu intento inclui “[...] descrever a trajetória da EsEFEx (Escola de Educação Física do Exército) frente à configuração do esporte nacional; analisar que momentos de ruptura podem ter ocorrido nesse espaço temporal; discutir a contribuição desta instituição para a construção do esporte nacional” (SOEIRO, 2003, p. 14).

Soeiro (2003) tem por base a perspectiva teórico-metodológica de Le Goff, situando sua pesquisa no estudo da memória. Nesse sentido, é possível dizer que o autor utiliza a *Revista de Educação Física* (do Exército), tomando-a mais como referência e fonte de informações e menos como documento e meio de veiculação de propostas, prescrições, saberes e modelos.

Entre os estudos desenvolvidos nos últimos anos, uma pesquisa no âmbito da história da educação, onde é realizado um breve, mas significativo uso da *Revista de Educação Física* (do Exército), é a tese de doutorado de *Meily Assbú Linhales*, sob o título: “A escola, o esporte e a ‘energização do caráter’: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935)”, defendida no ano de 2006, na Universidade Federal de Minas Gerais, e que versa sobre a relação entre o esporte e a educação escolarizada. Nesse estudo, a autora procura compreender os motivos pelos quais as práticas esportivas participaram de um projeto cultural que tinha a escola como meio para organizar e disciplinarizar a vida social.

A autora utiliza a revista, como fonte secundária, apenas de 1932 a 1935, dentro do recorte temporal proposto para seu estudo. Aponta ser perceptível no

---

<sup>19</sup> Além da *Revista de Educação Física* (do Exército), o autor utilizou a revista “A Defesa Nacional”, com lançamento em 1913, entre outros arquivos.

periódico um diálogo entre a ABE e os militares, em que esses grupos apresentam polêmicas e divergências, mas também afinidades e parcerias. De acordo com a autora, é possível encontrar na revista artigos de alguns associados da ABE com algumas proposições escolanovistas. Conforme Linhales (2006, p. 222), “Buscando modernizar o seu discurso, o Exército trazia para as páginas da revista textos e autores vinculados ao pensamento escolanovista tentando ajustá-los aos seus propósitos cívicos”.

Defendida em setembro de 2007, a dissertação de mestrado de *Magda Terezinha Bermond* configura-se em um dos estudos mais próximos do trabalho aqui desenvolvido, especialmente por ser parte de um mesmo projeto acerca da constituição de uma teoria para a Educação Física brasileira no século XX, desenvolvida no PROTEORIA.

Nesse estudo, a autora procedeu a um mapeamento da produção sobre Educação Física escolar contida na *revista* e atentou para as possíveis apropriações das concepções pedagógicas de autores como Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey, justificando seu estudo no fato de as concepções propostas por esses autores estrangeiros estarem em circulação nos artigos sobre a Educação Física escolar, sendo tomadas como referenciais provenientes da Pedagogia. Esta, segundo a autora, nessa época, foi fortemente influenciada pela Psicologia, e esses autores, mesmo não sendo contemporâneos, foram vistos como representantes de uma concepção educacional, que forneceria bases pedagógicas para uma Educação Física “racional” e/ou “científica”.

É relevante ainda mencionar um artigo publicado na Revista Movimento, em 2003, resultante de estudo desenvolvido por *Amarílio Ferreira Neto*, *Magda Terezinha Bermond* e *Ediane de Melo Maia*, intitulado “Revista de Educação Física: ciclo de vida, seção unidade de doutrina e lição de Educação Física (1932 a 2002)”, em que a atenção se volta, especificamente, para a *Revista de Educação Física* (do Exército), analisando-a como fonte e também como projeto editorial: em que são observados seus eixos doutrinários e pedagógicos, por meio do exame de duas seções da revista.

Pensando nas aproximações possíveis, os estudos ora mencionados possuem relevância para a história da Educação Física, ao preencherem algumas lacunas e produzirem/descortinarem outras. O estudo de Goellner (1992), por exemplo, toma como referenciais alguns autores da própria história da Educação



Física, apontando as ausências em seus trabalhos, os quais via como lineares e pautados na narração de fatos, assinalando que sua pesquisa se volta mais para a interpretação do *como* e do *porquê*.

De forma geral, alguns estudos ora apresentados possuem relevância para este trabalho, no sentido de que fornecem subsídios para novas discussões, a exemplo da tese de Ferreira Neto (1999a), ao discutir a contribuição do Exército para uma pedagogia da Educação Física. Nessa direção, o artigo de Ferreira Neto, Bermond e Maia (2003) toma a revista de Educação Física como fonte, enfocando o seu ciclo de vida, o que o torna um estudo bastante significativo para este trabalho. Ainda ao tratar da relevância, apesar de o estudo de Linhales (2006) não abarcar a *Revista de Educação Física* (do Exército) como a principal fonte, as questões levantadas por essa autora fornecem importantes pistas para esta dissertação, ao abordar a escolarização do esporte e tomar a Associação Brasileira de Educação como lugar de produção de práticas discursivas e institucionais e ao enfatizar as relações entre os militares e essa instituição.

## 1.2 REVISTA *EDUCAÇÃO PHYSICA*: O PANORAMA DE SUA CRIAÇÃO E SEUS USOS NA HISTORIOGRAFIA

### 1.2.1 O panorama de criação da revista

A dissertação desenvolvida por Schneider (2003) buscou, pela via da história cultural e da arqueologia dos objetos, compreender a revista pelas camadas que, em analogia a um processo arqueológico de escavação, revelam, de forma mais surpreendente, elementos que permitem compreender a cultura de um lugar/região ou de praticantes por meio dos vestígios que foram conservados, intencionalmente ou não.

Desse modo, atentar para as práticas de sua criação e circulação é bastante esclarecedor. O autor examina a revista, observando seus ritmos de produção, sua periodização, suas fases e intervenções editoriais, analisando-a, além disso, também como um projeto cultural de modificação dos costumes. A análise de Schneider (2003, p. 21) se propôs a conhecer a revista do ponto de vista material,

[...] conhecer sua fórmula editorial [o modo pelo qual determinado grupo cria identidade visual e processos de manuseio de um impresso], os usos objetivados para ela, as representações dos editores em relação à revista, as representações que esses editores fazem de si mesmos e dos leitores que consomem o impresso.

Assim, em seu estudo, procura compreender a revista “[...] como objeto cultural, como campo de disputa e lutas de representações” (SCHNEIDER, 2003, p. 34).

O periódico em questão é, antes de qualquer coisa, um impresso de destinação comercial, que compete, nesse sentido, com outros periódicos especializados da área, no período de sua circulação, tanto em vendas, como meio de difusão de um projeto para a Educação Física e para os esportes, quanto como forma que busca moldar os saberes e as ações dos professores na realidade escolar.

A revista *Educação Physica* nasce no Rio de Janeiro, sob a direção de Paulo Lotufo e Oswaldo Murgel Rezende, professores de Educação Física e primeiros editores da revista, aos quais se juntou mais tarde, na revista de n. 6, Roland de Souza, que passou do cargo de tesoureiro para a direção conjunta da revista. O primeiro número é colocado em circulação em maio de 1932,<sup>20</sup> e a revista circulou durante 13 anos, somando no total 88 publicações, das quais dois exemplares, os de n. 28/29 e 79/80, tiveram dois números publicados num mesmo volume.

Entre as modificações que o periódico sofreu ao longo dos anos de sua circulação, é possível notar algumas alterações em seu título. O título de lançamento, em 1932, era *Educação Physica: Revista Technica de Esportes e Athletismo*. Alguns anos depois, em dezembro de 1937, a revista ganha nova designação, passando a ser conhecida como *Educação Physica: Revista Técnica de Esportes e Saúde*, mas, no ano seguinte, suprimiu-se o termo *técnica* e a revista passou a ser conhecida como *Educação Physica: Revista de Esportes e Saúde*. Em 1939, no exemplar de números conjugados, 28/29, é perceptível a adoção das novas normas ortográficas de 1937, e torna-se *Educação Física: Revista de Esportes e Saúde*, título que permanece até o último número (SOUZA NETO, 1998; SCHNEIDER, 2003).

---

<sup>20</sup> Não constam, nesse primeiro exemplar, informações sobre o seu mês de publicação. Registra somente o ano de 1932 e a inscrição “1º Semestre”. Essas informações só serão anunciadas mais tarde. Portanto não me é possível afirmar com certeza que essa revista tenha sido colocada em circulação no mesmo período em que a *Revista de Educação Física* (do Exército).

No entendimento de Schneider (2003), o objetivo apresentado no primeiro editorial da revista aponta a ambição de vir a ser uma base orientadora para a Educação Física em todo o País e, posteriormente, fora dele. Os princípios que norteavam o periódico eram bem expostos pelos editores em todos os números a partir do segundo, ressaltando: a vulgarização dos princípios científicos que dariam apoio à Educação Física; a contribuição para o desenvolvimento do esporte, como aperfeiçoador da raça; a formação profissional; o enaltecimento dos valores morais e sociais por meio das atividades corporais; a colaboração com o governo e com as instituições particulares, servindo de apoio para a construção de programas de Educação Física nas escolas e, por fim, como promotora da união entre indivíduos e organizações interessados no progresso da Educação Física.

O projeto da revista, fundamentado em objetivos amplos, tinha a intenção de

[...] redimensionar o modo que indivíduos, instituições e o Estado estavam relegando às questões que envolviam a Educação Física e o esporte, em um plano educacional de modificações dos costumes e de sua capacidade de aperfeiçoar em termos de eficiência física, mas também moral, a juventude brasileira (SCHNEIDER, 2003, p. 41).

Outro aspecto relevante, também tratado por Schneider (2003), diz respeito ao ritmo da revista que é separada por ele em dois períodos, cujo marco divisor é o ano de 1938. Assim, nos seis primeiros anos, os diretores encontram-se em fase de elaboração e consolidação de uma estratégia e, após esse período, a revista passa por um momento de estabilidade.

O autor procede ainda a um extenso detalhamento acerca das mudanças no expediente da revista, apontando seus diretores e editores, bem como os colaboradores de diversos países e regiões brasileiras que fizeram parte do grupo que empreendia a revista em diferentes momentos. Durante todo o período, é possível notar uma constante mudança nos postos ocupados pelos nomes que estavam à frente do impresso.

Numa busca corrente pelo acúmulo de capital simbólico, havia uma necessidade de se reunir o máximo possível de personalidades em prol da causa da Educação Física, o que acarretaria reconhecimento e prestígio, pois

Vincular o nome da *Revista* a personalidades significativas do período é importante para apresentar a publicação ao público, fazendo com que esse reconheça o periódico como um fórum de discussão sobre os problemas da Educação Física, com ampla aceitação, pois todos que nela são apresentados ‘coadunam’ com seus objetivos e se lá estão é porque aprovaram tal iniciativa (SCHNEIDER, 2003, p. 48, grifo do autor).

Esse agrupamento de figuras conhecidas para compor o rol dos grandes nomes da Educação Física se dá na direção de tornar o periódico um lugar onde a fala fosse autorizada, considerando a criação e a circulação de outros periódicos que competiam nesse período com a revista *Educação Physica*.

### 1.2.2 Usos da revista *Educação Physica* na Historiografia

O trabalho de levantamento e localização possibilitou encontrar quatro dissertações de mestrado (LIMA, 1980; CANTARINO FILHO, 1982; BERCITO, 1991; SCHNEIDER, 2003) e duas teses de doutorado (GOELLNER, 1999; GÓIS JUNIOR, 2003) desenvolvidas em diferentes programas de Pós-Graduação do País e, ainda, dois artigos (SOUZA NETO, 1998; DANAILOF, 2005) que abordam a revista *Educação Physica* como fonte ou objeto. É possível ainda citar alguns artigos desenvolvidos no PROTEORIA, como “Autores, atores e editores: os periódicos como dispositivos de conformação do campo científico/pedagógico da educação física” (SCHNEIDER; FERREIRA NETO; SANTOS, 2005) e “Entre a correção e a eficiência: mutações no significado da Educação Física nas décadas de 1930 e 1940: um estudo a partir da revista *Educação Physica*” (SCHNEIDER, 2004).

Entre os estudos que foram encontrados, as dissertações de mestrado de *Magali Alonso de Lima* (1980), *Mario Ribeiro Cantarino Filho* (1982) e de *Sonia de Deus Rodrigues Bercito* (1991) já foram aqui mencionadas.

Uma das mais recentes é a dissertação de mestrado de *Omar Schneider* (2003), realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, já citada. Trata-se da única pesquisa encontrada que toma o periódico pela sua materialidade, apontando como metodologia a *arqueologia dos objetos*, com fundamentos na história cultural e, mais precisamente, nas proposituras de Chartier.

Numa outra perspectiva, alguns estudos que utilizam a revista *Educação Physica* como fonte foram encontrados, um deles é a tese de doutorado de *Silvana*

*Vilodre Goellner* (1999), defendida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, intitulada: “Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica”. Divergindo dos argumentos propostos nas dissertações analisadas, Goellner (1999), ao se referir ao Estado Novo, diz que “[...] os editores da *Revista* não a transformaram num simples veículo de propaganda ideológica desse sistema político, ainda que essa estivesse presente” (GOELLNER, 1999, p. 6, grifo da autora).

Goellner (1999) atenta para as imagens da mulher, tomadas como representativas de certos valores sociais próprios de um tempo específico, o tempo de sua elaboração. Assim diz a autora: “Olho a *Revista Educação Physica* tentando compreender seu entorno e o quê dos valores, preconceitos e ideologias lá presentes, reproduzem-se no seu interior” (1999, p. 15, grifo da autora). O olhar da autora está focado na ênfase dada pela revista às imagens e textos que ela fazia circular, a uma educação dos corpos das mulheres no período investigado, ênfase, por vezes, utilitária. Essa análise parte das temáticas que dizem respeito a uma educação da mulher, ou que a prescreve, e que trata, em suma, de sua beleza, de sua capacidade de ser mãe e de sua feminilidade, ideais da mulher moderna. A autora aborda as novas necessidades sociais trazidas com o projeto de modernização do País, em que outras maneiras de exercitar o corpo feminino ganham lugar na corrida por um ajuste ao novo tempo.

A tese de *Edivaldo Góis Junior* (2003), desenvolvida na Universidade Gama Filho, em 2003, que tem por referencial as idéias de Hobsbawm e Skinner, se propõe a analisar a trajetória do movimento higienista ao longo do século XX, realizando uma comparação entre a primeira e a segunda metade desse século. O autor aborda, entre outras fontes, a revista *Educação Physica*, afirmando que seu ano de criação e circulação é também o período em que se inicia um debate da Educação Física em torno das teorias higienistas e dos métodos de ensino.

Góis Junior (2003) atenta para a revista, reportando-se à coluna *Hygiene* e às temáticas acerca da instrução oferecida pelo periódico para melhorar as condições de saúde, bem como aos editoriais, procedendo, ainda, a uma breve análise de algumas imagens do impresso. Em suas conclusões, o autor assinala que o movimento higienista ou sanitaria do século XX vai além da periodização situada nos anos 1930 ou 1940, como propõem alguns autores, prosseguindo até o final do século XX, quiçá, até o início do século XXI. O trabalho de Góis Junior (2003), que

parte de um referencial diferente do proposto para este estudo, parece oferecer bons indícios que podem contribuir no desenrolar das discussões que se seguem.

Além das dissertações e das teses apresentadas, localizei dois artigos nos quais a revista *Educação Physica* é utilizada como fonte, como é o caso do texto de *Samuel de Souza Neto*, “Profissão, história e sociedade: Hollanda Loyola e a Educação Física”, apresentado no II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, em 1998, que abarca a organização profissional na área da Educação Física, utilizando, como “fonte de consulta”, a revista *Educação Physica* e tendo como direcionamento os artigos de Hollanda Loyola, considerado por ele como “[...] personagem ímpar que vai dar luz a revista” (1998, p. 577), defendendo os ideais da nação e liderando a luta pela nova profissão.

No texto de *Kátia Danailof*, publicado na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, no ano de 2005, sob o título “Imagens da Infância: a educação e o corpo em 1930 e 1940 no Brasil”, a autora analisa as fotografias da infância, veiculadas na revista *Educação Physica* e outras fontes, tendo como intuito promover “[...] uma reflexão sobre a idéia de infância aliada à proposta de Educação Física Escolar nos anos de 1930 e 1940 no Brasil” (DANAÍLOF, 2005, p. 25). A autora faz referência a uma educação que toma por base os pressupostos da Medicina, considerando certo diálogo entre médicos higienistas, pedagogos e ambiente escolar para pensar um ideal de criança e da sua educação que permeava o período.

Entre os estudos examinados, é possível notar certa aproximação, bem como algumas divergências. As dissertações de Lima (1980), Cantarino Filho (1982) e Bercito (1991) fazem fortes menções ao período denominado Estado Novo,<sup>21</sup> enfatizando o governo de Getúlio Vargas, fazendo referência ao autoritarismo e às formas de controle social. Contudo apenas Lima (1980) e Bercito (1991) deixam clara a utilização de um referencial para o desenvolvimento de suas idéias. Schneider (2003) faz algumas observações em torno das discussões propostas por essas autoras, quais sejam: Bercito (1991) e Lima (1980) utilizam Foucault como referencial teórico para tratar as formas de controle social e da disciplinarização dos corpos; tomam como pano de fundo o Governo Vargas, “[...] o que faz com que a figura de Getúlio Vargas e seus ministros fiquem em destaque, deixando as outras ações não gerenciadas pelo Estado apagadas” (SCHNEIDER, 2003, p. 33).

---

<sup>21</sup> Bercito analisa o periódico, abordando-o também nos dois anos anteriores ao Estado Novo, que abrange uma parte do Governo provisório –1930-1932.

As autoras utilizam no impresso questões que corroboram suas argumentações acerca da disciplina e do controle que estava nas mãos do Estado; a Educação é vista como um aparelho ideológico que, tomado pela conjuntura política, seria capaz de moldar o indivíduo conforme as necessidades sociais.

Juntamente com o estudo de Cantarino Filho (1982), essas dissertações partem do contexto político e histórico bem traçado para encaminhar suas problematizações e construir suas argumentações tendo como meio, ou um dos meios, alguns discursos veiculados pela revista *Educação Physica*. Assim, compreendo que o texto do autor parte de uma perspectiva de pesquisa diferente daquela à qual me associo, mas vejo-o como importante, à medida que fornece elementos para a compreensão do/s periódico/s, ao situar a revista *Educação Physica* no tempo e ao não deixar perder de vista o contexto no qual, como projetos culturais, as revistas se inserem.

As teses de Goellner (1999) e de Góis Junior (2003) e os artigos de Souza Neto (1998) e de Danailof (2005) são estudos mais próximos de minha perspectiva de trabalho, menos pela proximidade do referencial e mais pela forma de abordagem das fontes e por terem a revista *Educação Physica* como *locus* de suas análises. Assim, parecem aproximar-se mais de uma perspectiva que tome o impresso em suas particularidades, como produto cultural, no qual é possível ler/ver as representações.

Por fim, a dissertação de Schneider (2003) e os estudos desenvolvidos pelos membros do PROTEORIA, por partirem da mesma concepção historiográfica, buscando analisar o impresso tendo em vista a seus aspectos materiais, configuram-se em estudos bastante relevantes para o desenrolar de questões nesta dissertação.

A realização desta primeira parte do estudo se deu no sentido de apresentar e situar as fontes/objetos, buscando entrar, paulatinamente, no mérito do estudo de sua materialidade, como forma de concretizar a aproximação com esses periódicos. A tarefa de localizar os estudos que tiveram como fontes os impressos que utilizo na investigação permitiu compreender não apenas um pouco do percurso da Historiografia da Educação Física, no trato com os periódicos, como também perceber certas lacunas nos estudos localizados, em relação ao uso da imprensa periódica como documentos.

Um ponto relevante para pensar diz respeito ao fato de que vários estudos, entre os que foram aqui apresentados, utilizam as duas revistas como fonte ao

mesmo tempo, além de outros tipos de documentos em suas investigações. Sendo assim, alguns desses autores acabam analisando as revistas como se fizessem parte de um mesmo projeto, como lembra Schneider (2003), ou, ainda, como se dessem a ler as ideologias e as formas de coerção que realçavam o período conhecido como Estado Novo. São estudos cuja ênfase se encontra muito mais situada no período, ou seja, no contexto e menos no objeto. Assim, penso que as fontes são frutos de diferentes *lugares* e diferentes posições e, portanto, podem dar a ver lutas e representações sobre um mesmo tema, qual seja, a educação da infância escolarizada ou não.



## CAPÍTULO 2º

### 2 DAS FORMAS AOS SENTIDOS: APROXIMAÇÕES MATERIAIS ENTRE AS REVISTAS E SUAS PRÁTICAS DE DIVULGAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES

A realização da pesquisa nos moldes propostos, primeiramente, requer situá-la no tempo e no espaço e pensar nos processos e nas práticas que envolveram sua produção para, assim, caminhar na tentativa de compreender seus significados. Para Chartier (1988), a compreensão desses significados demanda um regresso ao próprio impresso, como objeto.

Isso significa centrar a atenção nos modos de organização dos periódicos, *Revista de Educação Física* (do Exército) e revista *Educação Physica*, como objetos e entendê-los como projetos editoriais “[...] focando a atenção aos múltiplos dispositivos editoriais que são produzidos estrategicamente pelos editores a fim de aumentarem seu controle sobre a leitura” (SCHNEIDER, 2003, p. 67).

Para tanto, Chartier (2002, p. 64) chama a atenção para o processo de produção e publicação dos impressos que

[...] implica sempre uma pluralidade de espaços, de técnicas, de máquinas e de indivíduos. Portanto, [abordá-los pela sua materialidade] trata-se, antes de tudo, de encontrar quais foram as diferentes decisões e intervenções que deram aos textos impressos suas diferentes formas materiais.

Examinar aproximações possíveis entre a *Revista de Educação Física* (do Exército) e a revista *Educação Physica* implica ressaltar, inicialmente, aquilo que pontua suas maiores diferenças. Ao pensar no local de origem, por exemplo, as revistas apontam, inicialmente, algumas de suas convergências ao serem criadas na cidade do Rio de Janeiro e acentuam como a data de seu nascimento, o mês de maio<sup>22</sup> de 1932. Contudo as concepções que marcam a profundidade de suas divergências se encontram inscritas nas páginas desses periódicos.

É possível começar, apoiando-me nas proposições de Certeau (2004), pois alguns conceitos, na forma como são desenvolvidos por esse autor, parecem ser

---

<sup>22</sup> Conforme Schneider (2003), o primeiro número da revista *Educação Physica*, lançada em 1932, não contém informações sobre o mês de lançamento, o que somente vai acontecer na revista n. 34, de setembro de 1939, onde, na ficha técnica, menciona-se a data de publicação do primeiro número, sendo isso reafirmado na matéria de abertura do n. 79/80, de 1944, quando o impresso comemora 12 anos de circulação. Portanto não me é possível afirmar, exatamente, o mês de nascimento desse periódico, pois a datação do impresso feita posteriormente pode indicar uma estratégia dos editores para localizar o nascimento do impresso no mesmo mês da *Revista de Educação Física* (do Exército).

bastante pertinentes como ferramentas para se compreender os impressos investigados. O primeiro deles envolve a noção de *lugar*. Para Certeau (2004, p. 201),

Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns *ao lado* dos outros, cada um situado num lugar 'próprio' e distinto que [os] define (grifo do autor).

Ao considerar os impressos como produtos de *práticas*, é necessário pensar nos *lugares* (próprios) ocupados pelas diferentes instâncias de poder das quais se originam cada um deles. Esses são *lugares* onde ocorrem múltiplas relações sociais, algumas das quais podem ser notadas em suas páginas, tanto nos textos, como nos demais elementos que constituem as revistas.

A *Revista de Educação Física* (do Exército) é criada sob a guarda e editoração dos militares da EsEFEx, onde a revista era/é produzida. Já a revista *Educação Física* ganha forma no meio civil. É representada, em sua maioria, por professores de Educação Física com formação ou algum tipo de vinculação à Associação Cristã de Moços (ACM) e é pertencente a uma empresa comercial, a Cia. Brasil Editora S.A. Portanto é possível dizer, em princípio, que os periódicos investigados surgem em lugares distintos e próprios, sob a tutela de grupos, os civis e os militares,<sup>23</sup> que lutam por ser a voz autorizada da Educação Física brasileira.

Uma observação inicial e panorâmica das revistas aponta também uma possível relação de cordialidade<sup>24</sup> entre esses grupos, de modo que é perceptível certa circulação de alguns dos intelectuais que escreviam para as revistas, ou seja, existiam civis, pertencentes ao corpo editorial da revista civil, ou não, que escreviam para o periódico militar e vice-versa. Nesse sentido, parece ser viável a utilização de outro conceito de Certeau, o de *espaço*.

O *espaço* é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais (CERTEAU, 2004, p. 202, grifo do autor).

<sup>23</sup> Nesse período, os militares eram, oficialmente, os responsáveis pelo método aplicado à Educação Física, em âmbito nacional. Além disso, possuíam uma escola de formação de professores – a EsEFEx. Desse modo, as lutas aqui mencionadas referem-se à busca por um maior número de leitores, e por terem em poder o veículo autorizado a falar pela Educação Física ou a prescrever formas de intervenção na escola ou fora dela.

<sup>24</sup> Cf. Ferreira Neto, Bermond e Maia (2003, p. 101).

Assim, os atores e suas representações se fazem movimentar entre os diferentes grupos, nos quais também é possível notar as resistências e as lutas de representação que, pelo monopólio do espaço da Educação Física brasileira, buscavam ser a voz autorizada.

## 2.1 APROXIMAÇÕES PELA MATERIALIDADE

A fim de demonstrar mais fielmente as diferenças, as lutas e, por vezes, certa cordialidade, bem como melhor compreender as práticas que faziam circular determinados saberes, uma análise envolvendo as formas desses periódicos foi realizada, no sentido de captar os possíveis pontos de cisão e de coesão entre aquilo que se fazia circular nos dois periódicos.

Essa parte do estudo objetiva apresentar, com maior profundidade, as revistas e, assim, compreender melhor os projetos que eram feitos circular por meio desses periódicos. Não é meu intento aqui realizar uma profunda arqueologia do objeto, conforme já fez Schneider (2003) com a revista *Educação Física*, pois isso implicaria um estudo à parte. O que pretendo é abordar materialmente os periódicos nos pontos em que apresentem relação com a proposta de investigação para, com base na análise das formas, buscar aproximação com os significados que levaram as revistas a serem criadas, a circularem e a defenderem uma causa nas décadas de 1930 e 1940.

Nesse direcionamento, a análise considera o conceito de *estratégia* de Certeau (2004), já anunciado, que parte da distinção de um próprio em relação aos poderes do outro e, assim, se configura nas ações práticas para monopolizar algo.

No caso das revistas analisadas, sua materialidade é a encarnação das estratégias de conformação, utilizadas pelos idealizadores/editores de cada periódico como fórmulas editoriais empregadas para fazer circular as representações que envolvem as revistas como projetos bem demarcados, visando a destacar-se, ou colocar em destaque aqueles que estão à frente de cada projeto, no domínio do espaço em constituição.

Ao criar meios de aproximação com o objeto, num movimento de preparação do caminho para a análise a realizar-se a partir do terceiro capítulo, procuro

explicitar, inicialmente, algumas lutas de representação entre os dois diferentes grupos em torno das orientações aos distintos leitores: prescrições sobre aquilo que seria necessário ensinar às crianças, sobre como cuidar delas, como evitar a delinqüência, a fim de torná-las cidadãos ideais para o serviço ao Estado. Assim, os aspectos materiais aqui analisados são importantes, se relacionados com o objeto de investigação: as representações dos grupos envolvidos na educação escolarizada e também extra-escolar das crianças, nas décadas de 1930 e 1940, quando esses periódicos foram contemporâneos.

Nessa perspectiva, a análise compreende uma visão geral a partir das capas, dos editoriais, dos sumários, da iconografia, das propagandas e dos demais elementos contidos em ambos os periódicos, como forma de compreender as organizações editoriais que fizeram circular as revistas. Contudo será ainda possível vislumbrar essas aproximações materiais, e também temáticas, ao longo de toda a dissertação, por serem parte complementar da intenção de pesquisa.

Da aproximação com esses elementos foram surgindo necessidades e novas formas de abordagem de maneira que a tentativa aqui implica ora uma análise em separado dessas informações, ora o cruzamento dos dados que foram encontrados.<sup>25</sup>

### **2.1.1 Das capas**

Uma primeira aproximação com as revistas compreende as capas, por constituírem-se em “portas de entrada” para aquilo que os periódicos oferecem em seu interior e por poderem dizer muito daquilo que se deseja vulgarizar. Ainda que os textos e os outros elementos que constituem as revistas, por vezes, apresentem uma “outra” conotação, as capas podem ter servido como estratégias de conformação da abordagem dos periódicos e de sua leitura. Desse modo, conforme Schneider (2003), no processo de produção da fórmula editorial de um impresso, são feitos investimentos em relação às capas para que elas se tornem mais atraentes aos leitores. As capas de um periódico configuram um “Lugar de

---

<sup>25</sup> Com relação à revista *Educação Physica*, boa parte dos dados foram analisados com base no estudo realizado por Schneider (2003).

reconhecimento, [...] revelam ao leitor antecipadamente o que é a *Revista*, sem que a tenha que folhear” (SCHNEIDER, 2003, p. 69).

Nos dois periódicos em tela, esse é o componente com uma grande variação de cores e imagens e, na maior parte dos exemplares, é o único elemento colorido. Também é um dispositivo que varia bastante em sua forma, em detalhes que buscam por uma padronização, como modo de adaptação gradativa ao mercado editorial.

A revista *Educação Physica*, contemplada no estudo de sua arqueologia por Schneider (2003), teve suas capas analisadas em profundidade por esse autor, que marcou, em detalhes, as principais mudanças ocorridas em sua configuração ao longo dos 13 anos em que circulou. Um estudo assim arqueológico ainda não foi realizado tendo como objeto a *Revista de Educação Física* (do Exército), de modo que, para a realização das aproximações, foi necessário um maior desdobramento e um olhar mais aguçado sobre esse periódico.

Pelo fato de pertencer aos militares, a *Revista de Educação Física* (do Exército) possui propostas “diferentes” daquelas que circulavam na revista civil. Ela apresenta, em suas capas, algumas peculiaridades.

As capas da *Revista de Educação Física* (do Exército), como as da revista civil, apresentam uma configuração bastante variada. Há um crescimento gradativo na organização dos elementos que as compõem como projeto editorial, ao longo dos números publicados.

De modo geral, as capas apresentam um *layout* inconstante até a revista n. 21, como se isso significasse certa dificuldade de determinar um padrão e de definir uma “fachada” para a revista. Durante esse período, há a predominância de um determinado tipo de letra<sup>26</sup> até o n. 13, variando apenas em tamanho, cores e localização no *layout*. Uma oscilação também é perceptível nas inscrições de ano e número da revista.

A primeira capa, da revista de maio de 1932, é constituída apenas por traços simétricos e pelo sumário. A partir do segundo número, as capas apresentam fotografias ou, na maior parte das vezes, pinturas mais elaboradas e mais coloridas. O sumário passa a aparecer no interior da revista.

---

<sup>26</sup> A letra utilizada para os títulos da *revista*, no período designado, é um tipo que, devido às suas características, aproxima-se ao *Lithos* sem serifas, que é classificada por Bringhurst (2005) entre as versais criadas na Europa para títulos. O tipo *Lithos* é baseado em antigas letras de inscrição gregas, cujos traços apresentam várias modulações sutis.

A capa do exemplar n. 22 marca a colocação de um novo elemento que parece se configurar em uma tentativa de padronização para as capas seguintes (desse exemplar até o último número analisado - 55). O título, em caixa-alta, com destaque para os termos “revista” e “educação física”, aparece dentro de uma borda retangular, possuindo, à esquerda, um símbolo constituído por um desenho representando o Discóbolo de Mirón<sup>27</sup> sobreposto por uma estrela de cinco pontas<sup>28</sup> dentro de um círculo.

Ao longo desse período, a apresentação das imagens é variável, ora cobrindo todo o fundo da capa, ora se localizando dentro de um quadro. Há uma oscilação entre fotografias e pinturas, representando as diferentes modalidades esportivas, símbolos olímpicos e, em alguns casos, pinturas e fotografias dos modelos atléticos romanos e gregos.

Durante esses anos, a letra do título da revista só varia entre os números 39 e 44 e, do 40 ao 44, as informações referentes ao mês, ano, número e preço aparecem em uma faixa na borda inferior da capa. No número 45, é retomado o modelo de apresentação da capa utilizado anteriormente.

Outras modificações ocorrem ainda no tipo de letra e na colocação de informações, como número, mês e ano. Quanto às imagens, circulam pelas capas desse periódico desenhos e fotografias de mulheres, relacionados com o esporte ou a exposição da graciosidade de seus corpos e dos instintos de mulher do lar e de maternidade e, ainda, fotografias de crianças.

Quanto à revista *Educação Physica*, que teve seus aspectos materiais analisados por Schneider (2003), é possível enfatizar os mais marcantes e determinantes para o periódico.

Do momento em que a revista entra em circulação até o seu décimo quarto número, é perceptível um maior nível de elaboração nas capas, que apresentam uma grande variação de cores, formas, imagens intensas, acabamento e fundo. Até a revista n. 5, as capas expõem o conteúdo que seria possível encontrar no interior das revistas. Durante esse período, há certa dificuldade de se estabelecer um padrão. O *layout*, em cada número, sofre modificações. Somente a partir da décima revista, começa-se a estabelecer um modelo mais constante.

---

<sup>27</sup> Célebre estátua atlética grega esculpida por Miron no século V a.C., que se tornou, no ano de 2002, o símbolo oficial da Educação Física no Brasil.

<sup>28</sup> A estrela se assemelha àquela que compõe o “Brasão Nacional”, também chamado de “Armas Nacionais”, criado juntamente com a Bandeira Nacional em novembro de 1889.

A revista n. 11 traz uma capa que será utilizada durante várias publicações ao longo dos anos. Trata-se de um formato que apresenta maiores facilidades na produção, constando de menos cores e menos detalhes. O título da revista passa a ser impresso em letras maiúsculas no tipo romano, e as imagens, que apresentam autorias pela primeira vez, localizam-se em um quadro na lateral direita, com número e ano, na parte inferior esquerda. Esse é o formato que se mantém constante do n. 15 ao 27, sendo, posteriormente retomado, do n. 33 ao 72 e do 76 ao 85, com algumas sutis diferenças. Durante esse período, há uma maior constância na utilização de fotografias ou desenhos que exponham a beleza dos corpos representados pelas estátuas gregas.

Da revista n. 28/29 até a 32, há uma modificação no tipo de letra utilizado, na expansão da gravura, bem como na localização das informações referentes a mês, ano e número. Nos números 73, 74 e 75, são alterados alguns detalhes no *layout*, como a expansão da imagem, deixando, ainda, de mencionar que é uma “revista de esportes e saúde”. Além disso, começa a apresentar-se como revista de publicação mensal. Contudo, como salienta Schneider (2003), ela deixa de ser mensal a partir desse momento e passa a ser publicada bimestralmente.

Por fim, nos três últimos números, uma mudança no tipo de letra marca a diferença entre estes e os números anteriores.

Além dessas observações de Schneider (2003), algumas outras características podem ser visualizadas no plano geral das capas analisadas, quais sejam: a presença feminina no âmbito dos esportes já é possível notar, nas imagens das capas, a partir da revista n. 4; imagens de mulheres aparecem diversas vezes nos números subseqüentes, sempre enfocando a beleza das formas feminis; no n. 40, do ano de 1940, a capa apresenta, pela primeira vez, uma fotografia de crianças em brincadeira de roda, contudo não localizei artigo que se refira à educação da criança nesse número.

Para Schneider (2003, p. 73), a utilização dessa diversidade de imagens nas capas é uma busca por “[...] persuadir os leitores a adquirir o impresso pela exposição de corpos em movimento, homens e mulheres felizes e engajados na busca de desenvolver um corpo belo, perfeito e de linhas bem definidas”. Tais imagens “[...] são reproduzidas como o exemplo do cultivo do corpo e adestramento/aperfeiçoamento das energias corpóreas”.

Nas capas de ambos os periódicos, há uma predominância de imagens entre desenhos e fotografias, que representam as diversas modalidades esportivas. Assim, de modo geral, por meio do elemento capa, é possível dizer que os projetos estariam, em certa medida, próximos no sentido de que buscam chamar a atenção de seus leitores para o seu conteúdo. Contudo é possível que nem sempre correspondam totalmente às idéias que se pretende difundir, agindo, então, como *dispositivos modelizadores de leitura*.

Sobre esse aspecto, Chartier (2002, p. 71), que enfatiza a importância das formas (materialidade) na produção do sentido, acrescenta que “[...] elas também contribuem plenamente para modelar as antecipações do leitor face ao texto e para atrair novos públicos ou usos inéditos”. Toledo (2001, p. 150) corrobora essa idéia,<sup>29</sup> ao dizer que, “Com o objetivo de aceder ao público e ordenar uma circulação específica para o material [...] o editor constrói dispositivos de auxílio à leitura, para que o leitor possa se identificar com o leque de escolhas contidas [nesses impressos]”.

### 2.1.2 Dos sumários

Com relação aos sumários, outro elemento constituidor das formas de um periódico, uma primeira questão marcante diz respeito ao seu modo de organização, o que mostra uma maior ou menor proximidade e adequação aos moldes da imprensa nacional no período em que as revistas circularam, indicando, mais uma vez, a maneira como os leitores deveriam consumir as matérias do impresso.

Dos 55 números examinados da *Revista de Educação Física* (do Exército), apenas 24 exemplares possuem um sumário e, nas outras 31 publicações, as matérias dadas a ler precisavam ser descobertas pelos leitores ao folhearem o periódico.

Por outro lado, a revista *Educação Physica* possuía uma maior organização nesse sentido, o que talvez se deva ao fato de ser editada num espaço já

---

<sup>29</sup> A autora estudou a Coleção “Atualidades Pedagógicas”, um conjunto de livros produzidos pela Companhia Editora Nacional, que foram organizados por Fernando de Azevedo e, anos mais tarde, por Damasco Penna, no período entre 1931 e 1979. Mesmo o estudo recaindo sobre uma coleção de livros, os aspectos por ela investigados parecem cabíveis ao estudo dos impressos periódicos.



especializado, a Companhia Brasil Editora S.A., ao passo que a *Revista de Educação Física* (do Exército) era produzida pelos próprios militares na EsEFEx.<sup>30</sup>

Ao contrário da *Revista de Educação Física* (do Exército), todos os exemplares da revista *Educação Physica* possuem sumários, os quais, no início, são mais simples e apresentam apenas as matérias dadas a ler, seguidas da indicação de suas páginas, à exceção do primeiro sumário que não possui números de página.

Posteriormente, a partir da revista n. 4, a configuração do sumário é alterada e chamada agora de “índice da matéria”. Aparece com uma nova organização em que as matérias são agrupadas conforme a temática de que tratam, indicadas por um título único, independentemente da ordem numérica em que se apresentem no texto. Isso aponta uma maior sofisticação da revista. Além disso, conforme Schneider (2003, p. 78), essa estratégia dos editores movimentava a própria revista “[...] regradando seus modos de manipulação, ou seja, a maneira como o impresso deveria ser consultado/lido”.

As temáticas apresentadas nos sumários dos dois periódicos nem sempre correspondem àquilo que eles oferecem como conteúdo. É possível encontrar no interior das revistas mais temas do que seus sumários sugerem.

Necessário é ressaltar que a forma de organização da revista *Educação Physica* indica uma maior clareza acerca das temáticas que veicula ao sistematizar seus índices e também por apresentar algumas práticas que conferem à revista maior organização, o que facilita seu uso pelos leitores. Assim, as temáticas encontradas nos sumários e identificadas ao folhear suas páginas indicam algumas peculiaridades, quais sejam:

- a) publicação de um sumário referente às matérias veiculadas nos primeiros dez anos de existência da revista, onde são explicitados os assuntos tratados e a quantidade de artigos existentes sobre eles;

---

<sup>30</sup> Essa afirmação tem fundamentos na matéria de abertura da revista n. 56, de 1947. Após cinco anos de interrupção da revista, nessa matéria, Eulidio Reis de Sant’anna aponta os motivos que levaram à interrupção da publicação, com a ida dos colaboradores — *que trocaram o aço das penas pelo das armas* — para a guerra e, ao retomar, “Foi necessário começar tudo outra vez, limpando as máquinas, espanando a poeira dos arquivos, para trazer, novamente ao Exército e a todos que se interessam pela Educação Física, a palavra de fé e entusiasmo que nos anima, o conselho e a orientação técnica que a experiência nos outorga” (SANT’ANNA, 1947, p. 1).

- b) encadernação dos números da revista por ano, sob a forma de enciclopédia;
- c) publicação de um *Índice Geral das Matérias Publicadas*, recurso que contém todos os temas veiculados na revista durante o ano.

Esses recursos, conforme Schneider (2003), vão sendo impressos paulatinamente como forma de manipulação, com vistas a um maior controle sobre os usos feitos do impresso, ajudando, possivelmente, a compreender a ênfase dada àqueles saberes aos quais os editores queriam dar destaque.

### **2.1.3 Dos anúncios e propagandas e da iconografia**

Entre os diversos elementos que dão forma às revistas investigadas, os anúncios e propagandas são, assim como todos os dispositivos que constituem esses impressos, meios que, de alguma forma, dão a ver as idéias constituidoras do projeto em circulação. De acordo com Gouvêa e Paixão (2004, p. 353),

Tem-se em vista considerar que os diferentes espaços de produção e circulação de discursos que operam socialmente, em sua construção textual, dirigem-se a um determinado leitor, o leitor ideal, construindo enunciados a partir de seu espaço de produção e circulação, ao mesmo tempo que, em seu interior, faz operar determinadas concepções referentes ao momento histórico e espaço de circulação do texto em questão.

A revista *Educação Física*, editada por uma empresa comercial, a Companhia Brasil Editora S.A., apresenta, desde os seus primeiros números, diversos anúncios propagandísticos. De acordo com Schneider (2003, p. 93), além de oferecer leitura informativa, recreativa e os conhecimentos tomados como necessários aos professores de Educação Física, essa revista funciona como “[...] um estande, local em que se expõem variados produtos e serviços ao público leitor. A Revista já nasce com essas características, mas, durante os anos, ela vai sendo paulatinamente sofisticada”.

Nas páginas desse impresso, é possível encontrar anúncios e propagandas dos mais diferentes itens, relacionados direta ou indiretamente com a proposta do periódico. São anúncios que envolvem desde produtos e serviços voltados para a potencialização da saúde dos indivíduos, de sua força, da melhoria da raça até

aqueles direcionados à beleza corporal. O bem-estar individual e familiar é o foco de boa parte dos anúncios. Na revista *Educação Physica*, é possível encontrar propagandas de imóveis, lojas, roupas, equipamentos, calçados, remédios, anúncios de aulas, professores, instituições diversas, especialmente as de ensino, entre outros. A alimentação, os materiais esportivos e livros, entre os mais variados, também são temas dos anúncios na revista *Educação Physica*.

Na Figura 1, o anúncio do “sal de frutas”, além de ser meio para vender o produto, dá indicações sobre o encargo com o cuidado dos filhos, apontando a mãe como a responsável pela prole.



FIGURA 1 – Propaganda na revista *Educação Physica*  
Fonte: Revista *Educação Physica*, n. 76, 1943.

Gouvêa e Paixão (2004), em estudo acerca da propaganda, nas décadas de 1930 e 1940, como veiculadora de uma nova sensibilidade em torno da infância, salientam que o leitor visado para esse tipo de enunciado, a exemplo da Figura 1, era, geralmente, a mãe. O intuito seria convencê-la da necessidade de adquirir o produto. Ressaltam as autoras que a imprensa, voltada mais especificamente para a classe média, procurava

[...] difundir a necessidade de aquisição de produtos de consumo voltados para o público infantil, marcadamente alimentícios e farmacológicos, que promovessem a saúde física e mental da criança [...]. Assim é que na confluência dos discursos médico-higienista e pedagógico escolanovista os reclames publicitários produziam enunciados sobre a infância, situando-a na moderna sociedade de consumo (GOUVÊA; PAIXÃO, 2004, p. 346).

Compreendo, assim, que as propagandas, por vezes, guardam certos sinais de um tempo, de um lugar e, especialmente, como é o caso dos impressos, das práticas que os produzem e das produções que veiculam.

A *Revista de Educação Física* (do Exército), talvez por não pertencer a uma empresa comercial, inicia sua publicação com um baixíssimo número de anúncios comerciais. Somente com o passar dos anos, os elementos propagandísticos começam a aparecer na revista.

Em estudo sobre o ciclo de vida dessa revista, Ferreira Neto, Bermond e Maia (2003, p. 98) afirmam que há uma

[...] divulgação irrestrita de todo tipo de produto [incluindo] pólvora, armas e munição, charuto, cigarro, bebidas alcoólicas, refrigerantes, movelaria, alfaiataria, equipamentos médicos, medicamentos, aparelhagem de ginástica, roupas esportivas, academia, etc.

A revista *Educação Physica*, mais uma vez demonstra uma maior organização editorial e, desde o seu primeiro ano, a partir do segundo número publicado, apresenta uma lista, chamada “Índice dos Anúncios”, contendo as propagandas que poderiam ser encontradas no interior do periódico. Para Schneider (2003), esse dispositivo surge com o propósito de didatizar a revista para que o leitor pudesse aproveitar, da melhor maneira possível, aquilo que era oferecido e encontrar, de forma mais rápida, até mesmo os produtos de que não precisasse. Esse tipo de organização da revista também era bastante conveniente para quem anunciava seus produtos.

O tratamento dado aos leitores, por meio desse dispositivo, toma-os também como consumidores e acentua a característica comercial da revista. Com essas práticas, ainda que isso fosse feito para angariar recursos que sustentassem a revista em circulação, vender acabava sendo uma de suas finalidades.

Com relação à diversidade iconográfica presente nos periódicos, as próprias propagandas são um exemplo. De modo geral, conforme Bastos, Lemos e Busnello (2007, p. 42), “A imagem é uma proposta ou protocolo de leitura, sugerindo ao leitor a compreensão do texto e do seu significado”. Essa idéia das autoras é balizada por Chartier ao dizer que a imagem

[...] pode constituir-se num lugar de memória que cristaliza, numa representação única, uma história, uma propaganda, um ensinamento, ou ser então construída como a figura moral, simbólica, analógica, que fornece o sentido global do texto, que uma leitura descontínua e vagabunda poderia fazer perder (CHARTIER, apud BASTOS; LEMOS; BUSNELLO, 2007, p. 42).

A maior parte dos anúncios é acompanhada de uma ou mais imagens que os represente, ou que molde um modo de lê-los. Roupas e acessórios, alimentos,

imóveis, cervejas, cigarros, desenhos representando crianças e adultos, equipamentos e utilidades domésticas são veiculados nas propagandas.

Além da iconografia que compõe os anúncios, as revistas se utilizam ricamente de fotografias e desenhos. A revista dos militares traz, em suas páginas, muitas fotografias, especialmente, aquelas que mostram as atividades desenvolvidas na EsEFEx ou que divulguem a prática da Educação Física em instituições de ensino.

São utilizadas, em diversos números da *Revista de Educação Física* (do Exército), várias páginas seguidas somente com fotografias e alguns enunciados que as apresentam. Essa prática pode ser vista como uma forma de preencher espaços vazios e aumentar o número de páginas da revista, em caso de não atingir um número determinado de textos ou, ainda, como forma de divulgar intensamente os feitos dos militares, já que são eles e a própria EsEFEx que aparecem nas fotografias, pois, num período de guerra, o papel era um item com alto preço e de difícil importação. A Figura 2 é um exemplo dessas indicações, com várias fotografias ocupando duas páginas da revista.



**FIGURA 2 – Fotografias nas páginas da Revista de Educação Física (do Exército)**  
 Fonte: *Revista de Educação Física* (do Exército), n. 34, 1937.

Na maior parte das ocorrências, as fotografias são em preto e branco, provavelmente, devido aos custos e à tecnologia de impressão e reprodução desse elemento, além dos custos que ele poderia gerar para um impresso periódico. As imagens aparecem coloridas apenas nas capas das revistas.

No caso da revista *Educação Physica*, há também uma riqueza de imagens em suas páginas. Como a revista consegue circular por muitos anos com um maior número de páginas do que a revista militar, é possível encontrar uma gama ainda mais variada de representações iconográficas nesse impresso.

Em ambas as revistas, desenhos são utilizados para demonstrar as técnicas das modalidades esportivas ou maneiras de executar determinadas práticas corporais. Na *Revista de Educação Física* (do Exército), alguns desenhos, como esquemas de jogos, por exemplo, são feitos manualmente.

#### **2.1.4 Dos períodos de circulação das revistas**

Um olhar sobre a materialidade das revistas pode tornar-se ainda mais significativo, quando esses impressos são acompanhados no tempo. Sua periodicidade é também um resultado das estratégias editoriais empregadas para fazer circular os periódicos, e seu exame indica o modo como eles foram se firmando ou não no meio editorial, amadurecendo, sofisticando-se para melhorar sua apresentação material e seus conteúdos, bem como para aumentar sua circulação. As oscilações que sofrem na veiculação também são dadas a ver por meio dessa análise e, por conseqüência, as lutas travadas, no espaço em movimento, para se estabelecer com voz ativa no mundo do impresso especializado da área da Educação Física.

Foi possível construir um quadro<sup>31</sup> que demonstrasse o número de publicações da *Revista de Educação Física* (do exército) dentro do período investigado. O Quadro 1 sinaliza uma irregularidade na publicação das revistas que foi, em alguns momentos, mensal, bimestral, trimestral. É perceptível que esse periódico parece passar por diversas fases de alta e baixa na produção. Ele inicia com três revistas/ano, interrompe a circulação em agosto de 1932 e retorna em janeiro de 1933. Nesse ano a revista publica dez números, com apenas duas interrupções nos meses de junho e setembro. No ano seguinte, as publicações são,

---

<sup>31</sup> Os Quadros 1 e 2 foram construídos com bases no quadro elaborado por Schneider (2003), em seu estudo sobre a materialidade da revista *Educação Physica*, o qual aparece nesta pesquisa, com dados adaptados.

inicialmente, trimestrais, com um intervalo de apenas um mês entre o penúltimo e o último número do ano. São, no total, cinco publicações durante o ano de 1934.

Em 1935, as publicações são mensais, com exceção do mês de janeiro, e, nos anos subseqüentes, volta a ser irregular: em 1936 e 1937, são publicadas quatro revistas em cada ano e, no ano seguinte, sete revistas seqüenciais de maio a novembro. Esse número sofre uma queda em 1939 e, em 1940, não há nenhuma publicação. A revista só volta a circular em 1941, com três publicações a partir de setembro e, no ano seguinte, com publicações bimestrais até o mês de agosto. O último número publicado dentro do período analisado foi colocado em circulação no mês de dezembro de 1942. Com cinco anos de interrupção, a revista é retomada no ano de 1947.<sup>32</sup>

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXERCITO)													
ANO/MÊS	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAIO	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	TOTAL
1932			1			2	3						3
1933	4	5	6	7	8		9	10		11	12	13	10
1934	14			15			16			17		18	5
1935		19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	11
1936			30		31			32		33			4
1937								34		35	36	37	4
1938					38	39	40	41	42	43	44		7
1939							45			46		47	3
1940													0
1941									48		49	50	3
1942		51		52		53		54				55	5
1943													0
1944													0
1945													0

QUADRO 1 - Número de publicações por ano da *Revista de Educação Física (do Exército)*

O quadro construído por Schneider (2003), ao investigar as estratégias editoriais que envolveram a revista *Educação Física*, ajuda a compreender o movimento de produção e circulação desse periódico. O autor aponta a irregularidade das publicações, que se inicia com circulação semestral, passando a ser anual durante os anos de 1933 e 1934, chegando a nenhuma publicação no ano de 1935, o que pode indicar dificuldades no processo de produção do periódico.

<sup>32</sup> No Quadro 1, é possível visualizar a circulação da revista somente até o ano de 1945, período estabelecido como recorte temporal para este estudo.

Os números voltam a crescer e a revista publica, respectivamente, três números/ano, seis números/ano e, finalmente, a publicação ocorre mensalmente em 1938. No ano seguinte, é possível notar a publicação de números conjugados (28/29 e 36/37) e, em 1942, são publicados dois números bimestralmente e os demais mensalmente. A partir de 1943, nota-se uma queda nas publicações que passam a ser ora bimestrais, ora mensais, ora ainda conjugadas, sendo, então, encerrada a circulação no mês de setembro do ano de 1945. É possível visualizar essas indicações no Quadro 2:

REVISTA <i>EDUCAÇÃO PHYSICA</i>													
ANO\MÊS	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAIO	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	TOTAL
1932					1							2	2
1933									3				1
1934			4										1
1935													0
1936				5					6			7	3
1937	8			9			10		11		12	13	6
1938	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	12
1939	26	27	28/29		30	31	32	33	34	35	36/37		10
1940	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	12
1941	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	12
1942	62		63		64	65	66	67	68	69	70	71	10
1943	72		73		74		75					76	5
1944			77	78	79/80		81	82	83				6
1945	84		85		86		87		88				5

QUADRO 2 - Número de publicações por ano da revista *Educação Physica*

Fonte: Schneider (2003).<sup>33</sup>

Os Quadros 1 e 2 apontam que as revistas viveram fases bem diferentes num mesmo período, assemelhando-se, porém, na dificuldade de se manterem estáveis no meio editorial. Aparentemente mais engajada no processo de produção de um impresso, a revista *Educação Physica*, a partir do seu sexto ano, consegue atingir um número alto de publicações, chegando a conseguir publicar mensalmente, sem interrupções, em três anos e, por duas vezes, lançar dez números por ano (1933 e 1945). Parece que, quando uma delas ascendia na produção, a outra declinava, mas não existem ainda evidências que comprovem essa relação. Nos Gráficos 1 e 2, é possível visualizar melhor a periodicidade dessas revistas:

<sup>33</sup> Nota: Dados adaptados.



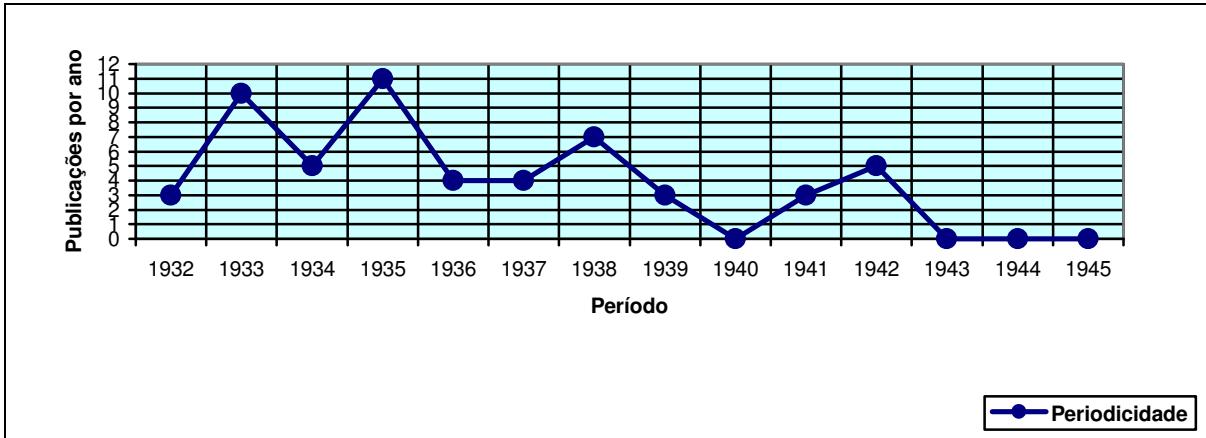


GRÁFICO 1 - Publicações por ano da *Revista de Educação Física (do Exército)*

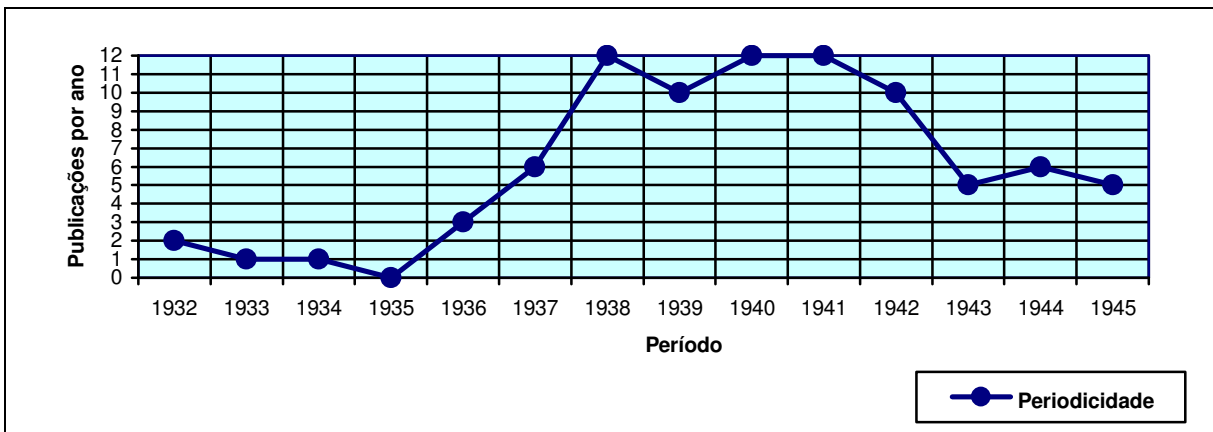


GRÁFICO 2 - Publicações por ano da revista *Educação Physica*

A *Revista de Educação Física (do Exército)*, que interrompeu sua circulação em 1942, é retomada no pós-guerra. De acordo com o editorial do n. 56, de novembro de 1947, os militares teriam interrompido as atividades da revista em função da guerra. Como diz Sant'anna (1947, p. 1), "Seus colaboradores trocaram o aço das penas pelo das armas e lá foram a terras estranhas, lutar pela conquista de um mundo melhor". Assim, o n. 56, lançado em 1947, marca a retomada das publicações e a revista consegue se manter em circulação até os dias atuais, constituindo-se no periódico de maior longevidade da área da Educação Física.

A revista *Educação Physica* parecia ser um impresso com sérias possibilidades de permanência no meio editorial, ao contrário da revista do Exército, que chegou a ser interrompida no ano de 1942, quando a revista *Educação Physica* consegue colocar em circulação dez exemplares, para, posteriormente, sofrer uma queda na publicação, mas permanecer ainda por três anos e encerrar definitivamente sua circulação em 1945.

O estudo de Schneider (2003) sinaliza algumas possibilidades que, segundo o autor, não são suficientes para que isso ocorra, quais sejam: o surgimento, em 1941, de outro periódico também especializado da área, o *Boletim de Educação Física*, lançado pelo órgão oficial da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, que era distribuído gratuitamente para escolas e clubes. O fato de ser gratuito e pertencer a um órgão oficial pode ter gerado grande concorrência. Outro fator possível diz respeito às dificuldades geradas a partir da Segunda Guerra Mundial, que pode ter dificultado a importação de matéria-prima para a confecção da revista, desestabilizando o projeto editorial do periódico.

A crise também é relacionada, por Schneider (2003), com a saída de Roland de Souza da direção da revista. Sua entrada para o grupo diretor do periódico, em 1936, marcou a ascensão das publicações, ao passo que sua saída, em 1941, curiosamente, assinala a fase que Schneider chama de descendência da revista.

Essa crise da revista *Educação Physica* pode ser percebida a partir do ano de 1944, quando, em uma matéria de comemoração de 12 anos de existência, intitulada “Doze anos de luta e perseverança”, ao enfatizar que, “Mesmo na situação difícil que atualmente atravessam quase todos os periódicos [...] ‘Educação Física’ não modificou a sua norma de conduta. E, para isto, preferiu sacrificar o seu patrimônio material a perder o seu patrimônio moral”. Mesmo passando por dificuldades, salienta ainda, no último parágrafo da matéria que “[...] nossos olhos estão firmemente voltados para o futuro e dêle fazemos o depositário de tôdas as nossas esperanças” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1944b, p. 5). No entanto, apesar dos esforços, a revista *Educação Physica* não supera a crise e encerra definitivamente sua circulação em 1945.

### **2.1.5 Dos editoriais**

Apresento, a seguir, uma análise dos editoriais e das matérias de abertura dos dois periódicos em questão, a fim de agregar elementos à discussão em torno da materialidade dos impressos. A busca se dá no sentido de salientar as marcas das lutas de representação travadas pelos atores representantes das duas instâncias de poder, rumo ao monopólio de um projeto.

Os editoriais, ou como na maior parte dos casos nas duas revistas, as matérias de abertura, parecem atuar como forma de prescrição de usos ou como modelizadores da leitura funcionando como aparelho crítico. Para Schneider (2003, p. 87),

Os usos prescritos para a *Revista* indiciam para os seus destinatários e os modos de apreensão do que era tido como o conhecimento essencial ao exercício da docência. Um leitor é projetado para o impresso, ao qual se busca educar o gosto e indicar os meios de obter, armazenar e utilizar os conhecimentos difundidos pela *Revista*.

É nesse sentido que são aqui apresentadas algumas das impressões acerca das matérias que abrem cada exemplar dos periódicos. De modo geral, são defendidas, por meio desses textos, aquelas idéias sob as quais os periódicos foram criados e postos em circulação, ou seja, aquilo que os editores idealizavam para sua utilização nos diversos meios onde circulavam. Para tanto, trabalhos que abordaram o impresso em sua arqueologia, como o de Toledo (2001), que estudou uma coleção de livros (Coleção Atualidades Pedagógicas) e, o de Schneider (2003), que trabalhou com a própria revista *Educação Physica*, ajudam a compreender o caminho, ao possibilitar uma maior compreensão em torno do aparelho crítico dos periódicos como meio de moldar as leituras.

Cabe pontuar, neste momento, a reflexão que construo acerca do que sejam os *editoriais* e daquilo a que chamo de *matérias de abertura*. Optei por estabelecer critérios que viabilizassem um entendimento e uma diferenciação entre esses elementos. Pensar assim me remete, inicialmente, à figura do editor, que, para Chartier (1999, p. 53), trata-se de um “[...] empreendedor singular que se vê também como um intelectual e cuja atividade se faz em igualdade com a dos autores”. Esses atores agem

[...] em um dispositivo muito importante na constituição da fórmula de um projeto editorial, qual seja, os editoriais. Por meio desse dispositivo, o(s) editor(es) fala(m) com os leitores, indica(m)-lhes por qual registro as matérias selecionadas deverão ser lidas, interfere(m) no que é publicado ao recortar e adicionar sentidos ao pensamento dos autores, muitas vezes distantes do que foi proposto originalmente nos textos. Enfim, nos editoriais, o(s) editor(es) se capacita(m) como voz autorizada a aproximar os vários assuntos tratados no impresso, ao mesmo tempo em que indica(m) protocolos de leituras para o que foi, pelo Conselho Editorial, previamente selecionado como digno de ser conhecido pelos leitores (SCHNEIDER; FERREIRA NETO; SANTOS, 2005, p. 7).

Nesse sentido, os editoriais são aqui compreendidos como aqueles textos que acompanham cada número das publicações e que foram escritos por algum dos atores responsáveis pelos impressos, especificamente, aqueles cujos nomes aparecem nas fichas técnicas referentes ao expediente das revistas. Foram tomadas, como matérias de abertura, os textos que abrem as revistas, mas que não foram escritos por seus editores, mas por alguma outra figura, geralmente, de relevância social. Nesse caso, a presença das personalidades que escreviam tais matérias, que são aqui nomeadas como matérias de abertura, me remonta à reflexão de Schneider (2003) sobre o *capital simbólico*.<sup>34</sup> Teorizado por Pierre Bourdieu, esse termo é utilizado pelo autor para falar sobre as lutas por reconhecimento que levam os atores a angariar um determinado capital: aquele que envolve os sujeitos de poder que são socialmente conhecidos e reconhecidos.

Essa reflexão fornece subsídios para o exame dos dois periódicos. Na *Revista de Educação Física* (do Exército), dos 55 números analisados, apenas em 12 revistas os textos que abrem cada número foram escritos por membros de seu corpo editorial. Os outros 43 artigos foram escritos por outros autores sem vinculação direta com a editoração do periódico. Contudo, entre esses, é possível encontrar muitos nomes vinculados à EsEFEx e, ainda, de forma significativa, aos membros da então Academia de Letras.

Na revista *Educação Physica*, ocorre algo mais ou menos semelhante. Das 88 revistas publicadas, apenas 14 possuem o que denomino de editorial. As demais revistas apresentam matérias de abertura escritas por autores diversos, entre os quais é possível encontrar alguns membros ou ex-membros da Associação Brasileira de Educação (ABE),<sup>35</sup> membros da Academia de Letras, entre outros intelectuais de grande visibilidade naquele período.

Uma peculiaridade que ocorre nessa revista é que, a partir do número 24, de 1938, ela começa a publicar trechos de textos clássicos, como primeira matéria apresentada após o índice. Não havendo outra matéria que fosse escrita por um de seus editores, incluí esses textos entre as matérias de abertura. Essas matérias são,

---

<sup>34</sup> Sobre essa noção, Paiva (1994), ao analisar as práticas científicas no âmbito do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, e ao ter como referencial Pierre Bourdieu, faz importantes reflexões sobre a noção de capital simbólico. De acordo com a autora, “É através do acúmulo [de] duas manifestações de capital simbólico [capital social e capital cultural] que se processam as distinções, ou seja, aquilo que *diferencia e dignifica* indivíduos, grupos ou classes entre – melhor dizer sobre – outros indivíduos, grupos ou classes” (PAIVA, 1994, p. 97, grifos da autora).

<sup>35</sup> O que também ocorre na revista militar.

geralmente constituídas por recortes de autores como: Rousseau, Claparède, Dewey, Ferrière, Froebel, Montessori, entre outros,<sup>36</sup> todas sob o título “Educação”. Esses textos são publicados até o n. 72, de janeiro/fevereiro de 1943.

Dentre os autores que escrevem para as matérias de abertura, pelo menos três foram localizados nas matérias de ambas as revistas: Dulcídio Cardoso (n. 39, em 1938, na revista dos civis e no n. 9, 1933, da revista dos militares), Pedro Calmon (n. 42, em 1940, da revista dos civis e n. 40, em 1938, da revista dos militares) e A. Austregesilo (n. 73, em 1943, na revista dos civis e no n. 41, 1938, da revista dos militares). Coincidentemente, ou não, os três escrevem primeiro para a *Revista de Educação Física (do Exército)*, para, posteriormente, escrever para a revista *Educação Physica*.

Considerando os atores e as lutas de representação por eles travadas, de modo geral, os editoriais e as matérias de abertura da *Revista de Educação Física (do Exército)* visam a apresentar a EsEFEx como *locus* autorizado a responder pela Educação Física do País, de maneira a contribuir fortemente com o melhoramento da raça brasileira.

A esse respeito, o primeiro-tenente J. R. Toledo de Abreu salienta que o “C.M.E.F. é bem o coração, o músculo vigoroso, a impelir o plasma vivificador de todas as células do organismo de nosso País” (ABREU, 1933, p. 1) e fala, ainda, da abertura dessa instituição a militares e civis de todos os cantos do País, para onde, futuramente, levarão os verdadeiros preceitos de uma Educação Física renovadora.

Dessa maneira, os editoriais e também as matérias de abertura dos números analisados promovem uma exaltação da EsEFEx ao longo dos anos em que publica, destacando-a como “[...] o esforço mais sério e mais patriótico que se tem feito no Brasil, para tirar o problema da educação física do domínio do empirismo, da indiferença ou charlatanice” (LIMA SOBRINHO, 1936, p. 1), assinalando que ela deve ser a orientadora da Educação Física no Brasil em detrimento de qualquer outra instituição que possa existir.

Também é por meio dessas matérias que as insatisfações da EsEFEx são postas a público, como o ressentimento por não haver sido convidada a participar do V Congresso de Educação (promovido pela ABE), dizendo que nenhuma escola pode ser comparada com o Exército no sentido de uma educação integral e, desse

---

<sup>36</sup> Alguns desses autores são, no período, vinculados ou influenciadores do movimento escolanovista no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos da América.

modo, afirma que “[...] no meio civil não existe estabelecimento de alta cultura que seja confrontável com a escola do Estado Maior” (PINHEIRO, 1932, s.p.).

Associadas a essas idéias balizadoras, nesse espaço também é possível encontrar algumas referências ao esporte, aos preceitos educativos que, com base no ideal da construção de um homem novo, têm seu foco nas crianças e nos jovens e como fundamentos a saúde (mental e física), a beleza e a força por uma raça mais pura e homogênea. Também é um espaço para anunciar os grandes acontecimentos e eventos da área, como os congressos, os jogos e as olimpíadas e propagar as concepções de Educação e Educação Física.

Ao olhar para os atores cujas idéias eram veiculadas como chave de entrada à revista, em princípio, essas matérias e editoriais eram escritos pelos próprios militares, mas, entre os intelectuais que circulam nesse espaço, é possível encontrar nomes de professores, jornalistas, escritores, médicos e intelectuais pertencentes a associações e instituições de prestígio nacional. O modo como esses nomes vão aparecendo na revista parece indicar uma procura por um lugar no meio editorial e por uma maior aceitação pelos leitores, buscando sempre convidar personalidades conhecidas para escrever as matérias de abertura.

No caso da revista *Educação Physica*, os editoriais e as matérias de abertura sugerem o mesmo sentido de guia de leitura. Esse periódico também passa por uma adaptação ao meio da imprensa a fim de se concretizar como projeto editorial. A revista possui, no total, cinco matérias com o título “editorial”, distribuídas de modo irregular até a revista de n. 30, contudo foram agregados a esses editoriais todos os textos de abertura escritos por algum de seus editores. O primeiro deles apresenta as intenções do periódico que se propõe a: “[...] cooperar na divulgação, desenvolvimento e aperfeiçoamento dos esportes, em geral, cuidando, mui especialmente, do seu apuro tecnico e refinamento educacional” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1932, p. 3). Assim, a revista *Educação Physica*, na busca de ser uma força nova no âmbito da Educação Física, por meio da união de elementos representativos do meio social, pretende ser

[...] um órgão orientador da educação physica nacional [intensificando] os métodos gymnasticos, esportivos e athleticos nos estabelecimentos de ensino, corporações comerciaes e aggremações esportivas, e bate-se pela implantação de hábitos mais cavalheirescos nas relações e embates mais esportivos e athleticos (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1932, p. 3).

Aqui é perceptível mais uma aproximação entre a *Revista de Educação Física* (do Exército) e a revista *Educação Physica*, ao pretenderem, ambas, ser o meio orientador da Educação Física nacional. Para além dessa aproximação, o primeiro editorial da revista *Educação Physica* aponta uma diferença inicial nos objetivos das revistas: a *Revista Educação Física* (do Exército) enaltece as práticas diversas da EsEFEx e a revista *Educação Physica*, por sua vez, tem como meio, para o alcance de seus objetivos, o esporte, e ambas têm como mote a regeneração da raça brasileira.

Os editoriais e as matérias de abertura da revista *Educação Physica* tratam das temáticas mais diversas, na maior parte dos casos associadas aos esportes e à cultura física em geral, como meios de uma educação integral de crianças e jovens, sempre pautada na saúde e na higiene.

A partir do n. 24, a matéria de abertura aparece com o título “Educação”, (excetuando os números 27, 28/29 e 30) e torna-se um padrão da revista a matéria com esse tema. De início, ele é desenvolvido, pautando-se mais na Filosofia. O nome que mais circula é o de José Enrique Rodó, renomado escritor uruguaio, até a revista n. 33, retornando em outras ocasiões.

O tema educação era tratado sempre tendo como foco a perfeição humana e a melhoria da raça. A partir do número 35, a educação das crianças começa a ser o tema dos textos, juntamente com um olhar para a Psicologia e para a escola, e começam a circular fragmentos de textos de autores europeus e americanos que influenciaram o movimento escolanovista no Brasil, todos sob o título “Educação”.

Durante o período em que as matérias de abertura permaneceram assim, houve, ao lado do título “Educação”, o desenho de uma tocha olímpica, o que pode ser um elemento indicador de um modo de ler sobre a educação que não desvie a atenção do leitor dos esportes, um dos focos principais da revista, ou, ainda, uma busca dos editores por associar o espírito olímpico aos ideais educativos da Escola Nova.

A partir do n. 73, do ano de 1943, a matéria de abertura começa a ter títulos e temáticas variados, tratando de assuntos como congressos, história da Educação Física, recreação operária, aniversário da revista, entre outros.

Os editoriais de ambas as revistas constituem-se em um elemento importante para se compreender os projetos que compunham as revistas e as lutas de representação que elas travam ao longo dos anos em que são contemporâneas: as

duas pretendiam ser a voz autorizada a responder pela Educação Física e, por meio dela, pelo melhoramento da raça brasileira, sempre enfatizando a educação das crianças e da juventude nesse sentido, a formação de hábitos, a prática da atividade corporal, ora do esporte, ora da ginástica, mas sempre visando à saúde, à higiene, à disciplina.

Reforçando que os editoriais conformam, em certa medida, um modo de os leitores abordarem e lerem as revistas, é preciso saber em que medida eles correspondem aos conteúdos, conhecimentos, saberes que as revistas fazem circular.

Dessa forma, as questões apresentadas acerca dos impressos têm uma grande importância para o que se segue, pois informam, visivelmente, sobre as proposições veiculadas, sobre as concepções que circundam os grupos e, especialmente, sobre os saberes que eram postos em circulação, como saberes necessários ao melhoramento da raça e à constituição de um *homem novo*. Saberes que, nesse sentido, deveriam também estar presentes nas escolas como elementos de formação das crianças.

## 2.2 PRÁTICAS DE DIVULGAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES

As práticas que determinam a circulação de certos saberes envolvem as relações editor/autor, as estratégias editoriais que compreendem os diversos dispositivos que dão forma aos periódicos e, ainda, os leitores visados. As capas, os sumários, as imagens, os anúncios, os textos e as diversas formas de relação com o leitor são manifestações dos saberes que se pretendia que fossem veiculados. Por isso, a necessidade de analisá-los. São essas formas que conferem sentido aos periódicos e que põem à mostra seus projetos.

Inicialmente, faz-se necessário apresentar algumas práticas dos editores, com relação ao modo de agregar/chamar os atores que escreveriam as matérias que iriam circular em cada um dos periódicos.

A *Revista de Educação Física* (do Exército) tem muitos de seus artigos escritos pelos próprios militares, outros, por intelectuais renomados, conforme foi apresentado. No entanto, esse periódico não encerrava a sua busca por artigos dentro da própria instituição e a partir das relações que seus membros tinham com



esses intelectuais. Outras formas de recrutar pessoas em prol da causa ou, dizendo de outro modo, de conseguir publicar um maior número de artigos, podem ser encontradas nas páginas do próprio periódico. Uma delas, em destaque na revista de n. 31, em maio de 1936, traz uma chamada aos leitores:

Aos nossos leitores

A Direção da Revista de Educação Física comunica a seus estimados leitores que receberá **colaborações remuneráveis** sobre assuntos técnicos de educação física, esportes e medicina esportiva – originais, pelo menos na forma – publicáveis sem menção do nome do autor; e que aceitará também colaborações gratuitas, publicáveis com indicação de autoria. Detalhes, por correspondência dirigida à Diretoria (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1936, p. 7, grifo meu).

Desse modo, os editores da revista, que mais uma vez demonstram a disponibilidade econômica em fazer circular o seu periódico, mostram seus meios para receber e veicular os artigos. Esse tipo de chamada aparece em diversos números da revista e, além de textos, os editores pedem também fotografias sobre competições realizadas tanto no meio militar como no meio civil.

A revista *Educação Physica*, por sua vez, também sinaliza alguns dos seus modos de agregar o *capital simbólico* ou de aumentar o número de publicações em cada número da revista.

O primeiro número da revista já lança um “Concurso de ‘Idéias’” e anuncia prêmio em dinheiro para os vencedores. Esse concurso direcionava-se a todos os leitores, com vistas a colaborar na feitura das próximas edições da revista. As “idéias”, que seriam recebidas e julgadas na redação da revista, poderiam apresentar-se sob a forma de “[...] artigos de colaboração, fotografias, notas avulsas, planos de trabalho, factos curiosos, elementos de reportagem, etc.” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1932, p. 117). Seriam, então, premiadas as três melhores colaborações. Às demais que pudessem ser aproveitadas seriam conferidos brindes.

Mais tarde, a chamada deixa de ser remunerada e passa a funcionar sob a forma de concurso. Na revista n. 11, em 1937, ao lado do Índice de Anúncios, aparece um texto com a seguinte redação:

### Correspondentes

‘Educação Physica’ tem, como uma de suas finalidades essenciaes, reunir os ‘leaders’ e incrementadores da educação physica em nosso paíz, todos os que se interessam pelo importante assumpto, associando-os no seu objectivo. De acôrdo com o programma que se traçou, **‘Educação Physica, sentir-se-ia bastante jubilosa se pudesse contar com a cooperação de todos, como seus redactores, collaboradores ou correspondentes, trabalhando em prol do exito de uma grande obra commum.** Desejaria, tambem que, fraternizados pela identidade de ideal, todos fossem ardorosos propagadores dos modernos preceitos de educação physica e contribuíssem para que se processasse uma evolução em nossos clubes, transformando-os em centros difusores de ensinamentos para melhoria das nossas condições raciaes.

Para intensificar esse intercambio, receberiamos, com satisfação, informes e correspondências acerca das actividades educativas locais, dos emprehendimentos dos clubes e associações, visando o aprimoramento physico do nosso povo (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1937, p. 5, grifo meu).

Com base nos indícios materiais dos impressos, procuro entrever quais saberes as práticas dos atores dessa trama, em movimento no espaço que se conformava, faziam circular. Voltando o olhar para os aspectos analisados, quais propostas de educação é possível visualizar como saberes em circulação por meio dos dois periódicos?

Educar o corpo é aqui entendido amplamente para além da relação com os exercícios físicos, compreendendo todas as formas de associação com o corpo que os atores passam a ter, ou que são pensadas para eles. Educar o corpo dos brasileiros, naquele momento, implicava pensar numa mudança dos comportamentos e na aquisição de hábitos saudáveis e higiênicos, de modo que pudesse refletir um ideário de *homem novo*, de raça regenerada, condizente com os propósitos modernizadores que estavam em evidência. Implicava educar os sentidos desses atores.

#### 2.2.1 Temáticas em curso na *Revista de Educação Física* (do Exército)

A *Revista de Educação Física* (do Exército), que aponta como seu principal objetivo a “[...] causa do aperfeiçoamento racial, como fundamento de todo progresso e de todas as conquistas reservadas, no futuro, à glorificação da nossa gente”, se coloca como um órgão de difusão técnica que busca “[...] espalhar seu crêdo que é um hino constante de confiança nos destinos da Pátria em que a Educação Física terá, certamente, uma influencia decisiva!” (ABREU, 1933, p. 1).

Assim, a intenção de seus editores é contribuir para a moralização, para a civilidade, propiciando o cultivo do corpo, fornecendo para isso meios científicos. Seu intento é colaborar, por meio da Educação Física, com a educação, “problema primacial do Brasil”.

Se, nas capas da revista, o esporte aparece de forma intensa, no seu interior, não acontece o mesmo. Diferentemente da revista dos civis, o esporte parece, até certo ponto, não ser o foco da atenção principal dos militares. Na maior parte dos casos em que ele aparece, pelo menos nos primeiros números da revista, circula voltando atenção maior às diferentes modalidades do atletismo, à natação, ao esgrima, entre outros esportes, praticados na EsEFEx. No entanto a ginástica é uma temática que circula fortemente nesse periódico, tendo como fundamento o método francês. Voltada para adultos, jovens e crianças em idade escolar, além de bebês, ela assume formas variadas de aplicação.

Um número grande de matérias dedica-se a apresentar a EsEFEx e seus feitos, de modo que boa parte de seus artigos, mesmo aqueles relacionados com outros temas, acabam por colocar em circulação as idéias desenvolvidas nessa instituição. Não apenas os textos, mas a iconografia, as capas e outros elementos põem em destaque a EsEFEx e os seus atores, as atividades realizadas dentro da Escola por seus alunos e a sua estrutura.

De modo mais geral, entre os temas que circulam nessa revista, é possível encontrar assuntos diversos capazes de atender aos mais diferentes leitores. Entre eles, temas referentes à importância da Educação Física para todas as idades e sexos. A Educação Física feminina também ganha espaço na revista militar, conselhos sobre higiene e saúde, alimentação, massagem, beleza e correção postural estão presentes no periódico. Há, ainda, vários artigos que orientam na organização de estádios, na construção de piscinas e no aparelhamento do espaço físico destinado à prática das mais distintas atividades corporais; textos relacionados com utilização de equipamentos ginásticos e biométricos.

Fotografias e textos tratam da Educação Física desenvolvida em outros países e nos diversos Estados brasileiros. A Educação Física escolar também é questão bastante abordada pela revista, incluindo aconselhamentos sobre medidas; Educação Física para as diversas faixas etárias, ginástica, jogos, organização de fichas, modelos de aula, lições. Esses temas são de fundamental importância para a

constituição deste estudo, de modo que essas questões serão retomadas nos capítulos seguintes.

Para além da infância, na escola, é possível encontrar textos que abordam a criança pequena, seu crescimento e desenvolvimento, os cuidados que se deveria dar a elas e, inclusive, a ginástica infantil. Matérias relacionando a Educação Física com os diversos campos científicos e suas ramificações aparecem correntemente no periódico. Nelas, é possível encontrar referências à Medicina, à Psicologia, à Pedagogia, à Biometria e à Biotipologia.

Ainda que a revista não aponte o esporte como seu foco principal, trata, em seu interior, de temas associados a ele, quando, além das técnicas das modalidades, faz circular notícias sobre os grandes eventos esportivos, como as Olimpíadas e os Jogos Pan-Americanos. Além do mais, aborda outros eventos, como os congressos relacionados com a Educação e à Educação Física. A política e a legislação encontram-se também entre os temas abordados.

O que esse periódico divulga pretende atingir determinados leitores que são guiados a compreender o impresso como o órgão orientador da Educação Física nacional, o que o coloca num embate (simbólico) com o periódico do grupo de civis, já que estes também se viam como autorizados a falar pela Educação Física e a prescrever aquilo que deveria ser ensinado.

### **2.2.2 Temáticas em curso na revista *Educação Physica***

Schneider (2003), ao estudar a revista *Educação Physica*, compreende que o seu projeto cultural estava circunscrito a seus objetivos, que podem ser encontrados nas páginas iniciais das revistas: vulgarizar os princípios científicos que são a base da Educação Física; favorecer o surto dos esportes como fator de aperfeiçoamento da raça; incentivar a formação de técnicos e especialistas da área; propagar as finalidades morais das atividades físicas; despertar a atenção de todos para o problema da educação; coadjuvar o governo e as instituições privadas com relação a seus programas de Educação Física; ser um meio unificador entre aquelas instituições que lutam pelo progresso da Educação Física.

Com esses objetivos que a revista faz circular ao longo dos anos, os editores mostram sua intenção de ser a voz autorizada a falar pela Educação Física nas

diversas instâncias. Para isso, tendo em vista atingir o maior número possível de leitores, propõe uma amplitude de olhares. Com esse objetivo, posso vislumbrar uma diversidade de leitores que incluem técnicos esportivos, professores de Educação Física, pessoas ligadas à educação, governos, instituições privadas, entre diversos outros.

Por meio desses objetivos, entendo ainda que a *revista* se propõe a ser o guia da Educação Física brasileira. No editorial do primeiro número, sinaliza sua intenção de ser “um órgão orientador da educação physical nacional”,

Procurando ser uma força nova nos domínios da educação physical, espera poder reunir todos os elementos mais representativos e de maior autoridade e competência, no justo desejo de tornar um bloco único e indissolúvel todas as pequenas e grandes parcelas de verdadeiros valores que se acham esparsas (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1932, p. 3).

Os editores são enfáticos em estabelecer, na revista, o mote de seu projeto: o esporte. Seja ele em sua forma técnica, seja educacional, o esporte aparecerá em todos os números da revista, com maior ênfase do que qualquer outro assunto tratado. O primeiro número do impresso é quase exclusivamente dedicado à modalidade basquetebol em diversas variações possíveis; nos demais, a diversidade de modalidades vai aumentando e outros temas começam a receber destaque, mas quase sempre balizados pelo esporte e pela competição atlética.

Nos temas trabalhados por Schneider (2003), o esporte, no que diz respeito aos assuntos abordados no periódico que pretendiam vulgarizá-lo por meio de suas regras, técnicas, aconselhamento sobre como praticá-lo, ou como simples forma de torná-lo público, aparece em 31% das ocorrências, destacando-se como o tema mais abordado nas matérias desse periódico. Contudo, se olharmos para os demais artigos sobre os diversos temas, é possível percebê-lo como elemento balizador e, ainda, se o olhar for lançado para a iconografia, para as propagandas, para as matérias de abertura e os editoriais, de forma geral, e para as capas, em particular, observo que o esporte é o cerne da revista. Educação, cientificidade, programas escolares, saúde, higiene, quase todos os temas possuem alguma relação com o esporte.

No temário que a revista apresenta, relativo aos dez primeiros anos de sua circulação, é possível notar, claramente, que, dos 3.099 artigos, 892 estão diretamente ligados a alguma modalidade esportiva. Afora isso, há ainda outras tantas matérias agrupadas nesse primeiro decênio pelos editores, que se relacionam

em seu título com os esportes, quais sejam: humorismo esportivo (68 artigos), jogos esportivos (68 artigos), Medicina esportiva (30 artigos), olimpismo (36 artigos), entre outros que, embora não apresentem correlação direta com esse assunto, está presente nas entrelinhas.

Entretanto diversos outros assuntos são perceptíveis no interior da revista. De acordo com Schneider (2003), que agrupou os temas por meio do *Índice geral das matérias publicadas* e agregou as demais matérias pelos seus títulos, os autores trabalham, fundamentalmente, com, pelo menos, nove eixos definidos: esportes, saúde, alimentação, fisiologia e treinamento, fundamentos pedagógicos, filosofia, acampamento e turismo, bibliografia e literatura.

O segundo eixo, na escala dos que mais aparecem, de acordo com um gráfico apresentado por Schneider (2003), é o de fundamentos pedagógicos, com os quais estão relacionados todos os textos que se referem a algum tipo de orientação para a prática docente, incluindo aconselhamentos sobre como desenvolver aulas, sobre como medir as crianças, ou buscando persuadir os professores para o ensino de determinada modalidade de prática corporal ou uso de aparelhos. Assim diz o editorial da revista de n. 4: “Educação Physica não visava apenas sugerir, propagar, fazer compreender. ‘Educação Physica’ desejava persuadir, estimular, levar a realizar” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1934, p. 11).

A análise dos editoriais e dos sumários possibilitou uma visão geral das temáticas que o impresso veiculava, as quais dão a ver os leitores. A maior parte das matérias, mesmo as referentes aos esportes, deveria ser lida tendo em conta os objetivos patrióticos.

De modo geral, pela análise dos eixos e temários construídos pela revista e por Schneider (2003) e pela análise dos editoriais e dos sumários realizada no item anterior, é possível inferir que as matérias, escritas para diversos tipos de leitores, tratavam de assuntos que envolviam: técnicas e regras esportivas, incluindo as mais diversas modalidades de esportes individuais e coletivos e modelos de aulas para serem ministrados nas escolas de origens diversas. Esses modelos se dividiam, às vezes, por faixas de idade e compreendiam os conteúdos que deveriam ser ensinados nas escolas, observando como deveriam ser ensinados. Nesse caso, apresentam-se, por exemplo, métodos de ensino.

Também eram encontrados na revista aconselhamentos para as mulheres sobre esportes que elas poderiam/deveriam praticar a fim de conservar e melhorar

suas formas e, ainda, orientações sobre como educar os filhos. Por vezes, a beleza é um tema em questão nessa revista, que apresenta conselhos e enaltece certos padrões, especialmente, os gregos, como formas ideais. Idéias provenientes de textos clássicos ou de autores renomados sobre a educação moderna também são encontradas.

Idéias enfáticas sobre a higiene como uma das prioridades no cuidado com o corpo e aconselhamento sobre a melhoria da saúde são também bastante presentes no impresso. A saúde parece ser um dos eixos mais importantes da revista, uma vez que o termo se mantém no título a partir de 1937 até a fase final do periódico.

Discursos enfocando os exercícios ginásticos que, às vezes, eram criticados como métodos educativos, a alimentação de crianças e adultos e a vestimenta também eram assuntos abordados na revista. A educação e o cuidado com as crianças e jovens é tema corrente no periódico e, nesse sentido, é possível ressaltar a atenção dada à escola, aos campos de jogos e parques, às excursões, ao escotismo, às praças de esportes destinadas a pessoas de todas as idades. Entre os textos, também é possível encontrar temas envolvendo discursos políticos, leis, textos e imagens sobre grandes personalidades.

Os eventos de interesse para a revista e para a área são encontrados entre os temas: congressos educacionais, eventos esportivos, como Jogos Olímpicos e Pan-Americanos e aqueles referentes a determinadas instituições de ensino. Nas páginas da revista *Educação Physica*, também há uma grande circulação de temáticas relacionadas com a ACM. Os colégios, ginásios e outras instituições de ensino, especialmente as particulares, além dos clubes esportivos, são também temas em curso.

Essas temáticas, assim como as formas da revista *Educação Physica*, vão sofrendo transformações ao longo dos anos, no propósito de atender às diferentes necessidades, atingindo um maior número de leitores na área.

De fundamental importância é ressaltar que os objetivos da revista incluem o aperfeiçoamento da raça brasileira. Mesmo em diversos de seus artigos e em outros elementos do periódico, é possível encontrar a idéia de uma crença na Educação Física com esse foco. Assim, os temas em circulação no periódico tratam enfaticamente de uma educação do corpo que não desconsidere a educação do espírito, ou seja, enfatiza-se uma educação moral e física dos indivíduos, apontando a idéia da civilidade, da ordem, do corpo forte e preparado para o progresso da

nação. A revista, pelos temas que faz circular, fundamenta-se na necessidade do cultivo dos corpos, das mentes e do espírito, corpos que se tornem mais fortes e também mais belos, na maior parte das vezes, por meio de uma esportivização da sociedade, em que a eficiência determina o progresso.

### **2.2.3 Aproximações entre as revistas: saberes e prescrições**

A partir das temáticas apresentadas, é possível visualizar algumas aproximações e diferenças entre os impressos periódicos em questão. A análise dá a ver, de forma diferenciada para cada um deles, que os temas em circulação nas duas revistas, guardadas as devidas proporções, indicam projetos mais ou menos aproximados. Temas muito semelhantes são encontrados em ambos os periódicos. A revista *Educação Physica* é balizada, desde o início, pelo esporte, mas apresenta uma gama variada de outros temas, e a revista militar traz fortemente em suas páginas a presença da ginástica, contudo vai, aos poucos, se mostrando adepta dos esportes e esportivizando suas prescrições.

Com relação aos leitores visados para aquilo que veiculavam, as revistas sugerem os mesmos grupos de leitores, que incluem: professores de Educação Física, técnicos esportivos, leigos (pais e mães, homens e mulheres), pessoas ligadas a clubes esportivos e instituições privadas de ensino, treinadores, entre outros.

É possível também apreender que as idéias balizadoras dos dois periódicos os colocam em certa conformidade, ao nortear o cultivo do corpo e os cuidados com ele, por uma visão modernizadora, civilizadora e regeneradora. Isso também é perceptível se for levada em conta a circulação dos atores entre essas revistas. Assim, para Ferreira Neto, Bermond e Maia (2003, p. 101), os projetos culturais das duas revistas e as prescrições que elas veiculavam, indicam “[...] uma convivência material de militares e civis dentro do[s] impresso[s] de cordialidade, cooperação e complementaridade em favor da ‘causa nacional da Educação Física’”. Sobre esse aspecto, Sirinelli (1996, p. 249), ao tratar de uma história dos intelectuais, diz que “[...] uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”, mas, simultaneamente, da produção de uma alteridade coletiva em relação aos demais grupos.



Tanto na revista *Educação Physica* como na *Revista de Educação Física* (do Exército), a finalidade é contribuir para o bem da nação, melhorando a raça, restaurando as energias corpóreas, fortalecendo os músculos e preparando, por meio de uma educação integral do corpo, da mente e do espírito, os pilares de uma nação que fizesse frente àquelas mais desenvolvidas.

Foi-me possível entender que as duas revistas dão a ler/ver, pela sua materialidade e pelas temáticas que as norteiam, como os principais saberes em circulação que deveriam ser tomados como bases de uma educação moderna e transformadora, os seguintes temas: esporte, ginástica, jogo, higiene e saúde, que podem ser vislumbrados por meio dos discursos que permeavam as práticas de circulação dos impressos, no sentido de tentar legitimá-los como veiculadores de saberes pedagógicos. Partindo disso, volto minha atenção àquilo que, nas revistas, era apregoado como possibilidades e necessidades para a educação das crianças.

Assim, no terceiro capítulo, detenho-me na organização dos dados por meio de um mapeamento que permita selecionar aquilo que circulava nas revistas, no intuito de visualizar a educação das crianças, tendo como direcionamento, para isso, os lugares de poder e os atores em circulação no espaço.

## CAPÍTULO 3º

### 3 SELEÇÃO E MAPEAMENTO DAS FONTES: OS SABERES, OS ATORES EM CIRCULAÇÃO E A INFÂNCIA NA MATERIALIDADE

Ao buscar compreender a organização editorial das revistas, procurei enfatizar as lutas de representações e as representações coletivas que circularam nas décadas investigadas e que podem fornecer pistas com relação ao processo de criação e de circulação desses periódicos. Isso pôde ser feito por meio da análise dos diversos dispositivos que compõem e conferem identidade aos dois conjuntos de revistas, e que são fundamentais para a construção deste capítulo, ao fornecer os indícios que apontam o significado da criação e da circulação dos impressos.

Certeau (1988), quando fala a respeito da *operação histórica*, diz que um historiador trabalha sobre um determinado material com o intuito de transformá-lo em história. Para o autor, o investigador, ao fazer a seleção do conjunto de documentos que compõem seus inventários,

Efetua então uma manipulação que, como as outras, obedece a regras. Tal manipulação assemelha-se a fabricação efetuada com o minério já refinado. Transformando de início as matérias-primas (uma informação primária) em produtos *standard* (informação secundária), transporta-o de uma região da cultura (as 'curiosidades', os arquivos, as coleções etc.) a uma outra, a história (CERTEAU, 1988, p. 29).

Sem a pretensão de produzir uma história para a Educação Física no Brasil ou para a educação da infância brasileira, mas na tentativa de buscar sinais que permitam aprofundar algumas discussões que vêm sendo construídas na área, os periódicos *Revista de Educação Física* (do Exército) e revista *Educação Physica* são importantes documentos. Testemunhos (BLOCH, 2001) que permitem compreender os homens no tempo, as suas lutas, as negociações e as disputas, enfim, suas práticas em busca de lugares de fala autorizada sobre as questões da Educação Física e do esporte no desenvolvimento da sociedade brasileira.

Ao falar sobre lugares de poder, não é possível caracterizar o tempo dos impressos analisados e deixar de reportar à divisão que há entre os lugares em que foram gestados os dois projetos editoriais: uma instituição militar e uma casa de edição dirigida por um grupo de civis. Desse modo, é necessário deixar claro que não se está tratando com quaisquer militares ou civis, e sim com atores respeitados e com particular visibilidade social, que procuravam demarcar um *lugar*, mas

também circulavam em um *espaço* em constituição, qual seja, o campo da Educação Física.

Assim, com base nos pressupostos teórico-metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste estudo, a partir deste capítulo, tenho a intenção de abordar, nos periódicos *Revista de Educação Física* (do Exército) e revista *Educação Physica*, os aspectos que envolvem diretamente a temática da educação da infância. Nesse sentido, a intenção é aproximar-me, de modo especial, dos artigos que discutem a educação e a escolarização das crianças, relacionados com os elementos que os compõem como um conjunto material.

Para tanto, estabeleço o mapeamento das fontes, indicando as formas de organização que me permitiram reunir os aspectos necessários a esta investigação. Volto-me para as proximidades e distanciamentos entre os periódicos, quando têm por direção as discussões relativas à educação infantil, para, então, proceder à entrada direta nas discussões realizadas pelos atores em cada um dos periódicos.

### 3.1 MAPEANDO AS FONTES

Conforme foi discutido, um primeiro contato com os impressos se deu no sentido de delinear os aspectos gerais de sua materialidade para melhor compreendê-los como projetos editoriais, delimitando suas fronteiras em relação aos grupos que os idealizaram e os fizeram circular. Esse primeiro movimento também se deu no sentido de salientar, de forma panorâmica e geral, as *representações coletivas* capazes de dar a ver as lutas por um monopólio do espaço. Um espaço onde as falas se tornassem autorizadas a responder em favor da Educação Física no Brasil. Lutas que envolvem os movimentos que os atores que escreviam para as revistas, bem como aqueles que as idealizaram, realizavam no espaço em constituição.

Ao traçar assim o caminho, é possível percorrer com mais clareza o trajeto que leva às representações e aos atores que compunham as revistas e, especialmente, aos saberes que esses atores colocavam em circulação como necessários a uma educação moderna e regeneradora.

Assim, uma segunda aproximação com os periódicos permitiu, para esse momento, delinear as formas de abordagem do objeto de investigação e, dessa

maneira, dos impressos, tendo em conta os olhares conferidos ao tema em debate, no interior das revistas.

Ao folhear as revistas, com o objetivo de localizar o material necessário para o desenvolvimento do estudo, foi-me possível ir “descobrimo e construindo” as maneiras de lidar com esses objetos, ao mesmo tempo em que selecionava o que percebia como necessário à construção do trabalho. Sobre essa operação, Certeau (1988, p. 30), afirma que, “Em história, tudo começa com o gesto de *selecionar*, de reunir, de, dessa forma, transformar em ‘documentos’ determinados objetos distribuídos de outra forma [...]. Esse gesto consiste em ‘isolar’ um corpo, como se faz em física. Forma a coleção”. É uma tarefa de separar em dois periódicos, que tratam de temas diversificados, os artigos e os elementos que colocam à vista concepções de infância e representações da educação das crianças.

Nesse processo de selecionar, um primeiro levantamento foi realizado por meio de uma leitura inicial dos artigos. O critério para a escolha desse material teve como direcionamento a seleção de alguns temas que pudessem ser vistos nos títulos, mas, especialmente, no conteúdo dos artigos, quais sejam: infância, educação, escola elementar e, com base nessa triagem, pude chegar aos temas relacionados com jogos, esportes, ginástica, Educação Física, entre outros, que foi possível encontrar no decorrer do mapeamento dos impressos.

Essa abordagem primária dos dois periódicos, que incluía os editoriais, gerou uma lista com o total de 541 artigos, dos quais 187 foram selecionados na *Revista de Educação Física* (do Exército) e 354 artigos na revista *Educação Physica*. No caso desse último periódico, o número de matérias incluía, ainda, alguns dos textos referentes a uma seção da revista intitulada “Informações Úteis”, que começou a circular a partir do n. 6, em 1933, com o propósito de responder a questões feitas por professores, técnicos, instrutores e outros leitores do periódico sobre diversos conteúdos e, entre eles, a educação das crianças. No n. 46, em setembro de 1940, esse espaço, intitulado “Informações Úteis”, passa a ser denominado “Secção de Consultas”.

Após passar as matérias selecionadas por um novo filtro, pelo qual os artigos foram escolhidos, em relação diretamente à Educação Física escolar e à educação como processo antecedente à escola ou como prolongamento desta, um novo número de artigos foi gerado. Este número foi dividido, para ambas as revistas, em duas categorias: *Educação e Educação Física escolar*, e *Educação e Educação*

*Física extra-escolar.* A partir desse ponto, os artigos foram separados, o que resultou na produção de seis temáticas para a *Revista de Educação Física* (do Exército), e em oito para a revista *Educação Physica*.

No caso da *Revista de Educação Física* (do Exército), o número caiu para 71 artigos, cuja classificação pode ser visualizada no Quadro 3:

<b>REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO)</b>			
<b>CATEGORIAS</b>	<b>TEMATICAS</b>	<b>ASSUNTOS DOS ARTIGOS</b>	<b>TOTAL DE ARTIGOS</b>
EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	Educação Física Escolar	Jogos; lição de Educação Física; fichas biométricas; Medicina escolar; crescimento e desenvolvimento físico; educação sensorial; dramatizações; Pedagogia; caracterologia e grupamento homogêneo; escolas primárias e Educação Física; higiene; métodos de Educação Física; saúde, Educação Física corretiva; Educação Física e educação espiritual; coro orfeônico; eugenia	32
EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA EXTRA-ESCOLAR	Eventos e políticas de assistência e educação da infância	Proteção à infância; alimentação da criança; congressos; conferências; legislação	07
	Colônias de férias e parques infantis	Material, organização e administração de campos de jogos e colônias de férias; parques infantis; recreação; parques esportivos	14
	Ginástica infantil	Motivos para praticar a ginástica; desenvolvimento cerebral por meio da ginástica	10
	Jogos	Jogos; recreação; Psicologia e jogos	04
	Esporte infantil	Atletismo; "Box"; Tênis; "Foot Ball"	04
<b>TOTAL DE ARTIGOS PARA ANÁLISE</b>			<b>71</b>

**QUADRO 3 – Categorização dos artigos da *Revista de Educação Física* (do Exército)**

Entre os artigos da revista *Educação Physica*, foram selecionados 119, e, seguindo os mesmos passos do que foi feito com a *Revista de Educação Física* (do Exército), foi construído o Quadro 4, no qual pode ser visualizada a categorização/tematização dos artigos, que foram distribuídos da seguinte forma:

<b>REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA</b>			
<b>CATEGORIAS</b>	<b>TEMATICAS</b>	<b>ASSUNTOS DOS ARTIGOS</b>	<b>TOTAL DE ARTIGOS</b>
EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	Educação Física Escolar Infantil	Educação Física escolar; métodos; saúde; lazer; regeneração da raça; crescimento e desenvolvimento; arte; lição de Educação Física infantil; biometria; dança; Educação Física corretiva; instrução moral e cívica; esporte na escola; fisiologia; ginástica; grupamento homogêneo; educação integral; Educação Física e escola nova	55
EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA EXTRA-ESCOLAR	Jogos	Jogos menores e pequenos jogos; direção de jogos; recreação e lazer; jogo e trabalho; jogos educativos	12
	Educação no lar	Educação dos filhos; brincadeiras; educação para boas condutas; pais e mães; as amizades dos filhos; crianças nervosas; puberdade; atitude corporal correta; educação do caráter; alimentação; crescimento	22
	Colônias de férias e parques infantis	Motivos e formas de organização de colônias de férias; parques infantis	10
	Alimentação	Ração para crianças; alimentação do escolar; alimentação infantil	7
	Esporte	"Foot-ball"; "Tennis"; os esportes no programa escolar; atletismo	3
	Ginástica infantil	Ginástica para o bebê; ginástica infantil	5
Assistência à infância	Programas de Educação Física e delinqüência; crianças abandonadas; assistência social à infância	5	
<b>TOTAL DE ARTIGOS PARA ANÁLISE</b>			<b>119</b>

**QUADRO 4 – Categorização dos artigos da revista *Educação Physica***

A categorização dos dados que são apresentados nos Quadros 3 e 4 foi realizada com base na leitura e no fichamento dos artigos, por meio dos quais eles foram separados por temáticas, definidas pelas palavras-chave que apresentavam. Para tanto, foi construído um quadro no qual diversas informações sobre cada um dos artigos pudessem ser registradas, até mesmo as informações sobre os autores de cada texto e sobre as ilustrações que eles viessem a apresentar.

Em alguns momentos, os assuntos parecem ser os mesmos nos diferentes grupos elencados, como é o caso, por exemplo, daquelas que aparecem nas temáticas *Educação e Educação Física escolar* e *Jogos*. Entretanto esses assuntos foram selecionados em função da ênfase e do tipo de abordagem que foi possível encontrar nos artigos.

Essa forma de organização indica algumas similaridades e algumas diferenças entre as revistas, no que diz respeito aos temas nelas encontrados e às formas como esses temas são abordados pelos autores que escreviam para elas e pela maneira como as matérias são organizadas pelos seus editores.

Nos Quadros 3 e 4, pode-se observar que cada um dos periódicos propiciou agenciar tematizações diferenciadas de acordo com os assuntos aos quais se dá ênfase em suas páginas. É possível sublinhar que os temas semelhantes, por vezes, divergem com relação à quantidade de artigos, considerando, é claro, que cada um dos periódicos fez circular números diferentes de exemplares durante o período em que foram contemporâneos e, também, números distintos de artigos que tivessem como temática central a infância.

Assim, no Gráfico 3, podem-se visualizar essas disparidades, seja com relação ao número total de artigos localizados em cada periódico, seja, ainda, com referência ao fato de se colocar num mesmo patamar todas as tematizações encontradas e o número de artigos referentes a cada uma delas. Nesse sentido, existem temas comuns aos dois periódicos e temas distintos, reunindo um total de nove temáticas, das quais aquelas denominadas *Assistência à infância*, *Educação no lar* e *Alimentação* somente ocorrem na revista *Educação Physica*, ao passo que o tema *Eventos e políticas de assistência e educação da infância* aparece apenas na *Revista de Educação Física* (do Exército).

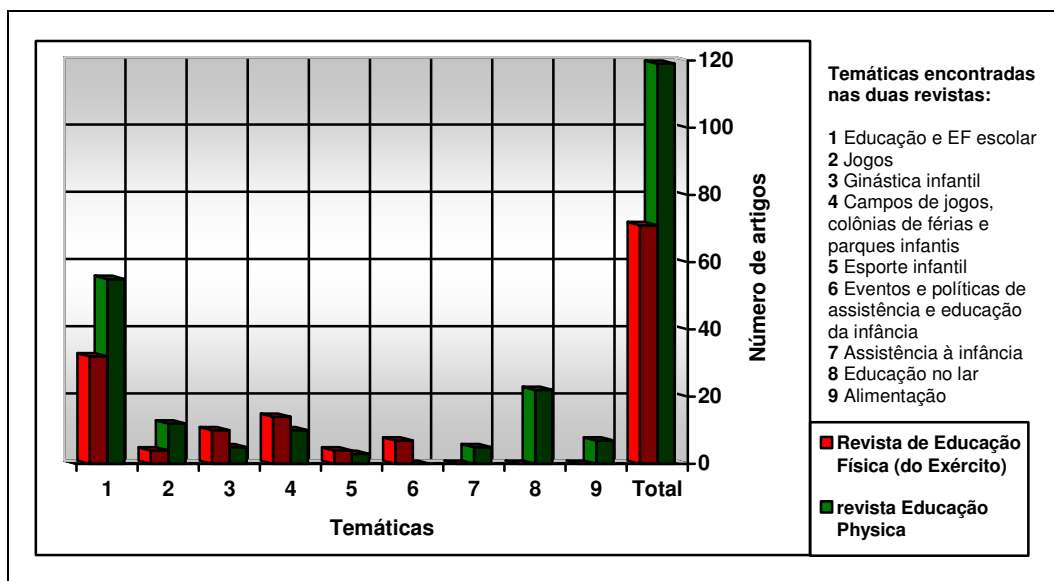


GRÁFICO 3 – Número total de artigos selecionados por temáticas

Tornando ainda mais minuciosa a visualização das diferenças e semelhanças entre os espaços dedicados pelos periódicos às questões da infância e sua educação, é relevante apresentar a quantidade de artigos que os editores das revistas fizeram veicular em cada ano em que os periódicos estiveram em circulação.

A *Revista de Educação Física* (do Exército), com relação ao número de publicações anuais de artigos que tinham como foco a infância, tem como marco o ano de 1933, momento em que mais fez circular esses artigos, sendo 22 artigos em dez revistas publicadas. Observa-se uma grande variação das temáticas colocadas em circulação nesse ano. Sobre *Educação e Educação Física escolar*, são publicados 16 artigos com assuntos variados como: as lições de Educação Física para o ensino elementar, os modelos de aula para crianças de quatro a seis anos<sup>37</sup> de idade, os jogos infantis e a saúde das crianças, aparecendo de um a quatro artigos por número da revista publicado.

Entre esses artigos, quatro discorriam sobre a importância das colônias de férias e as maneiras de organizá-las e, ainda, em dois números seguidos das revistas (7 e 8), o esporte para as crianças foi colocado em discussão. Em outubro

<sup>37</sup> Considerando que a faixa etária das crianças – quatro a seis anos – era correspondente ao primeiro grau do ciclo elementar, foram separadas das “Lições de Educação Física” devido ao formato textual que os artigos recebem: na seção “Lição ou lições de Educação Física”, os artigos são apresentados sob a forma de planos de aula e, de modo geral, os artigos destinados ao primeiro ciclo do ensino elementar são apresentados sob a forma de texto corrido, trazendo outras questões com relação à Educação Física dessas crianças.

de 1933, a revista fez também menção à Conferencia Nacional de Proteção à Infância.

No ano de 1932, quando a revista publicou os três números iniciais, não houve qualquer alusão à educação da infância. Em 1940, e de 1943 a 1945, não ocorreu circulação das revistas.

Em 1935, quando o periódico publicou o maior número de revistas por ano, onze, somente nove artigos sobre a infância foram postos em circulação e a ênfase, nesse caso, esteve na *ginástica infantil*, com pelo menos quatro fragmentos da tese do médico Otávio Salema sobre a exercitação passiva e ativa de crianças menores de quatro anos de idade.

Nos demais anos em que a revista colocou em circulação um número menor de exemplares, a quantidade de artigos acerca da infância variou de um a nove. O Quadro 5 apresenta essa variação e o Gráfico 4 indica as oscilações sofridas ao longo dos anos de 1932 a 1945, nas publicações de artigos que versavam sobre as preocupações com a infância e prescreviam formas para educar a criança.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO)								
ANO	EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	JOGOS	GINÁSTICA INFANTIL	CAMPOS DE JOGOS, COLÔNIAS DE FÉRIAS E PARQUES INFANTIS	ESPORTE INFANTIL	EVENTOS E POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA E EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA	TOTAL DE ARTIGOS POR ANO	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DA REVISTA POR ANO
1932	0	0	0	0	0	0	0	3
1933	16	02	01	04	02	01	22	10
1934	0	0	0	01	0	0	01	5
1935	0	02	04	0	01	02	09	11
1936	04	0	04	0	01	0	09	4
1937	01	0	01	01	0	0	04	4
1938	03	0	0	02	0	02	09	7
1939	03	0	0	02	0	01	06	3
1940	0	0	0	0	0	0	0	0
1941	01	0	0	02	0	01	04	3
1942	04	0	0	02	0	0	06	5
1943	0	0	0	0	0	0	0	0
1944	0	0	0	0	0	0	0	0
1945	0	0	0	0	0	0	0	0
ARTIGOS POR TEMÁTICA	32	4	10	14	4	7	71	—

QUADRO 5 – Quantidade de artigos referentes à educação da infância publicados por ano na *Revista de Educação Física* (do Exército)



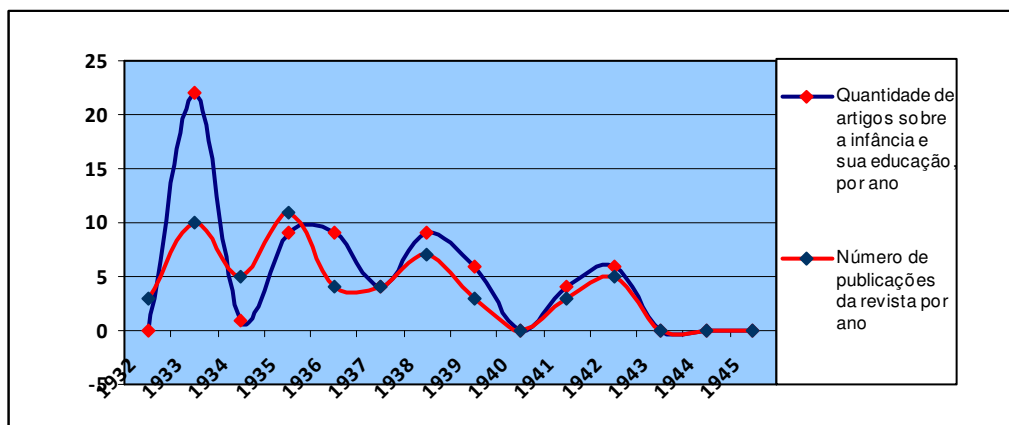


GRÁFICO 4 – Quantidade de artigos referentes à educação da infância publicados por ano na *Revista de Educação Física* (do Exército) e sua relação com o número de exemplares veiculados anualmente

A revista *Educação Physica*, entre os anos de 1932 e 1935, teve apenas quatro publicações e fez circular três artigos sobre a Educação Física escolar e os jogos infantis nesses anos. Esses números cresceram sutilmente nos dois anos seguintes, para, então, em 1938, a produção dos impressos tornar-se mais constante. Foram publicadas cerca de 11 revistas anuais, nas quais chegou a publicar dez artigos em 1938, sobre a educação da infância, e de 18 a 25 artigos de 1939 até o ano de 1942,<sup>38</sup> momento em que a revista entrou em decadência, mas ainda conseguiu fazer circular, pelo menos, 11 artigos envolvendo essa temática até 1945.

O aumento no número de artigos publicados sobre a infância, em 1939, está relacionado com a entrada de Hollanda Loyola para o corpo editorial da revista, ocorrida em agosto desse mesmo ano, quando ele publicou quatro artigos envolvendo a Educação Física infantil para crianças de quatro a seis anos e nos outros graus do ensino elementar.

Nos anos que se seguiram, até 1942, aumentou, substancialmente, o número de artigos que se dirigiam a prescrições sobre as maneiras de se educar as crianças e, por boa parte deles, Loyola era o responsável. Em 1943, esse autor ainda escrevia para a revista, mas sobre outros temas. Em julho de 1944, a revista divulgou o falecimento de Hollanda Loyola e, no ano seguinte, foram publicados os cinco últimos números do periódico.

Essa relação de Loyola com a revista *Educação Physica* – de sua entrada até o momento em que deixa a revista, ao falecer – marca, de forma visível, a história

<sup>38</sup> Como pode ser visto no Quadro 5, no ano de 1940, o periódico não publicou nenhum exemplar.

desse impresso, pois foi exatamente no período em que integrou o corpo editorial do periódico, que a revista ganhou novos rumos e passou a realizar publicações mensais.

Do mesmo modo, a presença de Hollanda Loyola na produção da revista *Educação Physica* significou uma grande circulação de artigos que tinham como cerne as preocupações com a infância. Preocupações dele mesmo, já que era o autor que mais escrevia sobre esse tema para o periódico.

Esse aumento, tanto no número de publicações quanto no número de artigos sobre a educação da infância, pode ser acompanhado no Quadro 6, onde se encontram os assuntos divididos por temáticas. As oscilações decorrentes desses movimentos da revista também podem ser vistas no Gráfico 5.

REVISTA <i>EDUCAÇÃO PHYSICA</i>										
ANO	EDUCAÇÃO E EF ESCOLAR	JOGOS	EDUCAÇÃO NO LAR	ESPORTE INFANTIL	ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA	GINÁSTICA INFANTIL	ALIMENTAÇÃO	COLÔNIAS DE FÉRIAS E CAMPOS DE JOGOS	TOTAL DE ARTIGOS POR ANO	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES DA REVISTA POR ANO
1932	1	1	0	0	0	0	0	0	2	2
1933	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1
1934	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
1935	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1936	1	3	0	0	0	0	0	1	5	3
1937	2	0	1	1	1	0	0	0	5	6
1938	4	1	1	1	0	0	0	3	10	12
1939	9	2	2	1	2	1	2	0	19	10
1940	12	2	8	0	2	1	0	0	25	12
1941	8	1	4	0	0	1	3	1	18	12
1942	12	0	5	0	0	2	1	3	23	10
1943	3	1	1	0	0	0	1	1	7	5
1944	2	0	0	0	0	0	0	1	3	6
1945	1	0	0	0	0	0	0	0	1	5
TOTAL DE ARTIGOS POR TEMÁTICA	55	12	22	3	5	5	7	10	119	—

QUADRO 6 – Quantidade de artigos referentes à educação da infância publicados por ano na revista *Educação Physica*

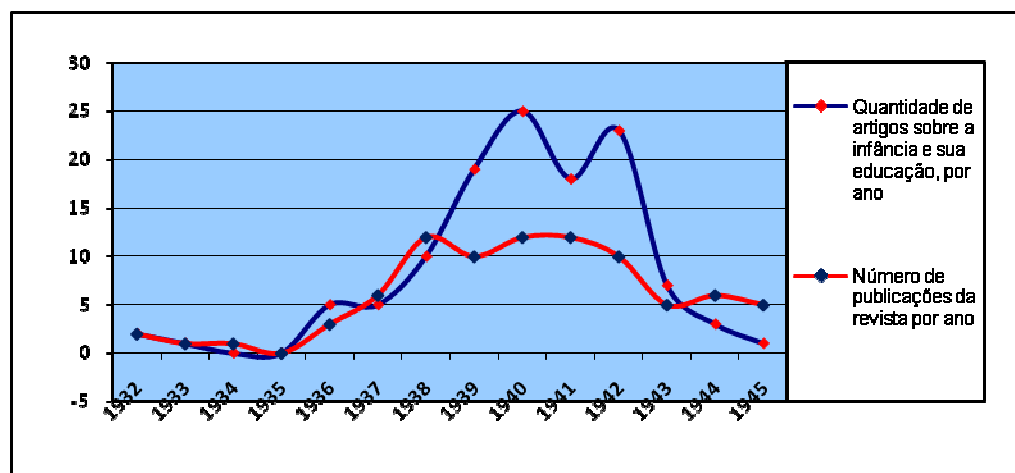


GRÁFICO 5 - Quantidade de artigos referentes à educação da infância publicados por ano na revista *Educação Physica* e sua relação com o número de exemplares veiculados anualmente

Essa atenção ao número de artigos sobre a educação da infância que os editores dos dois periódicos fizeram circular, bem como as temáticas para as quais destinavam seus interesses e a quantidade de artigos veiculados por ano e por número das revistas publicadas, indicam a importância que era dedicada à infância e à educação da criança. Esse era um tema emergente e de grande preocupação de cientistas e educadores, médicos e outros profissionais naquele período em que, fosse pela via da escola, fosse pelas outras vias para a educação das crianças, as inquietações se detinham nas gerações futuras, que, para os editores dos periódicos, precisavam ser robustas e saudáveis, para fazer a nação forte.

### 3.2 OS ATORES EM CIRCULAÇÃO NAS REVISTAS: REPRESENTANDO LUGARES DE PODER, PRESCREVENDO FORMAS DE EDUCAR A INFÂNCIA

Ao olhar para os artigos sobre a educação e a Educação Física da infância encontrados e selecionados para esta análise, outro aspecto relevante a ser abordado diz respeito aos atores que assinavam esses textos: quem eram? O que faziam? A que grupo(s) estavam vinculados? Tratava-se, em grande parte, de representantes de distintas instâncias sociais de alta visibilidade nacional ou internacional. Com sua presença nas revistas, por meio de artigos, os editores dos periódicos acumulavam *capital simbólico* diante da possibilidade de se tornarem autoridades nas questões da Educação Física e da educação da infância.

Dos artigos selecionados para esta análise na *Revista de Educação Física* (do Exército), 30 diferentes autores são responsáveis por 52 artigos.<sup>39</sup> Entre esses autores, é possível encontrar pelo menos sete com formação em Medicina, os quais escreviam sobre temas variados, como jogos, recreação e parques infantis, além daqueles específicos de sua formação, como a saúde das crianças, os exames biométricos e as fichas necessárias ao grupamento homogêneo nas escolas elementares.

Entre os que possuíam formação em Medicina, está o autor com maior número de artigos publicados sobre a infância, o pediatra Otávio Salema, que era chefe do Serviço de Helioterapia do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, do Rio de Janeiro. Ele publicou oito artigos na revista. Contudo esses textos, conforme

---

<sup>39</sup> Dos 71 artigos selecionados na *Revista de Educação Física* (do Exército), 19 não se encontram assinados pelos autores.

ele mesmo diz, são fragmentos de sua tese sobre a ginástica para a infância. Os artigos possuem todos o mesmo título: *A ginástica infantil como fator de desenvolvimento cerebral da espécie humana*, mas cada um deles abrange uma diferente faixa etária, de zero a quatro anos de idade.

Entre os demais atores, ao menos 11 militares são identificados, quase todos ligados à EsEFEx. Alguns deles tinham vinculação com o Distrito Federal, como Mario de Queiroz Rodrigues, que foi membro da Comissão de Educação Física da Diretoria de Instrução. Outros eram ligados à Escola Nacional de Educação Física e Desportos, como é o caso de Inácio Freitas Rolim, também presidente da Associação Brasileira de Educação Física (ABEF).

É possível encontrar, ainda, professores de escolas elementares, diretores e professores de instituições de ensino superior, entre os quais se destacam Alfredo Colombo, catedrático da Escola Nacional de Educação Física e Desportos; Artur Ramos, catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e o próprio Rolim.

As mulheres também tiveram espaço na *Revista de Educação Física* (do Exército) e seis delas aparecem como autoras de artigos sobre a educação infantil. Sobre algumas, não há informações, mas um destaque pode ser dado ao nome de Lois Marietta Williams, que também foi encontrado entre os membros do Conselho Diretor da ABE, empossado em outubro de 1932, e que volta ao cargo em 1934 (CARVALHO, 1998).

Assim, compreendo que os atores reunidos em torno do projeto desse periódico eram, em boa parte, figuras de renome e de visível posição social, não somente pelos postos que ocupavam, mas, certamente, pelos lugares por onde circulavam. Sobre alguns desses autores, não há informações que os identifiquem, que os posicionem como pertencentes a um ou a outro grupo, mas são atores que compõem essa história e que, de alguma forma, incorporam as representações da infância e sua educação que estavam em circulação naquele período. As impressões de Linhales (2006) sobre os sujeitos em circulação na ABE são também pertinentes a essa análise. Esses sujeitos foram

[...] homens e mulheres que fizeram circular seus interesses e realizaram suas escolhas em diálogo com as circunstâncias/contingências de seu tempo – alguns desses personagens bastante celebrados, outros ainda desconhecidos na história brasileira da educação e da educação física. Muitos homens, poucas mulheres (LINHALES, 2006, p. 29).

Muitos homens e algumas mulheres, conhecidos ou anônimos, também colocaram suas idéias em circulação na revista *Educação Physica*. Entre os autores que se dedicavam a escrever sobre a educação das crianças, foi possível encontrar 62 nomes,<sup>40</sup> e 17 deles sem nenhuma informação sobre suas atuações profissionais ou sobre suas inserções sociais.

As informações sobre esses atores apontam a existência de pelo menos 11 médicos, entre brasileiros, franceses e norte-americanos. Alguns deles também eram professores de Instituições de Ensino Superior, como Waldemar Areno, que trabalhava com Higiene Aplicada na Escola Nacional de Educação Física e Desportos; Waldemar Lages, livre-docente de Pediatria da Faculdade de Medicina da Bahia; Rosalvo Florentino, da Escola Superior de Educação Física de São Paulo e que também era correspondente da revista nesse Estado; e Renato Kehl, um dos precursores da eugenia no Brasil e que pertencia à Faculdade Nacional de Medicina.

Entre os autores, cujas idéias circularam pela revista *Educação Physica*, encontrei, ainda, diretores de renomadas instituições de ensino e vinculados a órgãos federais, como Talino Botelho, do Ministério de Educação e Saúde.

Pelo menos cinco nomes entre os autores dos artigos estão relacionados com as ACMs. Destaca-se aí J. S. Summers, professor de Educação Física norte-americano, formado no Instituto Springfield de Educação Física dos Estados Unidos e que era diretor do Instituto Técnico das ACMs Sul Americanas, em Montevideú.

Alguns militares também circularam pela revista civil. Ressalta-se Custódio Batista Lobo, monitor na EsEFEx, além de Silvio Padilha, que era presidente da Confederação Brasileira de Desportos, e Inácio de Freitas Rolim, que também atuou na revista militar.

Com formação na EsEFEx, Hollanda Loyola é o autor que mais escreve sobre a educação da infância nas páginas dessa revista, além de ser membro do corpo editorial do periódico. O fato de ter sido formado pela EsEFEx e ser convidado a assumir responsabilidades em um periódico que, até então, era constituído por alguns “representantes” das ACMs, pode significar a necessidade de agregação de pessoas com distintas formações ou, ainda, alguns rompimentos.

---

<sup>40</sup> Os demais artigos não se encontram assinados.

As mulheres também apareceram nesse periódico, somando um total de sete autoras, entre algumas professoras, uma diretora e uma médica, sendo três identificadas como norte-americanas.

Mais um movimento de proximidade pode ser percebido entre os dois periódicos, *Revista de Educação Física* (do Exército) e revista *Educação Physica*, ao distinguir nove autores em comum. Entre os de maior destaque, estão os nomes de Custódio Batista Lobo, monitor da EsEFEx; Sette Ramalho, instrutor de Biometria da EsEFEx; Artur Ramos, também médico e catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, além de presidente da Sociedade de Antropologia. Julio Rodrigues, da Comissão Nacional de Educação Física do Uruguai, também teve participação nas duas revistas, além de Inácio Freitas Rolim e do médico Otávio Salema. Por fim, duas autoras aparecem em ambos os periódicos: Edna Carew Jennings, sobre quem não há informação nos periódicos, e Déa Mendes, professora com participação ativa na ABE, na década de 1930.

Ao observar os mesmos nomes nos dois periódicos, retomo a idéia da movimentação dos atores no *espaço* e, assim, das *estratégias* empregadas pelos editores dos periódicos ao agregar nomes de alta visibilidade e das *táticas*, ao publicar artigos de autores que já haviam circulado no outro periódico.

Entendo que as relações podem apresentar mais do que concorrência, poderia haver *relações de cordialidade*, pois, em ambas as revistas, existiam nomes fortes na área da Educação Física e autoridades nas questões da educação da infância. Para sobreviver no mercado, esse movimento de autores e, por vezes, algumas trocas, precisavam acontecer. Nesse sentido, Sirinelli (1996, p. 249), ao falar das sociabilidades, pontua:

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas.

Nessa mesma direção, apropriado por Linhales (2006), o termo *redes de sociabilidade*, associado às reflexões aqui desenvolvidas, faz todo o sentido. De acordo com a autora,

Operadas na perspectiva de 'redes de sociabilidade', essas trocas culturais e políticas entre grupos específicos evidenciam a circulação de idéias, projetos e interesses que foram ajustados e remodelados de acordo com configurações próprias (LINHALES, 2006, p. 94).

Assim, ao analisar as representações e lutas de representação em torno da educação infantil em dois diferentes periódicos, é fundamental olhar para os atores cujas idéias se movimentavam entre os projetos culturais. As prescrições, os saberes, os nomes colocados em relevo e a circulação de idéias e de diferentes atores entre os periódicos indicam como a infância, a escola e a Educação Física eram pensadas e projetadas pelos editores dos periódicos.

As lutas de representação, que apontam dissensões, mas também consensos, parecem sinalizar para dois projetos culturais e para um objetivo comum. Esses projetos culturais são embebidos também de um ideário político, à medida que procuram agregar capital simbólico aos seus periódicos, buscando uma diversidade de intelectuais de renome para compor o rol daqueles que seriam autorizados a falar sobre e pela Educação Física, além de serem os representantes daquilo que deveria ser debatido nesse campo.

Preparando o caminho para a compreensão das *representações coletivas* que esses atores que escreveram para as revistas desenvolveram acerca da infância, é necessário olhar para as lutas que eles travaram em torno de “um projeto” para a educação infantil, no que diz respeito à Educação Física. Nesse sentido, com a intenção de colocar em relevo os saberes que circularam nos periódicos rumo a uma “formação das almas” das crianças e as estratégias que foram mobilizadas para que esse objetivo fosse alcançado, faz-se necessário retomar algumas proposições já sinalizadas.

A noção de *representação* é uma delas. Ao ressignificar o conceito de *representação*, Chartier (1988) fala na produção de configurações intelectuais múltiplas que constroem, contraditoriamente, a realidade, por meio de uma *classificação* e de uma *delimitação*; aponta, também, as *práticas*, que conferem a um grupo determinada identidade social, e as *formas institucionalizadas* que são produzidas e que marcam a existência desse grupo.

Essa interpretação, já mencionada como basilar para o estudo, tem relação direta com o objeto, quando a busca se dirige às maneiras de interpretar a Educação Física e prescrevê-la para a formação das crianças, que cada um dos grupos construiu. Assim, uma *classificação* e uma *delimitação* permitiram produzir maneiras distintas de pensar a Educação Física e, dentro das possibilidades que ela oferecia, a educação das crianças, por meio, ainda, das *práticas* que permeavam os *lugares*



de poder onde se agrupavam e se reuniam os atores, mas, também, aquelas que passavam por sua formação e os fazia ver e escrever muitas formas de educar corporalmente as crianças e, por fim, essas *formas institucionalizadas*, que faziam de suas vozes autorizadas a falar da e pela Educação Física das crianças.

Ao articular o conceito de *representação*, na forma empregada por Chartier (1988), compreendo haver um emaranhado de fios prontos para dar forma a uma rede complexa: aquilo que é possível ler/ver nos periódicos da Educação Física, entre os anos de 1932 e 1945. Assim a tentativa, nos próximos capítulos, é compreender as representações construídas por esses grupos sobre a infância e sua educação.

Traçado, assim, o caminho, e percebidas, *a priori*, a dimensão e a extensão do ofício historiográfico, como lembra Bloch (2001), os testemunhos que os periódicos são capazes de apresentar e a relação com eles, passo a me deter naquilo que, em suas páginas, é possível encontrar sobre a Educação Física prescrita para as crianças e as possíveis concepções de infância que circulam entre os grupos de onde emanam as representações que compõem os periódicos.

Os termos ler e ver se articulam aqui num sentido de buscar respostas para as questões levantadas na materialidade dos impressos, ou como aquilo que os constituem em papel e tinta e, a partir daí, nas informações que eles oferecem, escritas, desenhadas, pintadas, coloridas ou em preto e branco.

Nesse caminho, o olhar passa a ser direcionado, especialmente, aos artigos que versam sobre a Educação Física escolar infantil, em cada um dos periódicos, buscando observar seu lugar em determinado espaço das revistas. Junto desses artigos, são também observadas as imagens e alguns outros dispositivos que compõem o impresso, como os anúncios e as propagandas.

Alguns artigos, que dão a ler/ver as representações em torno da educação das crianças fora da escola, foram agregados à análise, já que a educação das crianças se tornava uma tarefa de todos, não apenas dos professores nas escolas primárias, mas também nas instituições assistenciais. Além disso, os instrutores de Educação Física, nos campos de jogos e nos parques infantis, deveriam cuidar de estender essa educação para além dos muros da escola. Aos pais e, especialmente às mães, cabia também orientar os filhos e educá-los, em casa.

Desse modo, os artigos são analisados em consideração aos atores que os escrevem, bem como às relações que eles estabelecem, no sentido de melhor

compreender sua circulação entre as duas revistas e o modo como os saberes são tratados pelos grupos.

É importante, ainda, acentuar que nenhum dos dois periódicos se especializa, exclusivamente, em prescrever formas para que as crianças fossem educadas, e isso pôde ser observado no capítulo anterior. Desse modo, circulam, nas páginas de ambas as revistas, representações diversas sobre o esporte, a ginástica, a saúde, a higiene, o jogo, a Pedagogia, a Medicina, a Psicologia, a Fisiologia, a Filosofia, a Sociologia, entre outros temas, que eram direcionados a diferentes leitores, que iam desde professores, técnicos, instrutores, até pais, mães ou pessoas interessadas em uma leitura que pudesse preencher o tempo entre uma atividade e outra.

Por fim, a entrada nos periódicos, ao abordá-los como dispositivos materiais, permite alegar que as diversas matérias, que tinham por mote as temáticas citadas, traziam como foco a “educação” do *homem novo*, o adulto de um futuro próximo e, portanto, a criança do presente, o homem e a mulher de amanhã. Nesse direcionamento, os investimentos na criança, que ganham grandes proporções nos finais do século XIX e na primeira metade do século XX, também colocam como ponto de convergência dessas mesmas idéias a infância.

Por essas razões, o olhar se direciona à infância como estatuto, e à criança como ator social, e, nesse caso, especialmente à criança escolarizada. Nesse sentido, os aspectos materiais das revistas são compreendidos como focos geradores de representações específicas de um período e de suas possibilidades de dar a ler e a ver os atores, os projetos e os saberes.

### 3.3 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE ESCOLARIZAÇÃO

Antes de entrar diretamente nos dados que colocam à mostra representações de uma infância em processo de educação e ao considerar a escola como um dos principais *locus* de formação das crianças no período investigado, é importante fazer algumas breves incursões na Historiografia que atenta para esse tema. A intenção é, ao situar-me nesse debate, compreender quais são as visões produzidas pelos historiadores da Educação e da Educação Física sobre a escolarização da infância, bem como as outras formas de educar a criança.

Diversos estudiosos<sup>41</sup> concordam que a escola, em sua forma moderna, é uma instituição recente. Faria Filho (2004) indica que, legalmente, no Brasil, a escolarização tem como marco o período imperial, com a Lei de 15 de novembro de 1827, que versa sobre a instrução primária e que aponta, em seu primeiro artigo, a necessidade da implantação de escolas de primeiras letras. Essa lei é contemporânea do fortalecimento de uma perspectiva político-cultural para a construção da nação brasileira e do Estado Nacional, para o qual a instrução era uma das principais formas de civilizar o povo brasileiro e arregimentá-lo para um projeto de país autônomo, mas também dotar o Estado de condições de governo.

Um dos aspectos que parecem ter incidido fortemente na necessidade de existência da escola foi a novidade do capital que trazia a exigência de educar os futuros adultos para o trabalho. Um espaço específico, que pudesse atender a vários indivíduos/crianças ao mesmo tempo parecia tornar-se imprescindível.

Conforme Kuhlmann Júnior (2001), por meio da educação, a intenção ia além de normalizar as classes trabalhadoras. Era também interesse universalizar o ensino, o que promoveria uma educação moral para todos e serviria “[...] como instrumento de cidadania e de fornecimento dos conhecimentos básicos necessários aos processos produtivos da sociedade industrial” (KUHLMANN JÚNIOR, 2001).

É em meio a essa configuração que a escola foi inventada como aquela instituição onde seriam formados os valores e onde se transmitiriam os conhecimentos básicos, capazes de preparar a população e, mais precisamente, a infância, para uma demanda social. Além disso, diversos outros aspectos poderiam ser favorecidos por meio da educação escolar, pois era uma maneira de homogeneizar os indivíduos, selecionando o que se deveria ou não ensinar como conhecimento útil.

Essa necessidade de uma instituição formadora tornar-se-ia intensa na medida em que a população aumentava. A primeira metade do século XX, período no qual se situam os periódicos investigados, apresenta, conforme Nunes (2000), um cenário particularmente significativo. Segundo ela, a escola moderna, em processo de consolidação, tem como pano de fundo as cidades, e cidades em desenvolvimento. Nesse período,

---

<sup>41</sup> Varela e Alvarez-Uria (1992), Faria Filho (2000, 2004), Hamilton (2001), Narodowski (2001), Veiga (2000) e Nunes (2000).

As cidades mudavam: o alargamento das ruas, a construção de avenidas, os bondes elétricos e os automóveis substituindo os bondes puxados a burros, as estradas de ferro e a aviação, os teatros, as confeitarias, a fotografia e os cinemas, mas também resistiam com seus focos de insalubridade, vadiagem e criminalidade (NUNES, 2000, p. 374).

O avanço dos transportes, a evolução industrial e o crescimento desenfreado dos centros urbanos ocasionavam uma maior heterogeneidade social e racial e, nos principais centros urbanos brasileiros, encontravam-se “Mendigos, negros, loucos, prostitutas, rebeldes [os quais se tornaram] [...] um estorvo para o progresso e a almejada civilidade” (VEIGA, 2000, p. 400).

Esse crescimento urbano, que vinha desde meados do século XIX, aponta ainda mais as mazelas sociais e a insuficiência das escolas, marcando o período em que essa instituição se encontra em processo de consolidação, expansão e adequação aos pressupostos da modernidade, sendo tomada como meio para resolver os problemas sociais ao preparar as gerações futuras.

Nesse sentido, variados saberes, oriundos de diversas áreas, dividem-se em disciplinas direcionadas a diferentes focos da escolarização, e os exercícios físicos e outras formas de educação corporal, associados diretamente à higiene e à eugenia da raça, constituíam um elemento fundamental na formação pretendida.

Compreendo, assim, que as necessidades sociais foram desenhando a escola e configurando uma imagem escolarizável para a infância, por ser massa moldável e por constituir-se no futuro cidadão.

Essa infância escolarizada é o centro da atenção de muitos intelectuais e, nesse caso, especialmente aqueles cujas idéias e prescrições estiveram em circulação nos periódicos da Educação Física – *Revista de Educação Física* (do Exército) e revista *Educação Physica* – muitos dos quais buscavam elevar a importância da Educação Física como disciplina essencial num projeto nacional de formação do homem novo.

Trabalho, nos capítulos seguintes, perspectivando a infância e a escola em suas acepções modernas como construções culturais que parecem ter nascido uma para a outra e ambas para o bom desenvolvimento social. Assim, atenta aos dados que a *Revista de Educação Física* (do Exército) e a revista *Educação Physica* me oferecem, os capítulos que se seguem se destinam a apresentar as prescrições e os saberes contidos nesses periódicos, estabelecendo possíveis relações com os atores que os escreveram e os lugares e espaços em que transitaram.

## CAPÍTULO 4º

### 4 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: SABERES E PRESCRIÇÕES NA *REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO)*

#### 4.1 A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA ESCOLARIZADA NA *REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO)*

Entre os 32 artigos selecionados na *Revista Educação Física (do Exército)*, que discutem a educação e a Educação Física escolarizada das crianças, há uma diversidade de olhares e de concepções. Representações que estão relacionadas com os atores envolvidos na escritura dos artigos abrangem sua formação e possuem marcas dos lugares por onde circulavam. E, assim, retomando as noções de *lugar* e de *espaço* (CERTEAU, 2004), as concepções de infância e educação, veiculadas nos periódicos por meio de prescrições para a educação escolarizada, são capazes, ainda, de demarcar o território dos grupos e indicar as associações estabelecidas entre os atores no *espaço* em constituição.

Entre os artigos, foram identificados alguns tipos gerais de prescrições. Algumas versam sobre a Educação Física Infantil, de forma ampla, especialmente para as crianças de quatro a seis anos de idade, e fundamentadas na educação dos sentidos. Outras, sob a forma de *lições* de aula, incluem outros graus do ciclo elementar. Há também aquelas que abordam a saúde dos escolares e indicam a presença da Medicina, quando não da figura do médico, auxiliando o trabalho do professor de Educação Física, atuando a partir da Biometria, da caracterologia e com relação à correção de desvios. Nesse sentido, a atenção em alguns artigos se volta também para os modelos educacionais e para as discussões pedagógicas.

É importante, de início, ressaltar a relevância dada pela revista à instituição escolar, tendo em vista o seu *lugar* de procedência. Para João Ribeiro Pinheiro,<sup>42</sup> “A escola é a experiência pela qual a sociedade transmite a sua experiência. A escola é uma ‘reconstrução da experiência’”, e exemplifica, demarcando a posição de onde fala e as práticas que lá ocorrem: “Assim, na Escola de Educação Física do Exército se vai ‘reconstruir a experiência’ da Escola de Joinville” (PINHEIRO, 1933, s.p.).

A quantidade de artigos que a *Revista de Educação Física (do Exército)* fez circular sobre a educação escolarizada das crianças, especialmente, no ano de 1933, quando colocou em circulação 16 artigos sobre as questões escolares da

---

<sup>42</sup> Em 1933, João Ribeiro Pinheiro era primeiro-tenente e ocupava o cargo de redator-chefe da *Revista de Educação Física (do Exército)*.

Educação Física, demonstra sua preocupação com esse aspecto da educação. Esse interesse pode ainda reafirmar outros significados, como se tornar o veículo portavoza da Educação Física escolar, ou consolidar-se nesse posto, já que o método francês,<sup>43</sup> empregado nas escolas, emanava, no Brasil, das iniciativas dos militares da EsEFEx.

Entre os artigos que abordam a Educação Física infantil, foram selecionados aqueles que incluem as crianças do ciclo elementar.<sup>44</sup> O tenente Ivanhoé Gonçalves Martins (1933) define as seguintes finalidades para a Educação Física nesse nível: para o primeiro e segundo graus do ciclo elementar, seria pertinente desenvolver as faculdades físicas das crianças, de acordo com suas condições fisiológicas de crescimento e com sua função respiratória e, ainda, contribuir para assegurar a saúde. Não seria preciso desenvolver a musculatura, nem executar manobras de força, ou esforços violentos e contrações muito localizadas. O significado de contribuir para assegurar a saúde é: “[...] desenvolver as grandes funções: respiratória, circulatória, articular, etc. ou em suma: higienização” (MARTINS, 1933, p. 35).

Para esse ciclo, o autor recomenda, como forma de trabalho físico, a imitação, pelo fato de que esta dá origem às primeiras aquisições do cérebro infantil “[...] êsse cérebro é um pequeno écran onde se repete o mundo exterior. A criança é educável porque imita... diz Manoel Bonfim. Aproveitar, explorar essa faculdade de imitação é o meio de que lançamos mão” (MARTINS, 1933, p. 35).

Essa forma de atuação para a Educação Física infantil implicaria a sua preparação para as aquisições posteriores, mas o movimento da criança deveria ser livre e a vontade, consciente. Esses eram preceitos de uma escola moderna. A liberdade de que fala o autor poderia ser vivenciada nos jogos, pelo brinquedo.

---

<sup>43</sup> Horta (1994) informa que o Regulamento que tinha por direcionamento o método francês, adaptado do Regulamento da Escola de Joinville – adotado pelo Exército francês – foi aprovado em abril de 1932, no Brasil, e passou a ser seguido em todas as unidades do Exército, predominando no Brasil até 1943.

<sup>44</sup> Ferreira Neto (1999, p. 66) sintetiza que a Educação Física infantil ou elementar era “[...] aquela praticada pelas crianças com idade fisiológica entre quatro e treze anos, subdivididas em grupos homogêneos (4 a 6, 6 a 9, 9 a 11 e 11 a 13 anos)”. Horta (1994) informa ainda que, mais tarde, em 1942, esse nível de ensino passa a ser chamado de ensino primário. Nesse período, havia no Brasil cerca de 40 mil estabelecimentos de ensino primário, com aproximadamente três milhões de alunos matriculados.

O jogo é antes de mais nada a verdadeira expressão da alma infantil. Realizado num ambiente alegre, constitue um excelente meio para que a criança persista cada vez mais na pratica salutar do movimento. Levado quase que por uma necessidade de ordem afetiva, pela impulsão de suas tendencias, a criança encontra no jogo e no brinquedo a sua verdadeira ambientação (MARTINS, 1933, p. 36).

O autor indica ainda que, a partir do terceiro ciclo, os objetivos da Educação Física são parecidos, acrescentando apenas a necessidade de se procurar combater as más atitudes, objetivando, para o organismo das crianças, um aspecto harmônico e encarando o exercício pelo lado de sua utilidade prática, pois, “A criança vai tornando-se adolescente e é esta uma época particularmente delicada” (MARTINS, 1933, p. 36).

Por fim, o autor ressalta a importância da presença do médico para a Educação Física da infância, sem o qual estaria o professor de “pernas quebradas”. Além disso, faz indicações gerais do que seria ou do que deveria ser a Educação Física escolar para o ensino elementar: método, conteúdos, faixas-etárias, particularidades das crianças de cada idade, formas de escolarizar e de atender às necessidades infantis, mas, principalmente, meios para formar o homem e a mulher modernos.

Dentro de tais princípios o método adotado crê **formar um futuro homem ou futura mulher, úteis á Pátria, a sociedade, á familia e a si mesmo.** Sendo a base das aquisições do porvir merece ser objetivada em todas as escolas, em todos os departamentos de ensino que procuram verdadeiramente formar individualidades sadias, de caráter nobre e puro, orgulhosas de si e de sua finalidade (MARTINS, 1933, p. 36, grifo meu).

Esse artigo apresenta, de forma abrangente, os assuntos a serem abordados, mais especificamente, nos demais artigos selecionados. Atua, ainda, como uma justificativa para o método de Educação Física em vigência, o mesmo utilizado na Instituição Militar, de origem da revista, para a formação de seus oficiais.

Essa entrada no periódico permite visualizar diversas representações sobre a infância e sua educação no âmbito escolar. Entre elas, está a cultura infantil de que falava Julia (2001). Ao apresentar o jogo e o brinquedo, como conteúdo privilegiado para a Educação Física das crianças, os textos indicam um reconhecimento das peculiaridades infantis, daquilo que é próprio da criança: sua capacidade de brincar. Essa capacidade deveria tornar-se educativa e a escola deveria adaptar-se aos modos de aprender das crianças.

Essa diferenciação entre a criança e o adulto é atribuída por muitos estudiosos da Educação a Jean-Jaques Rousseau (1712-1778). Ao educar o seu aluno imaginário, Rousseau se propunha “[...] à descoberta da condição essencial da criança — como ser em si, como conceito e como categoria analítica [se propunha a descobrir a] criança no que ela é antes de ser homem” (BOTO, 2002, p. 44) e, assim, a respeitar a etapa que está vivendo.

A concepção que emerge das reflexões de Rousseau vão significar um avanço para pensar a criança como ser em si, com etapas a viver, ainda que ele aborde, no seu imaginário, uma única criança, em condições específicas e em contato direto com a natureza. Desse modo, um “sentimento de infância” ganhava impacto no século XVIII, quando a criança passou a ser pensada como objeto de estudo e de afeto.

Para Delgado (1994), esse é um sentimento que nasce com a Modernidade, quando a criança se torna foco da ciência e das afeições, que traz preocupação e apresenta novas possibilidades de investimento, além da necessidade de criação de formas, institucionalizadas ou não, de regulação.

Ao passar a ser objeto de estudos e foco dos olhares reguladores, a criança é distinguida, de maneira marcante, dos adultos. Nesse caso, Narodowski (2001, p. 50) enfatiza:

O nascimento de uma infância moderna tem de seu o necessário afastamento da criança em relação à vida cotidiana dos adultos; afastamento que é determinante pois implica um passo constitutivo na confirmação da infância como novo corpo. O surgimento da escola é um fato aparentado a esse afastamento: ao mesmo tempo causa e consequência.

O sentido de infância e o sentido de escola parecem sofrer mudanças e, em suas acepções modernas, chegam a ser dependentes, de modo que tratar de um “sentimento de infância” parece requerer a criação de um vínculo constante dessa infância com o processo de escolarização.



#### 4.1.1 Os jogos na Educação Física das crianças

Os jogos que atenderiam às necessidades infantis aparecem, na revista militar, como um dos principais conteúdos direcionados à Educação Física das crianças. Em todos os artigos que têm como foco os modelos de aula de Educação Física para crianças até nove anos de idade, o jogo é, prioritariamente, o conteúdo das aulas. No entanto, se o método era o francês, como adaptá-lo à prática das crianças, se era preciso aproveitar seu potencial para o brincar? Um artigo não assinado, de 1933, que aborda a educação em forma de jogo para crianças menores de seis anos, responde: “Executaremos os exercícios que fazem os adultos, porém sob a forma suave e atraente de pequenos jogos” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933a, s.p.).

Para a educação das crianças, as prescrições incluíam, especialmente, jogos de imitação. Desse modo, elas poderiam movimentar os mesmos grupamentos musculares que crianças e jovens mais velhos, pois, nessa idade, já teriam desenvolvido as faculdades de marchar, trepar, saltar, correr, lançar, defender-se. Seriam, assim, exercícios executados de forma simples, com ênfase nos mesmos grupamentos musculares, mas com outros nomes, estimulando, antes de tudo, suas faculdades sensoriais.

Mas, como seriam essas sessões, como aconteceriam esses jogos? O que as crianças imitariam? A sugestão era contar uma história para que os alunos a representassem. Diversos artigos direcionados à Educação Física infantil apresentam modelos de aulas inteiras que giram em torno de uma história. Essa história, porém, se desenrolaria em uma aula dividida em três partes: uma sessão preparatória, uma lição propriamente dita e uma volta à calma.

Num desses artigos, escrito pelo Sargento Paulo Teixeira (1933) e que engloba a seção “Lição de Educação Física”, o autor detalha os tipos de exercícios que deveriam ser desenvolvidos em cada parte da aula, incluindo: evoluções e flexionamentos dos membros do corpo, além de uma atenção à função respiratória das crianças. Essa aula parte de uma história que tem como título “Um passeio em casa da vovó”. Ela deveria ser contada pelo professor, do início ao fim da aula, e as crianças deveriam imitar seus movimentos, dramatizando-a. O professor precisaria estar atento a cada parte da aula, mudando, assim, os tipos de movimentos a serem executados pelos alunos.

O artigo apresenta uma série de fotografias com cada passo da sessão/aula, na qual os alunos iam dramatizando a história. Um exemplo pode ser visualizado na Figura 3.



**FIGURA 3 – Lição de Educação Física: 4 a 6 anos**

Fonte: *Revista de Educação Física (do Exército)*, n. 4, 1933.<sup>45</sup>

Na mesma direção, o texto do capitão Mario de Queiroz Rodrigues apresenta dois modelos de aulas historiadas, seqüenciais, em que seriam enfatizados movimentos rápidos, lentos, respiratórios e de impulsão. Nessa sugestão, em meio às dramatizações, o autor recomenda, ainda, pequenos jogos, cantos e danças. A higiene, nesse artigo, é enfatizada como saber a ser ensinado desde tenra idade e em meio à própria história:

[...] depois do jantar os nossos amiguinhos conversaram um pouco com os outros, contaram historias e foram dormir porque estavam cansados da viagem e dos brinquedos do dia inteiro. Dormiram muito bem. No dia seguinte muito cedo se levantaram, lavaram o rosto, escovaram os dentes, se pentearam e depois do café foram passeiar lá fora (RODRIGUES, 1933, p. 29).

De acordo com Vago (1999) e Taborda de Oliveira (2007), entre os saberes cabíveis à Educação Física escolar, na direção de uma educação corporal, estava a higiene, cujas noções essenciais deveriam ser transmitidas pelos professores às crianças. Vago (1999) diz que, entre os temas previstos, constavam tópicos, como a necessidade do banho e do asseio do vestuário; necessidade da boa mastigação e

<sup>45</sup> O artigo traz ainda outras 12 fotografias, exemplificando cada passo da aula. A Figura 3 está relacionada com o movimento saltar e à seguinte frase da história: “Em caminho para a lagôa todas as tardes encontramos tanto sapinho, pulando (as crianças em bando numa direção qualquer imitam os sapinhos)” (TEIXEIRA, 1933, s.p.).

regularidade das refeições; cuidados com os dentes, com os cabelos e as mãos; nutrição e respiração; asseio do corpo e, para além dos muros escolares, o saneamento das casas, a alimentação, o vestuário e a higiene da habitação, os efeitos do fumo e do álcool no organismo humano.

Além disso, os conhecimentos corporais e higiênicos não eram unicamente da Educação Física, mas era papel de toda a escola formar os homens modernos: “[...] aqueles que seriam os cidadãos republicanos - civilizados, de maneiras amaciadas, disciplinados, sadios e trabalhadores ordeiros -, que assim poderiam contribuir para o desejado progresso social” (VAGO, 1999, p. 2).

Em meio às prescrições para a educação com o foco na higiene e na saúde, diversos modos de ver a infância perpassam as prescrições. São representações de infância, de um período ou, pelo menos, representações produzidas pelos atores que escreveram os artigos. Em um deles, o autor ressalta que, ao contrário da antiga idéia de que a criança é um homem em miniatura, um “homúnculo”, “[...] ela constitui um tipo especial, quer quanto à sua natureza física, quer quanto à sua natureza de ordem espiritual” (ABADE, 1933, p. 13). Essa frase volta a aparecer em artigo do autor de 1942.

Nesse sentido, o estudo de Bermond (2007) indica as apropriações feitas por diversos articulistas da *Revista de Educação Física* (do Exército), de clássicos que inspiraram o movimento escolanovista no Brasil, e Rousseau está entre eles. No periódico, segundo a autora, a diferenciação entre adulto e criança é uma das idéias de Rousseau que mais circulam.

Ao refletir sobre a idéia de que a criança não é um pequeno adulto, presente na obra *Emílio, ou Da Educação*, de Rousseau,<sup>46</sup> Narodowski (2001) diz que a criança é um descobrimento nominal moderno e, como ponto central da nomeação presente nessa obra, está o fato de que

[...] a passagem de um estado a outro da vida é a passagem da dependência à liberdade. A infância é o limite da heteronomia; a infância é uma pura necessidade; incompletude gregária que necessita da condução dos já completos. Não é ‘adulto pequeno’ no sentido clássico de infância porque não é que possua uma menor capacidade racional ou uma capacidade jurídica diminuída mas sim diretamente nenhuma capacidade a mais que a de aprender a ser adulto. A criança é um ser inacabado que possui a capacidade inata de alcançar conquistas superiores, de ‘acabar-se’ como adulto (NARODOWSKI, 2001, p. 35).

---

<sup>46</sup> A obra foi editada pela primeira vez em 1762.

Entendo haver, também, no artigo de Abade (1933), uma concepção de infância permeada pela fragilidade, ao dizer que, no período em que a criança vai para a escola, há uma mudança de ambiente e de “regimen”, pois passa a ficar presa e a ser submetida a muitas aplicações intelectuais, o que ocasionaria um desgaste de energias que lhe fariam falta. A perda de energias se refletiria negativamente na saúde corporal e psíquica das crianças. Assim, o conselho do autor se dirigia aos professores para que não exigissem muito delas e, ao mencionar Claparède,<sup>47</sup> salienta que o primeiro ano na escola precisaria ser o menos coercitivo possível.

Além desses conselhos, o autor ainda menciona o papel do professor e da escola diante das crianças, enfatizando, especialmente, que o objeto da escola é a criança e não o aluno e que é a ela que a escola deve se adaptar. Ela precisa ser considerada dentro e fora do meio escolar. Preceito que é atribuído a John Dewey.<sup>48</sup>

Abade (1933, 1942) reclama a ausência de espaços para os jogos nos grupos escolares, o que pode significar que, ainda que a Educação Física estivesse consolidada no currículo escolar, não possuía espaços próprios para acontecer na escola. Ao requerer esse espaço, o autor justifica que: “O recreio nos grupos é tão necessário, que nos faz lembrar as palavras acertadas de Wellington, quando afirmou haver sido nos recreios das escolas públicas que a Inglaterra ganhou a batalha de Waterloo” (ABADE, 1942, p. 16).

Essa frase remete-me a uma Educação Física que servisse para a preparação das crianças, desde cedo, para a defesa da Pátria. Esse número da revista apresenta artigos que tratam da preparação dos soldados para a guerra e, ao reescrever o artigo para publicá-lo, é como se o autor, em tempos de guerra, desse à educação das crianças essa conotação. Na capa do número seguinte, de junho de 1942, patriotismo e guerra ficam claramente estampados com a imagem de soldados armados e da Bandeira Nacional. Nos comentários sobre a capa, o seguinte:

---

<sup>47</sup> A análise de Bermond (2007) compreendeu também as apropriações feitas das idéias de Edouard Claparède (1873-1940), por articulistas da *Revista de Educação Física* (do Exército). De acordo com a autora, “As principais idéias apropriadas nesses artigos, quando das discussões sobre a Educação Física escolar, foram: as concepções educativas desenvolvidas por Claparède sobre as relações entre crescimento físico e desenvolvimento mental e suas repercussões para o trabalho escolar; a função da imitação na vida da criança, a utilização do jogo na educação, a função do brinquedo, as relações entre jogo e trabalho, a evolução dos interesses no desenvolvimento da criança e do adolescente e a necessidade de adequar o ensino a essas diferentes fases” (BERMOND, 2007, p. 87).

<sup>48</sup> Filósofo e educador norte-americano que nasceu no ano de 1859 e faleceu em 1952, também estudado por Bermond (2007), juntamente com Rousseau e Claparède.

O Brasil, Estado ainda novo, mas na grande ânsia de sobreviver ao caos, que parece dominar o mundo, manifestando a aspiração máxima do seu grande povo, não desconhece tão delicado problema e cuida carinhosamente da educação de seus filhos, através de um trabalho metódico e racional (REVISTA EDUCAÇÃO FÍSICA, 1942, p. 6).

Anterior ao período da Guerra, e sob o título “Dramatizações”, o artigo da professora Dora Gouvêa de Azevedo<sup>49</sup> aponta uma Educação Física que levasse as crianças à aquisição de bons hábitos e ao crescimento integral e inclui, entre os conteúdos dessa prática, os jogos, as danças regionais e as dramatizações a partir de historietas, temas de que iria tratar mais tarde, no VII Congresso Nacional de Educação, realizado no Rio de Janeiro, ao apresentar sua tese.

A professora entendia a função da mestra como de um guia consciencioso e de um colega mais experimentado, que resolve os problemas comportamentais, que corrige defeitos, que incute bons hábitos nas crianças, “[...] tudo sem que o percebam, sob uma atmosfera de mútua confiança e alegria” (AZEVEDO, 1933, p. 26).

Para a autora, a dramatização deveria ser considerada um brinquedo feito pelas próprias crianças

[...] para que daí surja uma série de problemas a serem resolvidos por elas próprias. Nos jogos há regras; nas danças regionais, regras e ritmo; nas dramatizações somente a imaginação trabalha, do que resultam as situações mais naturais, integralizando cada vez mais as crianças a uma inter-ação (AZEVEDO, 1933, p. 26).

O artigo de Azevedo (1933) relata sua própria experiência, abordando uma de suas aulas, em que as crianças eram convidadas a brincar e não a dramatizar, já que esse termo não poderia ser compreendido por elas, que passariam, então, a dramatizar a história por ela contada. Relata a professora:

Viveram a historia de acôrdo com a capacidade infantil; não foi uma reprodução exata dos diálogos e frases minhas, mas um trabalho de pura imaginação, por isto mesmo de real valor. Embora notasse, em alguns, pobreza imaginativa, não procurei intervir; deixei que cada criança dêsse a interpretação que pudesse, pois, do contrário, intimidaria e poderia criar complexos de inferioridade (AZEVEDO, 1933, p. 27).

---

<sup>49</sup> De acordo com Linhales (2005), a professora Dora Gouvêa de Azevedo, do Rio de Janeiro, atuava como colaboradora de Lois Marietta Willians — Membro do Conselho Diretor da ABE — na Superintendência de Educação Física, Recreação e Jogos do Distrito Federal e viria, em 1935, a apresentar sua tese com proposições para a Educação Física elementar, no VII Congresso Nacional de Educação, realizado no Rio de Janeiro.

A autora salienta, assim, a capacidade de invenção das crianças que deveriam ser estimuladas e o cuidado do professor para não tolher suas potencialidades.

No número seguinte da revista, jogos, cantos e historietas compõem novamente conteúdos necessários à educação das crianças de quatro a seis anos de idade. Haydée Coutinho da Costa (1933, p. 9) acrescenta que “Os jogos de competição e eliminação devem ser inteiramente afastados, pois não tendo a criança o desenvolvimento intelectual necessário, não poderá de modo algum, compreendê-los”.

A relevância dada aos jogos pode ser observada em diversos artigos da revista. Em números seqüenciais publicados em 1942, Custódio Batista Lobo, sargento do Exército e monitor de Educação Física, também se coloca a favor deles. O autor relaciona a capacidade de imitação das crianças com a execução de movimentos básicos, como marchar, trepar, saltar, levantar e transportar, correr, lançar, atacar e defender, além de exercícios respiratórios: nos jogos, a *unidade de doutrina*<sup>50</sup> se traduz para as crianças.

O autor apresenta, nos dois artigos, diversos tipos de jogos, com denominações tais como: “a lebre”, “o caranguejo”, “o domador”, o “cão e a lua”, “a preguiça”, “o trote”, “as bananeiras”, explicando para o leitor/professor as maneiras de executá-los. Em observação sobre uma das atividades, o autor diverge do texto de Costa (1933), ao dizer que, “Havendo grande número de instruendos, poderá ser executado em caráter de competição” (LOBO, 1942, p. 19). A Figura 4 mostra a realização de um desses jogos, denominado “a lebre” e realizado em ambiente aberto. Apesar de o artigo não mencionar, os uniformes das crianças indicam ser essas atividades planejadas para a educação escolarizada.

---

<sup>50</sup> De acordo com Ferreira Neto, Maia e Bermond (2003, p. 101), ao analisarem a Seção Unidade de Doutrina da *Revista de Educação Física* (do Exército), ela “[...] apresenta propostas para a prática da Educação Física, fundamentadas no *Regulamento Geral de Educação Física*. Por meio desse Regulamento é feita uma interpretação, que é divulgada e colocada em prática pelos profissionais que ministram a Educação Física tanto no meio militar quanto no civil”.



**FIGURA 4 – Jogos infantis**

Fonte: *Revista de Educação Física* (do Exército), n. 53, 1942.

Conteúdo das aulas de Educação Física, a ginástica, apresentada na revista, parece se misturar aos jogos, cumprindo (ou sugerindo o cumprimento) com os princípios da educação da infância. Em um dos poucos artigos que aparece com essa terminologia, ao contrário do que antes imaginava,<sup>51</sup> o texto da professora Déa Mendes, diz que: “Si a vida é movimento, a ginástica é a ciência e a arte do movimento” (MENDES, 1933, p. 22), movimento que precisa ser orientado para não ser prejudicial à saúde.

Tendo em vista as novas concepções que permeiam os discursos da educação infantil, a ginástica ganharia outra roupagem para ser realizada com crianças pequenas, tendo em conta que elas seriam seres “dispersivos”, no dizer da autora, ou com altas capacidades imaginativas, para lembrar o que outros autores pontuam pela revista. Assim, os exercícios ginásticos, monótonos e cadenciados, sempre no mesmo ritmo, sem nenhuma colaboração imaginativa, tornar-se-iam insuportáveis às crianças.

Por isso, para que a ginástica escolar seja eficiente, é imprescindível a colaboração da criança, que deve ter a impressão de liberdade nos seus movimentos e ser estimulada no seu princípio de imaginação, para que o exercício resulte de uma iniciativa que lhe pareça sua (MENDES, 1933, p. 23)

<sup>51</sup> A análise material mais ampla, apresentada no 2º Capítulo indica que os olhares na revista militar voltavam-se mais para a ginástica do que para outros conteúdos. Contudo, nos artigos sobre a Educação Física infantil, o termo ginástica pouco aparece.

Seria, desse modo, uma ginástica recreativa, inspirada na natureza e praticada ao ar livre, o que forneceria, segundo a autora, um desenvolvimento muscular ideal ao corpo da criança e, especialmente, um espírito de alegria, segurança e vigor. Uma formação da criança que se estenderia até os momentos finais de sua velhice “[...] porque o homem que se habitua desde cedo a ser alegre, viverá sempre feliz, verá a vida por um prisma bom, entrará na velhice com otimismo, para receber a morte na hora fatal, com uma tranqüilidade natural” (MENDES, 1933, p. 23).

Com a pouca circulação do termo ginástica nos artigos sobre a educação da infância,<sup>52</sup> é possível inferir que, na Educação Física das crianças, o termo mais utilizado, nas prescrições que circularam na revista para a educação da infância, é o jogo. Isso não significa que o método francês não fosse seguido, mas, sim, que era preciso fazer algumas adaptações, revesti-lo de outras formas, dar-lhe outra roupagem para que se tornasse praticável pelas crianças, para deixar, como pontua Mendes (1933), de ser monótono para elas.

Assim, é possível dizer que os jogos eram, por vezes, impregnados da ginástica, o que é também possível visualizar nos artigos da seção “Lição de Educação Física”, destinados à educação da infância.

#### 4.1.2 Educando as infâncias pelo sentido: lições de Educação Física

Ivanhoé Gonçalves Martins (1933), adepto dos jogos para a educação das crianças, enfatiza um ponto muito importante para essa Educação Física, que incidirá na formação geral do futuro homem: a educação sensorial, e assinala que

[...] a educação dos sentidos deve ser encarada seriamente; nos jardins de infancia deverá ser a base de tudo que se deseja ensinar. Atribue-se hoje, aos jogos sensoriais tanta importancia na educação infantil quanto á educação realizada nos **campos de jogos**. Uma e outra se completam, unem-se (MARTINS, 1933, p. 26, grifo do autor).

Nessa frase, o autor antecipa a importância dada aos campos de jogos nesse período, locais de formação das crianças em complementaridade com os ensinamentos da escola. Assunto do qual tratarei posteriormente. Para esse

---

<sup>52</sup> Apesar de o método francês, oficialmente presente na legislação para a Educação Física escolar no período, ser um método ginástico.



momento, vale dizer que, por meio de artigos, como os de Martins (1933a, 1933b), é possível vislumbrar uma Educação Física escolar que buscava educar os sentidos. Para isso, o autor sugeria jogos diversos que atentassem a uma educação das vistas (por meio das formas e cores), do tato (especialmente pelo emprego da mão), do ouvido (pela utilização do canto), do olfato (por meio de aromas diversos e de alimentos e, nesse caso, a educação se estenderia para a alimentação correta).

Para a educação das vistas, por exemplo, o autor sugeria o uso de materiais variados, com formas e cores diversas, sempre relacionando os jogos com o cotidiano — educação que poderia também ser conduzida em casa, pela mãe. Nesse aspecto, não se tratava somente de educá-la. “[...] É preciso ao mesmo tempo evitar deformá-la ou fatigá-la. Qualquer instrutor deve examinar a vista de seus alunos” (MARTINS, 1933, p. 26), mas, é claro que o auxílio do médico não seria dispensado.

Esse não é um preceito solto, os diversos artigos dirigidos a orientar a Educação Física escolar das crianças, especialmente, aquelas entre quatro e seis anos de idade, chamam, com veemência, a atenção para a educação dos sentidos, pois seria

[...] um ponto importante da educação da criança. Antes dos 4 anos, na escola maternal e depois na escola ativa o desenvolvimento do sensorium deve ser levado a fundo. E’ mesmo a base da pedagogia moderna. Já Rousseau dizia ‘antes ensinar a criança a ler, é necessário ensinar-lhe a ver, a distinguir nuances de cor, de som, de odor, de gosto e as das sensações produzidas pelo tato. Desenvolver os sentidos é aperfeiçoar suas faculdades de intercambio com o meio exterior; aperfeiçoando-lhes a delicadêsa, a acuidade, a segurança, é dar ao trabalhador de amanhã armas que lhe serão úteis na vida como a melhor bagagem intelectual que os livros forneçam (MARTINS, 1933b, p. 36).

Ao estudarem as propostas dos militares para a Educação Física, na *Revista de Educação Física* (do Exército), Bermond e Ferreira Neto (2005) salientam que as reflexões de Dewey alertavam sobre esse aspecto da educação, ao falar especificamente sobre atividade física. Para eles, os órgãos dos sentidos seriam caminhos de estímulo para reações motoras e, somente a partir daí, o conhecimento poderia ocorrer.

Em uma das seções da revista, denominada “Lição de Educação Física”, que continha planos para aulas de Educação Física no meio militar e no meio civil, de

forma diferenciada,<sup>53</sup> encontrei oito artigos dedicados à Educação Física das crianças, que circularam de 1933 a 1939. Três deles foram escritos pelos militares Paulo Teixeira, Inácio Freitas Rolim e Custódio Batista Lobo, quatro, pela professora Felisbina Pinheiro Morais e um, não foi assinado.

Os textos escritos por Morais<sup>54</sup> (1938a, 1938b, 1939) são todos sugestões de aulas dirigidas para o primeiro grau do ciclo elementar, de quatro a seis anos de idade. A professora esclarece que seriam aulas para crianças de ambos os sexos, com duração de 15 minutos cada uma. A aula, mesmo incluindo canto, brincadeira de roda, história e jogos, possui o formato e a organização de uma lição militar, sendo composta por sessão preparatória, com duração de cerca de três minutos; lição propriamente dita, dez minutos e volta à calma em dois minutos.<sup>55</sup>

Além disso, os movimentos que seriam executados nas lições, mesmo sendo elas direcionadas às crianças nas escolas, seriam basicamente os mesmos que os adultos executariam. Contudo a forma de encaminhar as lições ganharia o atrativo dos jogos para as crianças. Esses movimentos/exercícios seriam, nesse caso, nomeados de maneira diferente: o movimento de marchar, por exemplo, poderia ser realizado por meio de um exercício mímico denominado pela professora de “o anão e o gigante” e, assim, outros exercícios seriam executados por jogos de imitação, com nomes diversos e considerados atraentes: trepar – “a garça”; saltar – “o alfaiate”; levantar e transportar – “o tocador de sino”; correr – “o caminho de ferro”; arremessar – “o moinho de vento”; atacar e defender-se – “o carpinteiro”.

A volta à calma, no modo como é prescrita pela autora, sempre corresponde ao momento para jogos respiratórios e corretivos. Sugere, para a aula, o uso de jogos utilizando a bola, mas salienta que, para as crianças dessa idade, é preciso

---

<sup>53</sup> Conforme Ferreira Neto, Maia e Bermond (2003), todas as aulas, de acordo com a fundamentação das lições de Educação Física, ministradas em escolas militares ou em escolas civis, deveriam ser respaldadas pelos eixos doutrinários existentes no Exército e que orientavam a doutrina institucional, quais sejam: a hierarquia, a ordem e a disciplina.

<sup>54</sup> Há fortes indícios de que a professora Felisbina Pinheiro Morais residia no Estado do Espírito Santo, já que, em seus textos, ela indica como o local da aula, o Parque Moscoso.

<sup>55</sup> A Lição de Educação Física, seja na forma como foi pensada para as aplicações militares, seja no formato remodelado para a escola, especialmente para a educação infantil, era dividida em quatro partes: **sessão preparatória**, com vistas ao aquecimento e aos exercícios respiratórios e de flexibilidade; **sessão propriamente dita**, com os exercícios marchar, trepar, saltar, levantar e transportar, correr, lançar, atacar e defender-se; **volta à calma**, composto de exercícios respiratórios, marcha lenta com ou sem canto e exercícios de ordem. Em alguns artigos, aparecem ainda a **sessão de estudos**, com vistas a uma aprendizagem, por parte dos alunos, dos melhores meios para a realização dos movimentos (CAVALCANTI, 1932).

estimular a capacidade imaginativa e, portanto, o material que deveria compor a aula era sempre “Improvizado pelos alunos, por imaginação” (MORAIS, 1938a, p. 29).

No mesmo direcionamento, um texto de Custódio Batista Lobo apresenta uma seção com movimentos mais mecanizados, repleto de repetições, indicando, inclusive, o número de repetições que seria necessário realizar: “O instrutor dirá: ‘Eu sou o rei’ a proporção que fôr passando em frente das crianças elas o cumprimentam ‘Bom dia, seu rei’, fazendo (flexão e extensão do tronco). (6 a 12 vezes)” (LOBO, 1938, p. 50). A aula, em alguns momentos, também se guiaria por uma história e ainda incluiria, ao final, gargalhadas e canto. A sugestão do autor é: “Marcha soldados”.

Numa dessas “lições”, o professor Idílio Alcântara Abade, em 1939, faz jus aos tempos de guerra e prescreve formas de educar para o nacionalismo, formas, talvez, de educar o futuro soldado, mesmo que ele ainda seja uma criança de quatro ou seis anos. Seria preciso prepará-lo para bem servir à Pátria.

Sugere, para tanto, uma “História do Pinocchio” que deveria ser contada pelo professor e imitada pelos alunos, como nos modelos anteriores, executando os diversos movimentos que compunham o rol das lições de Educação Física. Na volta à calma, a história seria finalizada da seguinte maneira:

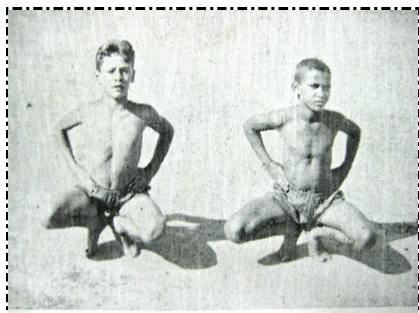
Pinocchio, vendo que tem uma porção de companheiros para brincar, diz às crianças: ‘O espetáculo acabou; vamos soltar os foguetes!’. (jogo respiratório). Assim, andando de vagar, êles saem do teatro, e marchando um atrás do outro, começam a cantar (Marcha com canto):

Sou brasileiro, com orgulho digo  
Na paz e na guerra contra o inimigo  
Sempre altaneiro, com orgulho digo  
Sou brasileiro. Sou brasileiro.

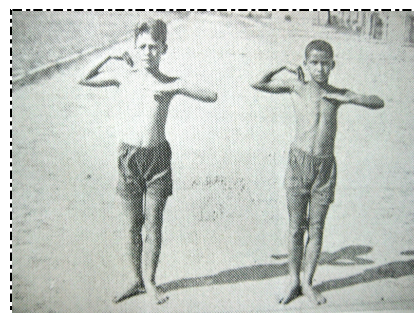
Pinocchio, que é agora o comandante, ao chegar à praça que fica em frente ao teatro, diz às crianças: ‘Alto!’ E imediatamente as crianças param. Dá então várias ordens a elas, que lhe obedecem sem protesto (Exercício de ordem).

Mas já era tarde, e Pinocchio diz aos companheiros: ‘Viva o Brasil! Vamos embora!’ (ABADE, 1939, p. 12).

As lições destinadas às crianças mais velhas, entre nove e treze anos, apresentam-se mais focadas no desenvolvimento muscular. Os jogos aparecem menos, mas ainda se fazem presentes para crianças dessa idade. O texto de Rolim (1933a) traz uma sugestão de exercícios que seriam executados de forma mais mecanizada. Essa prática parecia ir tomando lugar, conforme as crianças iam crescendo.



**FIGURA 5 – Flexão e extensão das pernas**  
 Fonte: *Revista de Educação Física* (do Exército)  
 n. 7, 1933.



**FIGURA 6 – Elevação lateral dos braços**  
 Fonte: *Revista de Educação Física* (do Exército)  
 n. 7, 1933.

Costa (1933, p. 9), ao ressaltar o valor educativo dos jogos, sugere para as crianças mais velhas, os jogos de competição, que despertam bastante o interesse e contribuem muito para a sua formação social.

O desenvolvimento físico e mental já acompanha esse tipo de jogo. O professor deve exigir da criança um esforço maior. Caracteriza-se pela: habilidade e destreza manifestadas, pelo interesse, solidariedade, cooperação, disciplina, etc., e ausência completa de egoísmo e agressividade, que tanto prejudicam o grupo na sua organização social.

Sobre esse aspecto, é possível retomar as proposições de Bermond (2007), ao analisar as apropriações feitas, na revista militar, acerca do ideário escolanovista. A autora ressalta que termos como *interesse* e *formação social*, presentes no artigo aqui analisado e recorrentes em diversos outros artigos que circularam na revista, são inspirados nas idéias de John Dewey.

#### **4.1.3 Os saberes da Medicina em circulação no periódico**

Entre as preocupações dos editores da revista, com relação à educação escolarizada, estava a figura do médico. O Dr. Sette Ramalho é um dos autores que enfatiza essa questão. Instrutor de Biometria da EsEFEx e chefe do Departamento Médico dessa Escola, em seus artigos, demarca o território militar e faz jus aos preceitos dessa instituição. Aponta, assim, a necessidade de exames médicos e de fichas biométricas para determinar o grupamento homogêneo das crianças. Para ele, “Pode-se dizer que é pelo exame médico que se orienta toda a educação física infantil, constituindo ele todo o arcabouço do método francês” (RAMALHO, 1936b, p. 10).

Explica o autor que, os exames, deveriam se dividir em dois tipos. O exame clínico compreenderia “[...] o estudo dos caracteres exteriores, dos órgãos internos e dos órgãos dos sentidos” (RAMALHO, 1936b, p. 10) e avaliaria o aspecto geral das crianças: a coloração e o estado da pele, a firmeza ou a flacidez das carnes, observando se era uma criança alegre ou triste. Fundamentado em Binet,<sup>56</sup> o autor reafirmava a importância até mesmo do exame das impressões digitais, que poderiam ajudar a distinguir entre os normais ou os “retardados”,<sup>57</sup> degenerados.

O outro exame era o antropológico – ou antropométrico – sobre o qual o autor não entra em detalhes nesse artigo, mas indica que serviria para a composição de uma ficha para as crianças. Os exames antropológicos ajudariam a determinar as idades cronológicas e fisiológicas das crianças, princípios necessários para agrupá-las nas turmas ideais. Desse modo, algumas simples medidas já contribuiriam para determinar as oscilações entre a idade cronológica e a idade fisiológica de uma criança. Essas determinações estavam submetidas às normas do método francês e, assim, “[...] uma criança de 8 anos, com o desenvolvimento de uma de 10, não pode ser colocada em uma turma superior à de sua idade cronológica” (RAMALHO, 1936a, p. 3).

Um estudo de Blanckaert (2001) localiza a cientificização e a profissionalização da “antropometria antropológica”, em 1919, quando o americano Ales Hrdlicka define-a como um pólo de pesquisa pura. Contudo o caminho já vinha sendo traçado desde finais do século XIX. Essa prática, para além de melhor conhecer a espécie humana, começou a servir para detectar os desvios da raça, as tendências evolutivas da humanidade e para atuar na regulação da população e de sua saúde.

As medidas geradas tornar-se-iam necessárias ao controle nacional nos países civilizados. A eugenia seria a forma aplicada dessa ciência e diversas outras áreas fariam parte do emaranhado de conhecimentos que contribuiriam para direcionar a humanidade. Assim, a “antropotecnia” incluía “[...] a medicina, a higiene, a moral, o direito, a política e a educação” (BLANCKAERT, 2001, p. 150). São

---

<sup>56</sup> Alfred Binet (1857-1911) foi um pedagogo e psicólogo francês, inventor de um teste de inteligência. De acordo com Bermond (2007, p. 66), “As idéias de Binet citadas nos artigos sobre Educação Física escolar [na revista mencionada] são relativas às descobertas de suas investigações, baseadas na Fisiologia, sobre as relações entre o exercício físico e desenvolvimento mental” e não, necessariamente, aos testes de inteligência, utilizados pelos “escolanovistas” brasileiros, no período.

<sup>57</sup> Os termos “normal” e “retardado” são palavras correntes nos periódicos investigados, do que decorre seu uso nesta dissertação.

ciências e conceitos a fazer ecoar as vozes daqueles que pensavam nas formas de controle social. Presença constante no periódico aqui analisado, a dizer, minimamente, das relações claramente solicitadas entre a Medicina e a Educação nas escolas brasileiras, por meio de textos, como os de Sette Ramalho, que também aparecerá, mais tarde, circulando pela revista *Educação Physica*. Textos nos quais o ideário da regeneração da raça era uma constante.

Nessas discussões, Ramalho indica, ainda, aos professores maneiras de se organizar fichas para crianças, onde os dados antropométricos, entre outros, pudessem ser registrados.

A organização de uma ficha para crianças não é matéria fácil, sendo preciso atender, no caso da Educação Física, além de uma situação até certo ponto assimilável á do adulto, aquela muito especial creada pela observação do fenomeno do crescimento. Ora, este é tão complexo que difícil seria afirmarmos que uma dada ficha contém todos os elementos necessários (RAMALHO, 1933, p. 42).

O autor apresenta a organização de dois modelos de fichas: um resumido e o outro mais detalhado. O modelo mais detalhado auxiliaria a análise do crescimento das crianças, mas também compreenderia elementos úteis à aplicação de exercícios especiais; o outro, por sua vez, reduziria a um mínimo possível os elementos, para atender às necessidades de escolas ou associações com poucos recursos. Para o autor, a partir desses dois modelos, poderiam ser constituídos quadros e tabelas que dessem bases para estudos antropológicos da criança no Brasil. Um estudo que já fora iniciado no País, mas ainda era deficiente no número dos elementos. O modelo de ficha resumida possuía um cabeçalho para dados, como nome, idade, cor e endereço, e a parte referente às medidas pode ser visualizada na Figura 7:

DATAS		1. <sup>o</sup> EXAME	2. <sup>o</sup> EXAME	Obs.	
MORFOLOGIA	Peso				
	Altura				
	Busto				
	Membros inferiores				
	Esvergadura				
	DIAMETROS	Bi-acromial			
		Bi-crista			
		Bi-trocanteriano			
	PERIMETRO TORAXICO	Repouso			
		Inspiração			
Expiração					
Elasticidade					
FISIOLÓGIA	Capacidade vital				
	Força expiratoria bucal				
	Frequencia de pulso				
	Corrida de 50 metros				
	INDICE P ONDERAL				

(REVERSO)

Observações ortopedicas e indicações especiais do medico:

FIGURA 7 – Parte de uma ficha simplificada para crianças

Fonte: *Revista de Educação Física* (do Exército), n. 8, 1933.

Ramalho (1933) ressaltou, ainda, que o modelo de ficha que apresentava não era padrão e único, mas que o trabalho apenas se iniciava, e que essa era uma questão aberta para os estudiosos. A ficha continuaria a ser reavaliada por ele mesmo. O artigo contém, também, indicações sobre os instrumentos a serem utilizados, a periodização entre uma medida e outra, bem como as técnicas para que as medidas fossem tomadas, salientando, especialmente, o pudor entre as meninas.

Não poderemos porém desprezar os melindres das próprias creanças como de seus progenitores, sob pena de vermos falhar totalmente nossas tentativas, motivo porque aconselhamos a utilização, até que os costumes se adaptem as exigências da ciencia de um maillot ou, em creanças muito pequenas, de uma simples calcinha de seda, bem como utilizar nestas medidas moças ou senhoras bem adestradas, sob a orientação presente ou prévia de um médico (RAMALHO, 1933, p. 45).

Um dos textos, que elencam os saberes da Medicina, como auxílio de fundamental importância ao fazer do professor de Educação Física, é um artigo não assinado que apresenta a atuação médica nessa prática na escola, em diversos países do mundo. Enfoca considerações presentes na tese do médico francês René Vuillaume, que exalta a prática dos exercícios físicos na infância.

O estudo enfatiza a existência de um acompanhamento consolidado do médico em alguns países e, praticamente, inexistente em outros, como na França. Aponta o Japão e a Rússia como os vanguardistas com relação à organização do serviço médico na Educação Física escolar, em que são responsáveis pelo controle fisiológico das crianças em todas as lições e pelo agrupamento homogêneo dos

alunos. São apresentados, ainda no texto, os princípios nos quais se pautam a EsEFEx – o então CMEF, de onde emanam as prescrições e as preocupações que circulam no periódico.

Apesar de não se achar praticamente organizado, na França, o serviço médico escolar de educação física, o método francês de educação física em aplicação no C. M. E. F., onde tem produzido os mais eloqüentes resultados, determina categoricamente o seguinte: 'O médico exercerá uma vigilância constante, vigilância higiênica, inicialmente e depois da educação física, tornando-se o colaborador do educador, mesmo no decorrer das lições. A escolha dos exercícios está na estrita dependência das contra-indicações médicas. Esta cooperação se realiza pelo exame médico, no qual o facultativo faz o grupamento homogêneo, levando em consideração a idade real e classifica em graus inferiores todo aquele que fôr julgado retardatário ou que deva ser poupado, durante um certo tempo; designa ainda os que devem ser dispensados de todo o trabalho físico ou somente de certos exercícios; dá também ao instrutor as razões e indica, caso necessário, os exercícios de ordem médica próprios para melhorar o estado físico dos alunos (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933c, p. 35).

Outro médico, cujas idéias circularam pela revista, foi o Dr. Arthur Ramos, presidente da Sociedade de Antropologia e pertencente ao Serviço de Ortofrenia<sup>58</sup> e Saúde Mental do Distrito Federal. Ele também salienta a importância de se realizar o grupamento das crianças, contudo considera um problema agrupar as crianças apenas por sua idade cronológica. Assim, o médico busca fontes da Psicologia e estuda as descobertas nesse campo para ressaltar a importância de se olhar para outros aspectos. Ramos (1936, p. 35) diz que “O psiquismo humano não pode ser fragmentado em funções isoladas, estanques, como o fazia a psicologia atomística e funcionalística, psicologia quantitativa que media, dosava, contava as funções do psiquismo”; ele precisa ser considerado uno e total. Partindo desse campo, apresenta a “nova ciência”, que pode servir à Educação Física.

Surge uma nova ciência, a caracterologia, lançando as bases deste estudo global, totalitário da máquina humana, no seu tríplice aspecto: **morfológico**, **temperamental** e **psíquico**. E' o estudo da personalidade, mas um estudo que envolve todos os aspectos desta mesma personalidade, aspectos, qualidades, fenômenos que, por sua própria natureza, não podem ser resolvidos em número, em definições estatísticas, porque são inextensos e incomensuráveis (RAMOS, 1936, p. 35, grifo meu).

Fundamentado nessas idéias e considerando a Educação Física como parte de um todo que é a educação, seria o papel do professor adaptá-la às

---

<sup>58</sup> O Dicionário Digital de Termos Médicos define *ortofrenia* como “Ramo da psiquiatria que se ocupa da reeducação dos doentes mentais”. Esse dicionário pode ser acessado no endereço: <[http://www.pdamed.com.br/diciomed/pdamed\\_0001\\_or.php](http://www.pdamed.com.br/diciomed/pdamed_0001_or.php)>.



personalidades diversas. Para isso, a tríplice dimensão humana acima apresentada seria o meio mais eficaz para realizar a separação das crianças, e a base para o direcionamento das atividades propostas a elas.

O autor, para quem “A educação física, como a educação intelectual, não se ensina nas escolas: faz-se” (RAMOS, 1936, p. 35), acrescenta, a partir das idéias de Mallart y Cutó, que é preciso observar a apetência, o gosto, o interesse e o entusiasmo das crianças como respostas das reações acertadas. Para isso, os jogos infantis, capazes de despertar o prazer, constituir-se-iam em um “[...] meio técnico de grande alcance para a análise do seu comportamento total” (RAMOS, 1936, p. 36).

Com pequenas incursões no âmbito da Medicina, o professor Idílio Alcântara Abade fala sobre as preocupações dos dirigentes com a saúde dos escolares brasileiros, em cujo sentido havia, segundo o autor, um movimento renovador.

Sob esse aspecto, faz críticas à educação escolástica, em seu princípio “nada para o corpo”, ao compreender a criança como “puro cérebro” e ressentir-se por essa ainda ser uma realidade em seus dias, pois “[...] a educação física consta dos programas escolares, mas com caráter mais ou menos facultativo, o que priva nossas crianças e nossos jovens de seus benefícios reais” (ABADE, 1939, p. 34).

Abade (1939), como numa justificativa para a necessidade da Educação Física nas escolas, reforça que o excesso de esforço intelectual acarretaria danos fisiológicos que incluíam perturbações no ritmo cardíaco e respiratório, influenciando, ainda, nas trocas nutricionais. Seria preciso evitar essas e outras perturbações e, para ele, gastar com a saúde das crianças seria fazer economia: “Uma criança vale o que custou para alimentar-se e vestir-se; vale, sobretudo, pelo que trará mais tarde à família e à pátria em produção e atividade e pelo que realizará de felicidade e de poder, se fôr sã e robusta” (DALLY, apud ABADE, 1939, p. 34).

Evitar as doenças e manter a saúde são preceitos básicos que poderiam ser seguidos com os exercícios físicos, os quais estavam justificados no art. 131 da Constituição Federal de 1937, citado pelo autor, sobre a obrigatoriedade da Educação Física, na qual se esboçava um problema de higiene social da maior relevância, pois

[...] se a escola é um agente de moralização, que deve contribuir para despovoar as prisões, e, segundo diz Jaussens, se destina a aliviar os orçamentos dos hospitais e dos hospícios, cumpre ao governo cuidar da saúde das crianças das escolas brasileiras, para que não se transformem, como muito bem disse Fernando de Azevedo, '**em inutilidades na oficina social ou nas fileiras dos defensores da pátria**' continuando a sobrecarregar a já pesada caridade oficial (ABADE, 1939, p. 34, grifos do autor).

Acerca dos saberes da Medicina, cujas representações apontam possíveis apropriações no âmbito da escola, há ainda artigos que tratam da correção dos desvios das crianças. Um deles, do tenente e médico Pacífico Castelo Branco, abordou as deformidades vertebrais apresentadas por crianças em nível escolar. O autor indica alguns estudos e focaliza os métodos práticos de avaliação postural dessas crianças, entre os quais cita: o Método de Tideman, que se utilizava de um espelho quadriculado para verificação dos desvios, e o Método de Mesnard, que também se utilizava de um espelho, mas acrescentava um cartão móvel quadriculado que seria colocado atrás do indivíduo.

Com o objetivo educacional de “[...] equipar as crianças mental e fisicamente para enfrentar os problemas do mundo que sempre está em transformação [seria preciso que elas tivessem] corpos fortes e mentalidade clara para enfrentar o futuro. Antes de tudo, elas não devem ser fracas pela deficiência física e confusão mental” (JENNINGS, 1942, p. 3). Essas são as idéias de Edna Carew Jennings, ao apresentar os equipamentos, o corpo de profissionais e os modos de funcionamento das escolas de Los Angeles, no que diz respeito à correção dos desvios posturais das crianças, indicando e descrevendo os tipos de exercícios que eram aplicados, o descanso, os brinquedos, o material para sentar e o propósito diante dos hábitos a serem adquiridos.

A presença de artigos como esse na *Revista de Educação Física* (do Exército) me faz refletir sobre as estratégias editoriais dos militares que estavam à sua frente. O sentido pode estar além da conformação tão-somente de uma estratégia para instruir professores, em atenção aos desvios posturais das crianças e para esclarecer sobre a necessidade de uma maior cautela com relação às deformidades apresentadas pelos escolares brasileiros. Entendo que o artigo apresenta modelos de escolas ideais, as escolas norte-americanas, e um modo peculiar de ver a formação do homem novo.

A esse respeito, Warde (2000) diz que, em finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o foco do regime governamental se voltava para o

“sujeito”, ou para o “homem novo”, como necessário a um projeto de modernização da Nação. Nesse sentido, “[...] os Estados Unidos vão se afigurando nos ensaios utópicos das elites intelectuais e no imaginário social como a terra prometida, sem as mazelas da Europa envelhecida e conflituosa” (WARDE, 2000, p. 37). A nação norte-americana seria o Novo Mundo, civilizado, em cuja cultura o Brasil deveria se espelhar.

Assim, é possível notar a presença americana na revista dos militares ao se localizar nela artigos que apresentam modelos de educação e Educação Física baseados na realidade norte-americana. Além disso, a revista busca situar-se num ponto de alta visibilidade, ao trazer em suas páginas artigos de autores estrangeiros, como é o caso de Jennings, o que se constitui, mais uma vez, numa agregação de *capital simbólico*, estrangeiro e, nesse caso, especialmente, norte-americano.

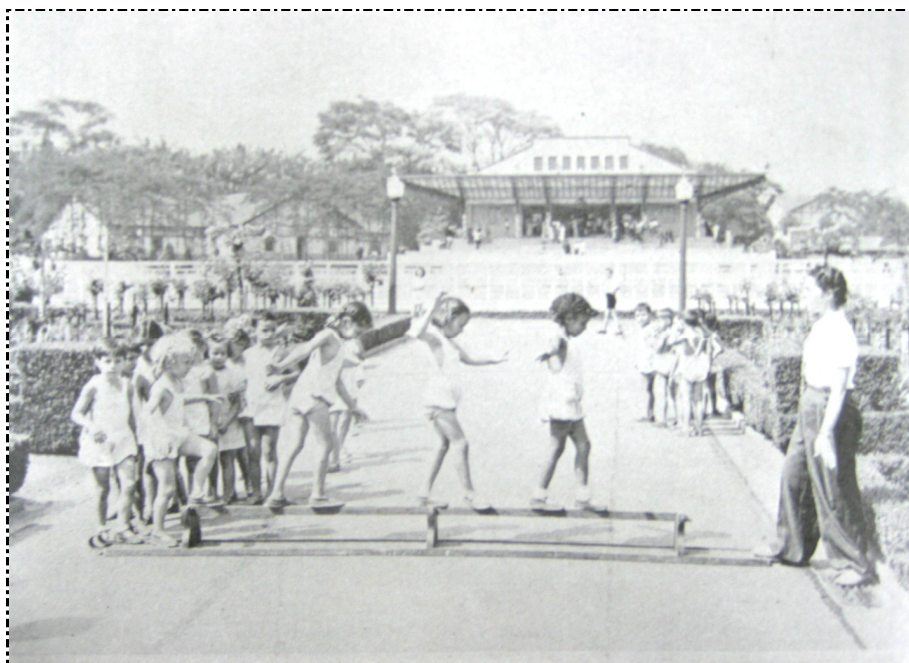
#### **4.1.4 Modelos, saberes, discussões pedagógicas**

A *Revista de Educação Física* (do Exército) oferecia ao leitor/professor formas diversas de pensar a educação das crianças. A exemplo disso, é possível citar os modelos institucionais apresentados/propagandeados na revista, entre os quais se destaca a Escola de Aplicação da Escola Superior de Educação Física de São Paulo, apresentada por Abade (1941) como uma inovação pedagógica, ao oferecer um ensino ao ar livre para as crianças que a freqüentavam, nos cursos pré-primário e primário. Segundo o autor, esse era um ambiente saudável, onde as crianças poderiam ter contato com o sol e com a natureza e que, além disso, ofereceria plenas condições para o desenvolvimento físico e psicológico da criança.

A Escola Superior de Educação Física de São Paulo, está apta a demonstrar não somente aos seus alunos, mas a todos os interessados e principalmente aos pais, como se assegura um desenvolvimento harmonioso dos corpos infantis, no aperfeiçoamento estético das suas formas juvenis, fazendo-as receber a idônea educação física que visa o alto fim pedagógico e eugênico: - a sadia formação psico-física da criança (ABADE, 1941, p. 24-25).

O artigo não deixa de ser um meio para chamar a atenção para os benefícios da Educação Física, como uma prática racional, que se fundamentada no interesse das crianças, seria capaz de enriquecer suas experiências. Assim, a Educação

Física cumpriria um ideal de educação condizente com os propósitos modernizadores de preparação para o futuro.



**FIGURA 8 – Aula de Educação Física na Escola de Aplicação ao Ar Livre**  
Fonte: *Revista de Educação Física* (do Exército), n. 48, 1941.

A co-educação é um aspecto também presente nessa escola que educava juntos meninos e meninas, preparando-os para colaborarem entre si, sem distinção de sexos. Nesse meio, a professora apenas acompanharia e aproveitaria livremente as iniciativas das crianças, procurando, pela via da Educação Física, estimular os exercícios físicos, as acuidades sensoriais, a linguagem, os hábitos higiênicos e o senso estético.

Na revista, além das proposições diretamente ligadas à Educação Física escolar, algumas discussões abrangem a educação de forma mais ampla e tendo por direcionamento as questões pedagógicas mais gerais,<sup>59</sup> as quais deixam à mostra concepções de infância e maneiras possíveis de ver as crianças e lidar com elas. Num desses artigos, sob o título “Princípios Pedagógicos”, o tenente Valdemar de Lima Silva fala sobre a educação da criança.

---

<sup>59</sup> O que não significa dizer que os artigos que tratam da Educação Física, como disciplina escolar, não a enfoquem a partir do ponto de vista pedagógico. Tal fato ficou explícito nas representações que foram apresentadas, nas quais não somente saberes pedagógicos, mas médicos e psicológicos também estão presentes.

A educação então, deve atuar sobre a criança desde os primeiros anos, isto é, quando tem ainda a máxima plasticidade, e não está ainda com certos hábitos, e menos ainda se acha formado o caráter. **A educação tende a fazer da criança um homem**; tem a sua ação, pois, enquanto o indivíduo está se tornando homem e cessa a sua ação quando o indivíduo não tem mais necessidade do auxílio e do domínio dos outros (SILVA, 1936, p. 11, grifo meu).

Como é possível notar, é apontada, em boa parte dos artigos, a necessidade, em todo o âmbito educativo, de se trabalhar na direção de uma educação que preparasse o homem de amanhã, pois, “A educação do povo é força capaz de erguer uma nacionalidade [e, assim] O Brasil conscientemente educado, será uma opulenta manifestação de energia dentro da América do Sul” (ABADE, 1939, p. 34).

A intenção de colocar o Brasil sempre à frente das outras nações, ou pelo menos em proximidade daquelas mais desenvolvidas, é discurso corrente nesse periódico, mas, para isso, a educação deveria incidir sobre a criança. Um pequeno poema atribuído a Coelho Neto<sup>60</sup> (apud ABADE, 1941, p. 24), disposto ao lado do título de um texto de Abade, reforça essa intenção.

Quem vê uma criança,  
Contempla o futuro... e,  
Tal seja a criança, assim  
Será o homem, ou o porvir...  
Sementeira, assim virá  
A seu tempo a messe.

Os artigos aqui mencionados são percebidos como representativos das idéias gerais que circundavam o debate em torno da Educação Física escolar, que julgo ser considerado relevante pelos editores da revista para serem veiculados nas páginas de seu periódico.

É necessário salientar, com base nessas incursões, que muitos dos atores em circulação nesse projeto editorial estavam também em movimento em outras instâncias do campo educacional, por vezes na ABE, como se pôde observar, e suas proposições para a educação das crianças poderiam, também, estar em curso em diversos outros âmbitos.

Entendo, com fundamentos nas reflexões desenvolvidas por Carvalho (2006), que o impresso aqui analisado, por vezes, funciona como *caixa de utensílios*,<sup>61</sup> ao

<sup>60</sup> Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934), romancista, crítico e teatrólogo maranhense, era também membro da Academia Brasileira de Letras. Outras informações sobre esse intelectual brasileiro podem ser acessadas no *website*: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=417&sid=94>.

<sup>61</sup> Ao analisar os discursos pedagógicos, materialmente dispostos como Manuais de Pedagogia, com circulação entre finais do século XIX até meados da década de 1930 e, ao apresentá-los como *caixa*

fornecer ao professor de Educação Física um ferramental que auxiliaria sua prática pedagógica. Do mesmo modo, forneceria subsídios acerca dos saberes necessários ao professor para lidar com as crianças em processo de educação escolarizada.

Para os conteúdos que comporiam uma Educação Física escolar que tivesse como foco a infância, é possível ressaltar aqui, especialmente, os jogos, como conteúdo privilegiado a ser adaptado às especificidades das crianças, em sua incompletude. Há a presença de um método francês traduzido para a linguagem infantil, ao se utilizar de historietas e dramatizações.

Também há aqui preceitos contidos em prescrições banhadas de saberes de outras áreas: uma Educação Física científica que se pautava na Pedagogia, na Psicologia e na Medicina para se justificar como disciplina importante para a formação escolarizada das crianças.

Considero importante ainda ressaltar a ênfase dada pela *Revista de Educação Física* (do Exército) à Educação Física escolar das crianças, nos anos iniciais em que a revista circulou. Essa observação sugere uma necessidade de demarcação de um lugar de poder dos militares, quando ainda se encontravam em um processo de consolidação de seu método como meio oficial para se educar fisicamente as crianças nas escolas.

A fim de melhor compreender as representações de infância e sua educação em circulação no periódico em questão, passo a apresentar as idéias sobre uma educação e uma Educação Física que compreende a criança também fora do ambiente escolar. A revista veicula, assim, preceitos e saberes que atuariam como preparadores para a escola, ou complementares à formação recebida nesse ambiente.

---

*de utensílios*, Carvalho (2006) entende esses impressos como organizadores e constituidores do campo dos saberes pedagógicos representados como necessários à prática docente. O impresso assim compreendido, “[...] se organiza segundo a lógica de fornecer ao professor ‘coisas para usar’ na sala de aula, compondo um programa curricular: uma poesia aqui, um canto ali, uma estorinha lá. Nessa lógica [...] é composto como impresso cujos usos supõem regras que não necessitam de explicitação, sendo dadas como regras culturalmente compartilhadas” (CARVALHO, 2006, p. 2).

## 4.2 A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA EXTRA-ESCOLAR NA *REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA* (DO EXÉRCITO)

Conforme foi apresentado no terceiro capítulo, além dos temas reunidos sob a categoria Educação e Educação Física escolar, foi possível agenciar outras matérias em circulação nos periódicos, referentes a uma forma de educar as crianças fora do ambiente escolar. Essas formas de educação e de Educação Física são agregadas a essa análise de modo secundarizado, devido ao fato de oferecerem representações sobre a infância, capazes de fornecer uma melhor compreensão das intenções editoriais que perpassavam as revistas em torno da formação das crianças.

Assim, as prescrições para a educação infantil que agora se direcionam não somente a professores, mas também a outros profissionais e, especialmente, aos pais, são aqui compreendidas como importantes para este estudo. Ao ter a escola como principal *locus* de formação das “almas infantis”, compreendo que essas representações prescrevem meios para uma preparação da criança para a vida escolar, ou para a Educação Física nesse âmbito, ou atuam no sentido de serem complementares à educação ocorrida na escola.

Com base nesse fato, nesse periódico, os textos acerca de uma educação e de uma Educação Física extra-escolares compreendem cinco temas, quais sejam: jogos; instituições, eventos e políticas de assistência e educação da infância; ginástica infantil; esporte infantil; campos de jogos e colônias de férias.

A primeira dessas temáticas é o jogo, a respeito do qual tratei no tópico anterior sobre a Educação Física escolar. Contudo alguns artigos foram reunidos em um grupo específico devido ao tipo de abordagem. Os quatro textos que incorporam esse grupo incluem, por exemplo, a prescrição de jogos para crianças de três anos, fase anterior ao ensino elementar. Num desses artigos, Rolim (1933b, p. 4) diz que a criança, nessa faixa etária,

Sente especial predileção pelos brinquedos de ficção e a sua imaginação surge e se expande vigorosamente: assim um toco de páu, póde representar para êle as mais diferentes cousas: o cabo de vassoura póde ser tomado como um cavalo ou como uma locomotiva, a cadeira invertida faz as vezes de automovel e a boneca merece trato e carinho como se fosse realmente uma criança.

O autor fala ainda sobre a importância dos campos de jogos e enfatiza a sua relevância social. A esse respeito também se refere Lois Marietta Williams, que

aponta a seriedade do brinquedo para a criança, como forma de aprendizado, especialmente, se acontecesse num campo de recreio e fosse dirigido por um adulto. Diz a autora:

Si pudessem trabalhar, estudar com o mesmo interêsse, o mesmo entusiasmo – pensamos, lamentando que tanta energia se gaste sem propósito, sem proveito. Mas é o brinquedo sem propósito, sem proveito? Julgamos que não. Como quer se explique o motivo que impulsiona o brincar: excesso de energia, uso de habilidades e tendências dos antepassados, meio de exprimir o impulso estético, criador – qualquer teoria que se adotar, entre as formuladas pelos psicólogos e educadores, leva-nos a reconhecer o valor do brinquedo, o seu papel na vida infantil e o direito indiscutível que toda criança tem de brincar, não como preparo para a idade adulta, mas como necessidade premente, pois que o brinquedo é uma fôrma do próprio crescimento (WILLIAMS, 1933, p. 42).

Desse modo, apesar de a autora falar do direito da criança ao brinquedo e deste não ser uma forma de preparação para a vida adulta, salienta que ele não é divertimento, nem passatempo. O jogo, que deveria acontecer em lugares apropriados e ter diretrizes, seria a expressão dos elementos sociais e emocionais, bases para uma vida sadia.

A presença da Psicologia é forte no artigo de Williams (1933), mas também em outros. A observação da criança que brinca, facilitaria, por exemplo, classificá-la em diferentes esferas, como a afetiva, a sentimental, a emocional, a da personalidade, a dos sentimentos sociais, a esfera motriz e a esfera intelectual (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1935).

Outro grupo de artigos fornece também informações sobre as mobilizações sociais e políticas em torno da infância, ocorridas no Brasil, no período em que circulou a revista e mostra, especialmente, a atenção dada pelos editores à emergente necessidade de se olhar para a infância com novas preocupações.

Um significativo exemplo a esse respeito foi a Conferência Nacional de Proteção à Infância, ocorrida no Rio de Janeiro em 1933, para a qual a revista dedicou um espaço, ressaltando os principais resultados do evento. O texto inicia notificando a presença de Getúlio Vargas, para quem a proteção e a saúde da infância era uma “preocupação política verdadeiramente nacional”, pois,



[...] a criança de hoje será o homem e o cidadão de amanhã, a que teremos de transmitir o patrimônio moral e material que, presentemente, se acha sob a nossa guarda. Infeliz do povo que não cuida da criança; descuida-se de si mesmo, esquece-se do seu futuro (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933d, p. 32).

O texto cita, entre os trabalhos apresentados nessa Conferência, aqueles com relação direta à Educação Física, entre os quais se destacam temas como: a “Educação Física do latente”, do Dr. Abreu; “Colônias de férias”, do Dr. Almir Madeira; “Recreios e jogos para crianças”, de Lois Marietta Williams; e “Educação Física para crianças de diversas idades”, do capitão Inácio de Freitas Rolim. O texto dedica-se a detalhar, especialmente, o trabalho de Rolim.

O resultado da Conferência é bem visto no artigo e poderia decorrer daí a promulgação de leis e regulamentos no rumo de uma proteção e assistência eficazes à infância, necessidade urgente na direção de uma formação para a nacionalidade.

Por fim, o texto destaca a presença dos militares em posições honrosas no evento, tendo Rolim como vice-presidente e o Major Raul Mendes de Vasconcelos, como membro honorário. Entre os resultados, estão: a criação, nos Estados, de um departamento para orientar a prática da Educação Física e formar professores nos moldes do então CMEF; ênfase à formação de professores de Educação Física; criação de parques de recreio e organização de colônias de férias.

Eventos assim já vinham acontecendo no Brasil há algum tempo, a exemplo do Congresso Americano da Criança, com o qual ocorreu também o Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, nos quais circularam membros de diversas instâncias políticas e sociais, em que a educação, a higiene e a saúde receberam espaços privilegiados (KUHLMANN JÚNIOR, 2002).

Outra realização, em âmbito nacional, noticiada pela revista, diz respeito à Campanha Nacional pela Alimentação da Criança, iniciativa do professor Olinto de Oliveira, com assistência dos Drs. Dante Costa, Barbosa Lima e Enéas Martins Filho,<sup>62</sup> todos membros da Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância.<sup>63</sup>

O texto é uma transcrição feita a partir da *Revista de Educação* e ressalta questões referentes à mortalidade infantil, contra a qual foi organizada a campanha,

---

<sup>62</sup> Enéas Martins Filho é um dos nomes que aparece nas Atas do VII Congresso Nacional de Educação ocorrido em 1935 (LINHALES, 2006).

<sup>63</sup> De acordo com o texto, a Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância era um órgão de saúde pública que se destinava à defesa e à assistência das crianças e das mães e era chefiado pelo professor Olinto de Oliveira.

“[...] que é um grande movimento de opinião e assistência à criança, do ponto de vista alimentar” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1935, p. 25). A intenção dos realizadores da campanha era esclarecer a população brasileira sobre a desnutrição; difundir as propriedades nutricionais dos alimentos para a infância; fundar, nos Estados e municípios do Brasil, núcleos vinculados à campanha e ligas de proteção à infância.

Aspecto que também mereceu atenção no periódico foi a ginástica infantil. Se o termo ginástica pouco foi encontrado nos textos relativos à Educação Física escolar, apesar de as imagens remeterem para essa prática, aqui ele ganha espaço. Dez artigos foram publicados na revista sobre essa temática. Nove deles, porém, são fragmentos da tese do Dr. Otávio Salema,<sup>64</sup> o outro é um texto traduzido do alemão, originalmente escrito por Detlev Neumann-Neurode, e aborda uma “fase maternal de educação”, na qual a atenção se volta para o aspecto sensorial do lactente, realizada pela mãe.

No mesmo direcionamento de Neumann-Neurode, o Dr. Salema apresenta, em 1935, a calipedia ou ginástica infantil, que, anteriormente, fora realizada por leigos, mas que estaria despertando a atenção da classe médica. Nesse sentido, cita, em vários desses artigos, o Dr. Moncorvo Filho<sup>65</sup> como o grande iniciador dessa prática. Segundo ele, mesmo antes da publicação do trabalho de Neumann-Neurode, considerado o fundador da ginástica para a primeira idade, os exercícios físicos já eram realizados no Dispensário Moncorvo.

Os textos de Salema são prescrições detalhadas de como realizar a ginástica com crianças de zero a quatro anos de idade, realçando o período que vai até os dois anos. O autor é enfático ao aconselhar os cuidados com a alimentação da

---

<sup>64</sup> Sobre as publicações de Octávio Salema na *Revista de Educação Física* (do Exército), ver: Neitzel (2005).

<sup>65</sup> O higienista Moncorvo Filho, de acordo com Wadsworth (1999, p. 2), é o grande responsável pela construção de “[...] modelos institucionais e ideológicos com os quais esperava alterar o conteúdo e a forma do sistema assistencial no Brasil”. Esse médico fundou, em 1880, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância no Rio de Janeiro, que contava com 17 filiais, em 1921, em todo o País. Moncorvo Filho foi vice-presidente da Seção de Puericultura da Liga Brasileira de Higiene Mental. Foi também o criador do Departamento da Criança no Brasil e o organizador do primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, em 1922.

Os trabalhos e as proposições de Moncorvo Filho incluíam: ginecologia, cirurgia dentária, distribuição de leite, creches, consultas para lactentes, palestras sobre saúde, atendimento aos recém-nascidos, vacinação, massagem, eletroterapia, banhos medicinais, tratamento de doenças, atendimento pré-natal (WADSWORTH, 1999).

criança, bem como a necessidade da helioterapia.<sup>66</sup> Segundo ele, o objetivo da prática da ginástica seria preparar o futuro cidadão civilizado, aquele que tivesse coluna ereta, sem deformações físicas. Caso contrário, “[...] fãcilmente se compreendem as condições de inferioridade física em que irão ficar mais tarde tais indivíduos, na competição titânica da luta pela vida” (SALEMA, 1936, p. 31).

Suas prescrições eram detalhadamente explicadas e demonstradas em fotografias. Nos textos, pode-se notar que a criança era chamada de “ginasta” ou de “paciente”. O segundo termo é reafirmado por algumas fotografias, nas quais as crianças são exercitadas por médicos ou enfermeiras, como é possível visualizar na Figura 9, apesar de as prescrições serem, geralmente, direcionadas às mães.



**FIGURA 9 – Ginástica infantil**

Fonte: *Revista de Educação Física* (do Exército), n. 27, 1935.

Um pequeno grupo de artigos tinha como temáticas os esportes. O primeiro deles, de Julio J. Rodrigues<sup>67</sup> (1933), tinha como título “Foot Ball entre menores” e foi traduzido para a revista por Inácio de Freitas Rolim. O autor chama esse desporto de “jogo de equipe” e indica que já pode ser praticado pelas crianças de 12 ou 13 anos de idade, devido ao interesse desses jovens. Para ele, é no período da puberdade, que os meninos começam a praticar jogos de cooperação, de *teams*.

<sup>66</sup> A helioterapia, segundo o próprio Salema (1935, p. 12), referia-se à exposição da criança, mas também do adulto, ao sol, como “[...] prática higiênica habitual, destinada a garantir ao organismo a assimilação da energia cósmica necessária a sua manutenção”.

<sup>67</sup> Diretor Técnico-Geral da Comissão Nacional de Educação Física do Uruguai.

O autor posiciona-se contra grandes competições para as crianças, já que elas não se encontram preparadas organicamente para isso. Esse tipo de atividade poderia ocasionar sérios prejuízos. Para Rodrigues (1933), é dos 16 aos 18 anos que os meninos perdem seu caráter infantil e, sendo o futebol um jogo que começa, geralmente, a ser praticado nesse período, “[...] é mistér, tomar as medidas necessarias, para prevenir e evitar os efeitos perniciosos tanto para o corpo como para a mente e o espírito” (RODRIGUES, 1933, p. 40). Assim, o futebol entre menores deveria ser praticado nas praças de esportes, sob a fiscalização de pessoas idôneas.

O capitão e Dr. Braulio Durvalt Martins, também professor da EsEFEx, acerca da competição de “box inglês”, é categórico ao afirmar:

E', pois, deplorável que certos *instrutores* de ginástica, divorciados das mais elementares noções que regem o ensinamento da educação física, empolgados pelo efeito fugidiço de exhibições espetaculares, cometam erros grosseiros e de perigosas conseqüências, expondo, de modo surpreendente e temerário, aos mais sérios perigos, a saúde dos seus incautos educando, especialmente quando êstes são, como no caso a que me refiro, crianças em pleno desenvolvimento, ainda no delineamento da sua morfologia somática. Este treinamento físico de fim atlético, em lugar de higiênico, ministrado indiferentemente a crianças, só pode merecer as mais justas reprovações, por eminentemente anti-fisiológico (MARTINS, 1935, p. 3).

Esse autor pontua os aspectos nocivos à saúde da criança, decorrentes de um esporte como o *box*, pois, sendo a criança mais frágil fisicamente, poderia sofrer sérios danos.

Posicionando-se a favor da prática esportiva pela infância, Armando de Freitas Rolim, presidente do Livramento Tênis Club, diz sobre o tênis que “Êste esporte elegante, benéfico para a saúde e educador do caráter, tendo sofrido uma metamorfose radical, se tornou o esporte de todas as classes, de todas as idades e se tornará esporte das massas” (ROLIM, 1936, p. 26).

O artigo atua, ainda, na revista, como uma forma de propagandear os feitos do Club que o autor representa diante das competições referentes ao tênis, pois o treinamento poderia iniciar-se desde a infância, com o intuito de “[...] formar os nossos futuros campeões” (ROLIM, 1936, p. 26).

Com relação à Educação Física extra-escolar, o maior número de artigos selecionados diz respeito aos campos de jogos, colônias de férias e parques infantis. Esses espaços destinados à diversão, mas, especialmente, às finalidades educativas são, na maior parte das vezes, compreendidos como espaços

complementares à educação escolar e se apresentam como um *locus* especial de formação da infância.

Um campo de jogo seria, assim, “[...] um complemento necessário à escola. Nele se aprende a brincar, a viver com alegria, predispondo o espírito para as mais arrojadas realizações” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933b, p. 26). Desse modo, o brincar praticado nos campos de jogos teria forte influência na formação moral das crianças, sendo de grande utilidade ao pedagogo, pois “E’ no campo de jogos que as crianças vivem, enquanto na escola, preparam-se apenas para viver” (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933b, p. 27).

Alguns artigos abordam, ainda, a questão da organização desse tipo de espaço infantil, reafirmando sua necessidade e importância para a formação das crianças. Um desses textos sugere que, além de uma Educação Física racional, fisiológica e higiênica, especialmente orientada pelo agrupamento homogêneo, seria necessário reservar um lugar, devidamente aparelhado, destinado à recreação das crianças de todas as classes sociais, lugar onde aprenderiam a brincar e ganhariam iniciativa, aprendendo a viver com alegria e se preparando para a vida futura (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1937).

Diversos artigos abordam, ainda, a necessidade das colônias ou centros de férias. Laurentino Lopes Bonorino, capitão, define esses centros como

[...] organizações sociais que têm seus alicerces na educação física, na vida ao ar livre cheia de liberdade e movimento, vida de intimidade, de simplicidade e de bondade, onde a criança vai, não apenas para distrair-se e repousar, mas, sobretudo, para adquirir saúde física e moral (BONORINO, 1933, p. 14).

Os centros de férias, feito com o qual o Centro Militar de Educação Física colaborava, segundo o autor, preparando professores de Educação Física, era um lugar para educar as crianças. A escolha/recrutamento das crianças para esses centros seria realizada por um médico, a partir de fichas.

A Figura 10, que ilustra o texto de Bonorino na revista, exhibe uma lição de Educação Física, na qual fica visível uma contradição com relação à liberdade de que fala o autor. A aula aqui ilustrada mostra a realização de exercícios direcionados militarmente:



**FIGURA 10 – Lição de Educação Física na colônia de férias**

Fonte: *Revista de Educação Física* (do Exército), n. 9, 1933.

Em conclusões apresentadas à Conferência Nacional de Proteção à Infância, Almir Madeira (1933) falou da existência de três tipos clássicos de colônias de férias: as de montanha ou altitude, as marítimas e as de campo ou planície, podendo ser ainda coletivas, de internato ou familiares, diurnas ou urbanas. Ressaltou a necessidade de haver, no espaço destinado às colônias, a presença de um professor de Educação Física, em atuação sempre auxiliada pelo médico. Entre as conclusões, convoca a sociedade a atentar para essa importante questão:

Impõe-se a criação, em todas as unidades da Federação Brasileira, da grandiosa organização social, para o que se faz mistér a coordenação de todos os esforços, privados ou não, de vez que não é barato o seu custeio, irmanando-se, em torno do nobilíssimo e elevado objetivo, filantropos, higienistas, educadores (a professora primária, em particular), homens de governo, publicistas (MADEIRA, 1933, p. 19).

Nesses artigos, são ainda sugeridas formas de organização das colônias, discriminando, detalhadamente, a estrutura física e o corpo profissional necessário. Entre esses últimos, é possível destacar enfermeiros e médicos. Alguns textos dispõem ainda de exemplos de uma programação completa para as colônias, frisando aspectos da alimentação e da higiene (VUILLEMIN, 1934).

A existência de parques infantis é outra necessidade apontada pela revista. Alfredo Colombo (1938), da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, reclama a existência desses parques na Capital da República, pois, segundo ele,

Nas escolas públicas, a recreação infantil está relegada a um plano secundário. Quase não existem professores de educação física, os quais lhes ministrem exercícios para auxiliar os seu desenvolvimento e, quando existem, não podem seguir um plano metódico por diversas razões (COLOMBO, 1938, p. 5).

Assim, ao denunciar a realidade das escolas naquele período, Colombo (1938) enfatiza o espaço dos parques infantis como uma extensão da educação escolar, ou onde seriam supridas as falhas dessa educação. Assim, haver-se-ia de contribuir para tornar os indivíduos civilizados, eficientes, corteses, corajosos, responsáveis e, desse modo, “[...] teremos contribuído enormemente para a regeneração da raça” (COLOMBO, 1938, p. 5).

Nicanor Miranda (1939), diretor da Divisão de Educação e Recreio do município de São Paulo, posiciona-se também a esse respeito e acentua uma necessidade de que se lançasse um olhar para a criança e que a compreendesse conforme suas peculiaridades.

A escola não é, pois, o sistema ideal de cultura infantil. Um outro sistema precisa, não diremos substituí-la, mas completa-la. Um sistema que tome a criança como ela é, e a nossa complexa civilização como ela é, harmonizando os dois fatos de uma maneira científica e ao mesmo tempo humana [...]. Esse sistema é o parque infantil (MIRANDA, 1939, p. 4).

Nesse sentido, Faria (1999) fala sobre a iniciativa de Mario de Andrade em São Paulo, à qual também estava ligado Nicanor Miranda. Essa iniciativa, com relação aos parques infantis, configurou-se, segundo a autora, em grandes contribuições para a construção de uma pedagogia da educação infantil.



**FIGURA 11 – Parques infantis**

Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 48, 1941.

Faria (1999) pontua ainda que, para atores como Mario de Andrade e Nicanor Miranda, a criança seria um ser portador da cultura de sua classe e, sendo assim, criado como uma alternativa às pré-escolas e aos espaços filantrópicos, os parques infantis baseavam-se na produção cultural (FARIA, 1999).

[...] os filhos dos operários, contemplados, portanto, já sob a responsabilidade do município, com o direito à infância, isto é, com o direito ao não-trabalho, com o direito de brincar e de criar a cultura infantil, permanecendo crianças pelo menos enquanto estivessem no parque (FARIA, 1999, p. 70-71).

No entanto a liberdade do brinquedo, da vivência, da cultura infantil, tinha claros objetivos patrióticos, com os quais a Educação Física certamente poderia contribuir. Desse modo, dentro da escola ou nos parques infantis, ela “[...] não só preencheria os fins biológicos, como psicológicos e morais; educação do corpo e do espírito e educação social, formando o homem de amanhã, vivificado pelo pensamento e pelo ideal, e disciplinado pela própria vontade” (MIRANDA, 1939, p. 10).

Dessa maneira, um retorno às reflexões de Chartier (1988) me ajudam a pensar naquelas formas produtoras de sentido que colocam em associação as decisões dos autores dos textos a escrevê-los e as intenções editoriais, sempre presentes e dadas a ler nessa revista. Em torno da educação da infância, o



periódico é regado de intenções informadoras e formadoras daqueles a quem seria destinado.

Assim, os objetivos do periódico militar, anunciados sempre nos editoriais, tinham “[...] um hino constante de confiança nos destinos da Pátria” (ABREU, 1933, p. 1), tinham seu foco claramente voltado para a educação das crianças, prescrita pelos autores, fosse para o meio escolar, fosse para os outros espaços educativos criados para atendê-las.

## CAPÍTULO 5º

### **5 A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA DA INFÂNCIA NA REVISTA *EDUCAÇÃO PHYSICA***

A busca por compreender como a educação da infância escolarizada é abordada na revista *Educação Physca* me remete às reflexões desenvolvidas por Varela e Alvarez-Uria (1992, p. 69) ao associarem a concepção de infância à invenção da instituição escolar. Para os autores, “Assim como a escola, a criança, tal como a percebemos atualmente, não é eterna nem natural; é uma instituição social de aparição recente ligada a práticas familiares, modos de educação e, conseqüentemente a classes sociais”. Segundo esses autores, a infância ligada à inocência e à divisão por etapas cronológicas é ainda mais recente. A constituição de um estatuto de infância estaria, assim, associada a ações educativas sob três dimensões: uma institucional, uma familiar (relacionada com a família cristã) e outra relacionada às práticas de recristianização.

Entretanto, numa sociedade de constituição étnica e racial complexa, com tantos problemas econômicos, como é o caso do Brasil, outros aspectos podem ter influenciado a constituição estatutária da infância. Nesse sentido, analisar o processo de escolarização moderna, a legislação que envolve a infância, a assistência e a proteção às crianças, a organização familiar, entre outras possibilidades, pode fazer bastante sentido.

São esses aspectos que o periódico em questão dá a ver, tendo como mote a educação física das crianças, organizada tanto para o meio escolar, quanto para outros espaços de prática e educação, como é o caso da própria família. A revista *Educação Physica* oferece prescrições diversas, com enfoques, por vezes, diferenciados da *Revista de Educação Física* (do Exército), mas fundamentados nos mesmos saberes científicos que se associavam em torno das necessidades de cuidar e de educar as crianças.

Assim, a lembrar as proposituras de Certeau (2004), são consideradas as especificidades do *lugar* de prática dos editores que idealizaram esse periódico, bem como dos atores/autores que, em alguns momentos, ultrapassavam as *demarcações* desse *lugar* para circular no *espaço* que constituía o campo educacional e o campo da Educação Física. O mais importante é não perder de vista o fato de que as

representações sobre infância e educação que são feitas circular na revista civil (e também na militar) são *representações* coletivas (CHARTIER, 1988).

### 5.1 A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA REVISTA *EDUCAÇÃO PHYSICA*

Diferente da *Revista de Educação Física* (do Exército), que apresenta uma intensa publicação sobre a Educação Física escolar infantil nos primeiros anos de sua circulação, a revista *Educação Physica* iniciou seu percurso com uma veiculação de poucos artigos destinados a essa perspectiva, traçando um começo que teve por direcionamento conteúdo, veementemente, esportivo e, portanto, orientado a jovens e adultos.

Esse periódico somente começa a dedicar a atenção à educação escolarizada das crianças a partir de 1939, quando consegue publicar nove artigos com essa temática, caindo, novamente, em 1943. Durante esses cinco anos, o número geral de artigos sobre a infância conseguiu ser cerca de quatro vezes maior do que nos outros oito anos em que a revista esteve em circulação.

Esse período diz respeito também à participação de Hollanda Loyola no corpo editorial da revista, além de ser ele o maior articulista do periódico sobre as questões da infância e de sua educação. Vejo como significativo, então, iniciar pelas suas prescrições sobre as formas de educar a infância no âmbito da escola.

O primeiro artigo de Loyola selecionado para esta análise data de 1939 e versa sobre a Educação Física infantil para crianças de quatro a seis anos de idade, que correspondia ao 1º grau do ciclo elementar, conforme a adaptação do método francês no Brasil. Trata-se, para o autor, de um período em que a criança inicia a fase escolar e toma contato com a Educação Física, como prática dirigida, ativa e metódica. Para Loyola (1939a), esse período da vida da criança é a “idade do jogo”, dos “folgedos coletivos”. As crianças possuem características muito particulares. Seu organismo, nessa fase, já se encontra esboçado, mas o sistema ósseo ainda é frágil e os sentidos encontram-se em pleno processo de desenvolvimento.

Sobre essa idéia, a Figura 12 mostra crianças brincando ao ar livre, ilustração que aparece também em outros textos sobre a Educação Física dos quatro aos seis anos, escritos por Loyola, de modo que, além de mostrar o jogo e as brincadeiras

como pano de fundo desses textos, caracterizava um espaço destinado, na revista, a essas prescrições. Para além dessa reflexão, é possível notar, ainda, representações de infância contidas nessa imagem. São crianças brancas, bem vestidas, limpas, em um espaço onde brincam livremente em contato com a natureza e sem a intervenção de um adulto. Uma representação do ideal da moderna educação dos sentidos, bem como de um ideal de criança.



FIGURA 12 – Educação Física Infantil

Fonte: Revista *Educação Physica*, n. 34, 1939.

Para essa idade, as finalidades da Educação Física deveriam estar firmadas no desenvolvimento moral e físico da criança:

[...] **sob o ponto de vista moral** – desenvolver o raciocínio, o interesse pelo trabalho, o instinto associativo, criar os bons hábitos, as boas maneiras, influenciar pouco a pouco sobre a formação da personalidade que se deverá plasmar sob a orientação sadia dos sentimentos bons, corrigindo as tendências más e os possíveis defeitos da educação doméstica; - **sob o ponto de vista físico** – desenvolver a acuidade sensorial, a independência e a coordenação dos movimentos, orientar o desenvolvimento harmonioso do sistema muscular e do esqueleto, procurar as atitudes corretas e evitar as viciadas, ampliar a capacidade das grandes funções orgânicas [sic], e, especialmente, do aparelho respiratório que encerra uma importância máxima para a vida da criança (LOYOLA, 1939b, p. 13, grifo meu).

Para a educação da criança, nesse periódico, como no apresentado anteriormente, a ênfase também era dirigida ao jogo, pois é “[...] a forma de trabalho físico que mais interessa a criança e que deve ser aproveitada como principal elemento de sua preparação física e de sua formação moral” (LOYOLA, 1940, p. 57). Nesse sentido, o autor faz aconselhamentos para a utilização dos jogos e, como prescritos na revista militar, sempre estavam ligados a uma história “qualquer” capaz

de despertar o interesse da criança, aproveitando sua tendência natural para essa atividade.

São aconselháveis as seguintes indicações: aproveitar a capacidade de imitação da criança executando os exercícios para que ela os imite, não tendo a preocupação de enunciá-los ou comandá-los, mas dramatizá-los ligando a uma história qualquer que interesse ou estimule o espírito do educando; aproveitar a sua tendência natural para o jogo organizando-o de forma a atrair a criança não só pelo prazer do recreio, mas empregá-lo racionalmente no sentido de desenvolver gradativamente a coordenação dos movimentos, a contração muscular, a resistência do esqueleto, a atividade sensorial e a capacidade respiratória; corrigir oportunamente as tendências más [...] (LOYOLA, 1939b, p. 13).

O professor de Educação Física, a quem se dirigiam esses conselhos, precisaria estar atento também para evitar exercícios monótonos, que tolhessem a liberdade da criança e que não fossem capazes de despertar seu interesse.

Os termos “liberdade” e “interesse”, utilizados pelo autor, são discutidos por Bermond (2007), em sua análise, sobre as apropriações de preceitos escolanovistas pelos intelectuais que escreviam na *Revista de Educação Física* (do Exército). O termo “interesse” pode significar apropriações das idéias de Claparède, em forte circulação no período. A noção de “liberdade”, por sua vez, é um termo associado por Bermond (2007) às proposições de Rousseau, ao falar de “liberdade infantil” dentro de sua concepção de “educação negativa”. No método da educação negativa, uma das finalidades seria

[...] deixar a criança livre para que o educador pudesse observar suas inclinações e capacidades, a fim de que, na sua educação posterior, quando fosse possível lhe ensinar preceitos morais, o professor soubesse que tipo de inclinações o jovem possui, uma vez que essas se revelaram na infância, quando ele tinha maior liberdade (BERMOND, 2007, p. 76).

Isso pode indicar uma aproximação de Loyola, senão com as obras, pelo menos com o ideário em circulação e, desse modo, é possível dizer, a exemplo do que constatou Bermond (2007) com relação ao periódico militar, que as idéias desses intelectuais também circulam na revista *Educação Physica*. A exemplo disso, o próprio Loyola cita Claparède ao falar sobre a idade dos interesses intelectuais da criança.

O autor ressalta, assim, a importância dos pressupostos da Psicologia para orientar o processo educativo da criança. A entrada para a escola significa uma fase de transição para os pequenos – do lar para a escola – e, sob esse aspecto, “[...] a educação deve intervir adaptando a criança a êste novo meio e preparando-a para a

sociedade da qual vai fazer parte integrante e na qual precisa figurar como uma parcela útil de valor positivo” (LOYOLA, 1940c, p. 57).

Em artigo publicado em 1932, Summers, do alto da direção da ACM, juntamente com Cyro Moraes,<sup>68</sup> critica os diversos métodos empregados na Educação Física da criança, entre os quais destaca aquele que parte de um espírito militar que procura desenvolver qualidades de disciplina. Para os autores “Nenhum dos ‘systemas’ de Educação Physica satisfaz o conceito educativo moderno do que deve constituir um programma completo” (SUMMERS; MORAES, 1932, p. 46). Esses sistemas produziram resultados imperfeitos e diversos estudiosos, entre biólogos, fisiólogos e psicólogos, estavam contribuindo com a aplicação dos princípios educativos à Educação Física.

Os estudos aprofundados sobre a criança estariam possibilitando pensar no jogo como principal conteúdo para a educação infantil.

Este aspecto tão interessante da vida da criança está ocupando um lugar de destaque em seu desenvolvimento integral, e muitas das novas fórmulas de educação, taes como as de Dalton, Decroly, Fensham, Heigts, etc., fazem do espírito de jogo da criança o factor central de sua educação. Deve-se esperar, portanto, que os jogos constituam o motivo principal de um programma de Educação Physica (SUMMERS; MORAES, 1932, p. 45).

O jogo aqui, por vezes, é abordado como sinônimo de esporte, quando o autor cita, por exemplo, entre os jogos diversos, as atividades de atletismo, natação e remo. Ao contrário do que apregoam alguns autores da revista, Summers e Moraes (1932) acentuam, ainda, que somente os jogos não satisfariam totalmente as crianças, de modo que seria necessário empregar exercícios calistênicos apropriados e a marcha, condizentes com a civilização moderna.

Mais tarde, os ensinamentos de Summers (1937, p. 8) veiculados no periódico, diziam que “Os centenaes de jogos que podem ser praticados pelas crianças são, em sua maior parte, dramatizações das relações sociaes da infancia e despertam os velhos instinctos e emoções em [diversas] actividades”. Os exercícios calistênicos continuam em pauta nesse texto do autor.

Ao observar as histórias contadas como modelos nas páginas das revistas, apresentam-se tópicos referentes ao cotidiano das crianças, como as relações familiares, mas também aquilo de que gostavam e que nem sempre vivenciavam,

---

<sup>68</sup> Cyro Moraes era diplomado pelo Instituto Técnico das A. C. M. (Montevideú) e diretor do Departamento de Educação Física da A. C. M. do Rio de Janeiro.

como os passeios em belos lugares. Educação dos sentidos e do gosto. Seria preciso reconhecer o desejo de brincar das crianças, meio pelo qual elas desenvolveriam suas capacidades pessoais e funcionais, que, mais tarde, constituiriam a base da eficiência adulta.

Em 1942, o professor Saturnino Rodrigo, cujo artigo se intitulava “Ginástica infantil”, reclama por não se dedicar ainda a devida atenção aos exercícios que deveriam ser ministrados nos primeiros anos da escola primária. Segundo ele, os métodos sueco e calistênico são aplicados a essa idade, mas sempre com exercícios incoerentes com o desenvolvimento psicológico e com a aptidão física das crianças. Critica, ainda, a forma como são aplicados os “jogos esportivos” às crianças, que, ao entrarem na escola,

[...] são material que se deve preparar cuidadosamente para a vida e são precisamente as lições de ginástica a que cabe papel preponderante nessa adaptação [sic]. Porisso essas lições devem ser apresentadas de tal forma que na aparência sejam a continuação da vida livre que a criança levava (RODRIGO, 1942, p. 28).

Ao apresentar o método de ginástica infantil do sueco Major Ilhulin, Rodrigo (1942), indica que o modo de realizá-lo com as crianças se fundamentaria nos jogos, de fácil compreensão e com movimentos cotidianos, aproveitando a fantasia das crianças e os jogos livres. Desse modo, de acordo com o autor, a criança chegaria a um objetivo útil sem perceber, e os exercícios passariam de jogos a movimentos ginásticos: “A ginástica infantil é ideal e, somente, aos nove anos a criança está pronta para movimentos coordenados dissociados” (RODRIGO, 1942, p. 29).

Aqui, é possível notar, mais uma vez, a forte relação entre os jogos e a ginástica, quando se trata da Educação Física das crianças das séries finais do ciclo elementar. Assim, conforme as crianças cresciam e se desenvolviam, praticavam exercícios que se distanciavam cada vez mais dos jogos dramáticos e as aproximavam de exercícios mais ritmados e cadenciados.<sup>69</sup>

A chamada terceira infância também recebia atenção nessa revista. Loyola é o autor que mais abordou essa fase da vida da criança. Demarcada por ele entre os sete e doze anos de idade, envolve a “[...] fase essencialmente escolar, caracterizada pelas primeiras manifestações da puberdade e que para a pedagogia da educação física tem uma significação particular” (LOYOLA, 1940, p. 50),

---

<sup>69</sup> Discussão realizada, no capítulo anterior, especialmente com relação aos artigos de Rolim (1933) e Costa (1933).

destacando-se as finalidades do ponto de vista físico e moral. Para o autor, essa ainda é a idade do jogo, mas, de acordo com Vermeulen – em quem Loyola se baseou, mas cuja obra não cita – é também a idade do trabalho.

É para o final dessa fase, até os 13 anos de idade, que o autor direcionava os textos que recebiam o título “Lição de Educação Física”. Esses artigos que, geralmente, são preparados por ele para o 4º grau do ciclo elementar, diferenciam-se das prescrições para as crianças menores, no próprio formato: o texto tem características de plano de aula, informando idade, duração das aulas, conteúdos, exercícios e sempre dividindo as aulas em três partes fundamentais: sessão preparatória, lição propriamente dita e volta à calma, seguindo o modelo das lições militares, também encontradas na *Revista de Educação Física* (do Exército).<sup>70</sup>

Loyola (1940) recomendava que essas lições durassem cerca de 30 minutos e tivessem como processo de ensino o comando. Incluía flexionamentos diversos e o desenvolvimento de habilidades, como a marcha e o salto, e alguns jogos poderiam ser realizados nessas atividades. O canto e os exercícios de ordem faziam parte da volta à calma.

Em um desses artigos em que o autor prescreve uma lição para meninas, Loyola (1939) indicou a possibilidade de separação entre os sexos para a realização das aulas, mas não há alterações legíveis com relação ao tempo, aos processos de ensino ou aos conteúdos. Num outro momento, o autor salientou que “A presente lição poderá ser ministrada aos vários ciclos e graus, bastando para isso aumentar a duração e adaptar a lição propriamente dita aos respectivos agrupamentos” (LOYOLA, 1940d, p. 69).

A divisão desse tipo de aula, conforme a prescrição dos exercícios militares, aponta a clara utilização do método francês, em vigência no período como método oficial da Educação Física escolar. Suas características são sempre assinaladas por Hollanda Loyola em suas prescrições para as diversas fases da infância, não somente por ser o método oficial, mas, possivelmente, por ter sido a essência de sua formação, já que ela ocorreu na EsEFEx.

O método francês é citado na revista por diversos autores. Para o professor e capitão Mario de Queiroz Rodrigues, tratava-se de um método eclético e atrativo,

---

<sup>70</sup> As reflexões de Carvalho (2006) que designam o impresso, por vezes, como *caixa de utensílios*, também são cabíveis a esse periódico, à medida que o autor apresenta diversos planos e modelos de aula que auxiliariam a prática docente.



mas que poderia ser alterado conforme as necessidades e interesses da turma, agregando-se a ele, por exemplo, os jogos (RODRIGUES, 1945). Para o autor, a seqüência e repetição de exercícios que compõem uma lição nem sempre são tão atraentes assim e podem tornar-se monótonas. Adepto dos jogos, assunto sobre o qual o autor escreveu também na revista militar, diz ainda que há uma “[...] necessidade da utilização de pequenos jogos para estímulo, encanto e entusiasmo pela aula de educação física” (RODRIGUES, 1945, p. 11).

### **5.1.1 Os saberes da Medicina em circulação no periódico: mensurando e classificando as crianças**

Ao pensar uma educação que possuísse como diretrizes aspectos psicológicos e biológicos, aos quais os educadores deveriam se associar, elevava-se a Medicina e, por meio da higiene pública, instaurava-se uma medicalização da sociedade. Nesse sentido, a escola seria a reformadora das “gentes” no País e, de acordo com Marques (1994, p. 101), “[...] regenerar pela educação passara a ser a tônica do discurso educativo [a partir] dos anos 1920, que colocava a escola, com seus rituais, como espaço aberto para as reformas morais e intelectuais propostas pelos republicanos”.

A partir desse período, conforme Kuhlmann Júnior (2001), começou a se apresentar com maior profundidade um interesse em torno da criança e de sua cultura como objetos de estudo. O discurso da regeneração incidia, de modo particular, sobre essas crianças, a quem valeria a pena educar para um futuro como homens mais fortes, energizados e preparados para elevar a nação.

A medicalização se faz presente na escola, cujas novas formas vão se adequando às reais necessidades impostas com as mudanças sociais. Juntamente com isso, a infância recebe tratamento cada vez mais especializado e diferenciado nas instituições destinadas ao seu cuidado e ensino, a dizer das escolas primárias. “Essa visão de escola modeladora, que não só aperfeiçoava o espírito como também conformava o corpo, fazia ver como indispensável a presença de novos saberes a compor o universo da escola” (MARQUES, 1994, p. 101), entre os quais, estavam os saberes médicos. Na revista *Educação Physica*, a circulação desses saberes é uma

constante, estando sempre vinculados à Educação Física, com finalidades claras de medir, classificar, corrigir e, claro, regenerar.

O Dr. Humberto Baldariny (1940), especializado em Educação Física, compreendia que o método francês era utilitário, fisiológico, atraente e que contribuiria para o reerguimento social, por atuar no aperfeiçoamento do indivíduo, melhorando a raça. Para ele, esse método englobava os “**Jogos** [jogos infantis – quatro a sete anos; jogos intensivos – sete a doze anos; jogos esportivos – treze a dezoito anos], **Flexionamentos, Educativos, Aplicações, Esportes** [dezenove anos em diante] **individuais e esportes coletivos**” (BALDARINY, 1940, p. 39, grifo do autor).

No entanto, por alguns médicos, esse método também sofria críticas. Para Valdemar Areno (1942), a falha estava no modo como indicava a seleção dos grupos para as aulas de Educação Física, uma divisão baseada somente na idade, tornando-se uma classificação “[...] insegura e sem apoio científico” (ARENO, 1942, p. 46). Com relação ao grupamento homogêneo, essa é uma crítica, geralmente indireta, feita por diversos médicos, inclusive já pontuada na *Revista de Educação Física* (do Exército).

Areno (1942) aponta uma necessidade de resolver o problema do grupamento homogêneo presente no regulamento do método, que, a princípio, é simples, mas que merece maior importância do que lhe estava sendo dada. Sugere, então, a adaptação da tabela americana de Christian, introduzida, em 1922, na ACM, que era direcionada para classificações nas competições esportivas infanto-juvenis, para a realização do grupamento homogêneo na educação infantil. Essa tabela consistia de informações sobre idade, estatura, peso e capacidade vital, correspondendo, cada um, a um determinado número de pontos, o que, para Areno (1942), seria adaptável a alguns aspectos do método francês.

Eram assuntos em pauta, na revista *Educação Physica*, o crescimento e o desenvolvimento das crianças, a formação física e as deformações dos escolares, as fichas, as prescrições biométricas e o grupamento homogêneo, a fisiologia, a higiene e a saúde.

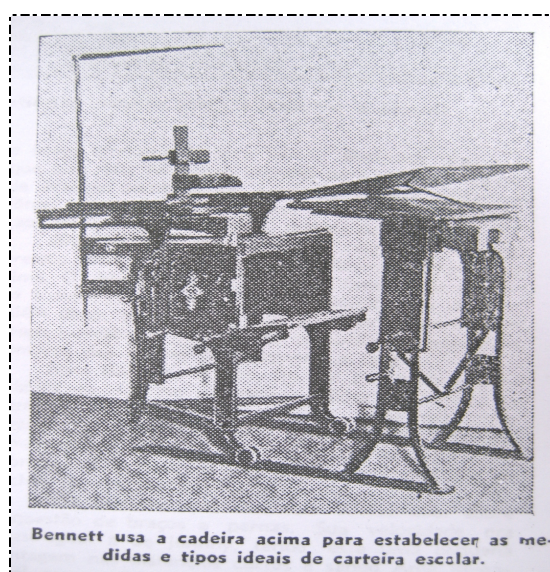
Assunto recorrente na revista era mesmo a questão das deformações das crianças. Sobre isso, Robles (1939, p. 28) enfatiza que “[...] a Educação Física do pré-púbere deve ser muito medida e controlada” e completa, “[...] é necessário que sempre nos compenetremos da verdadeira importância do nosso papel no

desenvolvimento dos homens de amanhã, e empreguemos nosso saber, nosso carinho, nosso entusiasmo a favordeles [sic]”.

Gondra (2000) menciona as preocupações presentes, em diversas teses médicas, com a escola e a educação das crianças. Segundo ele, um projeto científico para a educação nasce ainda no século XIX. Com vista a uma higienização dos indivíduos, uma dessas preocupações era com o mobiliário escolar. Rui Barbosa, por exemplo, mencionava estudos sobre construção e usos dos bancos escolares. Numa perspectiva da correção dos desvios e da prevenção de deformações, essa é também uma preocupação de alguns médicos que escrevem para a revista *Educação Physica*.

Os bancos escolares eram considerados inapropriados para as crianças e, para Ramos (1940, p. 14), era o “[...] inimigo figadal da educação física”. Se, na escola, a criança deveria mesmo ficar sentada, para esse autor, seria preciso, minimamente, que os bancos fossem adaptados ao seu tamanho, pois não se poderia negligenciar a saúde das crianças. Assim, para o autor “[...] os cuidados que se lhes devem precisam ir ao encontro do individuo logo ao despontar de sua existência – na infância, portanto” (RAMOS, 1940, p. 14).

No número 41 da revista, Ramos (1940) sugere a utilização da cadeira de Bennett, que pode ser visualizada na Figura 13, como padrão de carteira escolar, adaptável melhor às especificidades do corpo infantil, para evitar as deformações tão indesejáveis.



**FIGURA 13 – Cadeira de Bennet**

Fonte: Revista *Educação Physica*, 1940, n. 41.

O artigo de Edna Carew Jennings (1942), sobre a Educação Física corretiva, aparece na revista *Educação Physica* alguns meses, depois de haver sido publicado na *Revista de Educação Física* (do Exército). O artigo é o mesmo, mudando apenas o título de: “Centros de educação física corretiva nas escolas elementares de Los Angeles” para “Objetivo da educação física moderna”. Essa ocorrência pode corresponder a um uso *tático* (CERTEAU, 2004) da revista *Educação Physica*, significando concorrência, mas, também, pode reforçar a questão das *redes de sociabilidade* (SIRINELLI, 1996), podendo ter havido algum tipo de proximidade entre os editores.

Os pressupostos médicos preconizados pelo Dr. Sette Ramalho e pelo Dr. Arthur Ramos também aparecem na revista civil, alguns anos depois de terem sido publicados na revista militar. O primeiro vem reforçar seu discurso sobre a necessidade das fichas para as crianças na fase escolar, a fim de separá-las em grupos homogêneos para a prática da Educação Física. A revista retoma também o tema da caracterologia que, no artigo escrito por Ramos, em 1936, tinha o título “A educação física elementar sob o ponto de vista da caracterologia”, o qual aparece sem recortes na revista civil, apenas dividido, dada a sua extensão, em dois números da revista que circularam em 1941.

Acerca da Biometria, a revista apresenta recomendações fornecidas pelo Departamento Nacional de Educação, ao mencionar a necessidade de o médico de Educação Física direcionar os exames das crianças, a fim de separá-las em grupos de normais e deficientes, caso possuíssem algum desvio. O artigo indica as formas como deveria ocorrer essa separação, tanto as normais, quanto as anormais.

Sobre o grupamento homogêneo, destacam-se, especialmente, as incursões de um não-médico, o professor Inezil Penna Marinho. Seu texto sobre esse assunto foi escrito especificamente para esse periódico, publicado em 1942, e republicado no número 77, de 1947, com algumas alterações. O autor pontua que o grupamento homogêneo não é um caso particular da Educação Física, mas um problema geral da educação. Sendo assim, para cada finalidade que se tivesse, deveria haver um tipo de grupamento, pois um mesmo grupamento nunca serviria para os diversos fins.

A justificativa de Marinho (1942) para o grupamento centrava-se na impossibilidade cromossômica de dois indivíduos apresentarem os mesmos patrimônios hereditários. Além disso, o próprio meio se encarregaria de atenuar tais

diferenças. Para ele, realizar um grupamento verdadeiramente homogêneo seria algo muito complexo.

Sobre a Educação Física, o autor pontua que ela também é um processo de educação e que “O professor de educação física nas escolas primárias e secundárias não é um simples instrutor, mas, exclusivamente, um educador” (MARINHO, 1944, p. 59).

O mesmo Marinho virá, em 1943, a falar de processo educativo, citar os nomes de estudiosos como Rousseau, Pestalozzi, Dewey, entre outros, para reafirmar a importância da Educação Física da criança, dentro de seus pressupostos, como elemento essencial nos preceitos de uma educação nova e, nesse sentido, apresenta os nomes dos brasileiros Afrânio Peixoto e Anísio Teixeira.<sup>71</sup>

### **5.1.2 Discussões pedagógicas: justificativas para a Educação Física e preocupações como o professor**

No sentido das discussões pedagógicas que envolviam a Educação Física e tinham por seu principal objeto a criança, alguns artigos também circularam nessa revista. Entre essas discussões, havia sempre uma busca por justificar a importância da Educação Física, especialmente, nos currículos escolares e como disciplina essencial para a educação das crianças.

[...] a educação física não será mais encarada como um passatempo fútil ou uma obrigação fastidiosa, mas como um instrumento de triplice aperfeiçoamento, porque implica o progresso simultâneo moral, mental e físico. Seus adeptos não devem constituir autômatos que repetem dia a dia determinado número de movimentos, com a finalidade mesquinha de engrossar músculos, mas sim de construir fortes personalidades, cuja energia, vontade e valor mental formarão com o físico uma dualidade perfeita (ROUET, 1938, p. 12).

O autor menciona as práticas pedagógicas que não condizem com um ideal de saúde e condena até mesmo o modo de alguns professores se vestirem e o fato de serem sedentários. Uma raça forte dependeria, de acordo com o autor, de mais do que duas lições semanais e de bons exemplos.

---

<sup>71</sup> Afranio Peixoto e Anísio Spinola Teixeira são nomes que aparecem entre aqueles que assinaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, documento que teve em pauta a renovação dos princípios pedagógicos e a defesa da escola pública obrigatória, laica e gratuita (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1990).

O discurso sobre os jogos apresentado até aqui parece ser colocado em questão quando esse autor diz que “[...] a cultura física é uma coisa, o jogo outra. Fôra heresia querer desenvolver o corpo pelo jogo; êste não pode deixar de ser senão o complemento útil da cultura sistemática dos músculos. Não se deve distrair as crianças durante a educação física” (ROUET, 1938, p. 12).

Porventura ensinam-lhes a geografia brincando? Não, não está certo! A cultura do corpo é parte demasiado importante da educação para que seja tratada dêsse modo. A educação física não deve só servir a fins recreativos, mas ser considerada ao mesmo título que a educação intelectual. Quando um ministro de Educação tiver compreendido isso, os métodos mudarão. Não se verão mais esses tais espetáculos, que seriam grotescos se não fôsem tão prejudiciais, de professores perderem seu prestígio e sua dignidade, e por isso o seu ascendente sôbre as crianças, jogando a ‘cabra-cega’ ou respirando uma flor imaginária. E’ erro crer indispensável divertir as crianças para fazê-las trabalhar. Para convence-las da necessidade de uma disciplina corporal, basta – e isto seria a função do professor intelectual – dirigir-se ao seu bom senso, a seu juízo e mesmo a seu amor próprio, demonstrando-lhes as vantagens e a utilidade da saúde, da beleza e da força. Assim se concebe a educação física escolar. Os professores deveriam, antes de tudo, justificar sua função por uma bela aparência atlética e qualidade de atletas completos (ROUET, 1938, p. 12).

Rouet (1938) convida os professores de Educação Física a cuidar de sua profissão, a buscar o devido respeito por uma disciplina com claras finalidades educativas.

Num sentido próximo, um artigo escrito por Summers (1937), ao falar da diversidade dos métodos de Educação Física, ressalta uma cientificização das práticas que são utilizadas por essa área: “Hoje, dispomos de uma sciencia da Educação Physica baseada em uma theoria e pratica educacionaes, e as escolas deverão ser as primeiras a fazer uso dessa sciencia” (SUMMERS, 1937, p. 10). Apresenta uma concepção de infância contrária a de Rouet, ao mencionar a importância da recreação para a formação da criança e reafirma, ainda, a importância da Educação Física.

Educadores de todo o mundo já compreendem que a diversão é uma expressão fundamental a vida da criança e do adulto. Por meio de actividades que satisfaçam a criança, podem contribuir enormemente para o desenvolvimento da personalidade. Nesse sentido, **a Educação Physica toma o seu lugar como uma das matérias mais significativas do curriculum** (SUMMERS, 1937, p. 10, grifo meu).

Ainda sobre a disciplina Educação Física presente nas escolas, Ribeiro (1939) salienta que é cercada de problemas, quais sejam: os de ordem técnica – que dizem respeito à organização dos programas de Educação Física e à

organização, supervisão e controle das atividades práticas, o que vem sendo resolvido pela Divisão de Educação Física;<sup>72</sup> os de ordem psicológica – correspondentes ao estudo das reações mentais das crianças diante das atividades; e os de ordem médica – sobre a educação alimentar e combate às doenças. Para o autor, esse último problema é tão importante quanto os outros e as escolas carecem de programas de prevenção e cura, mas, especialmente, de higiene, pois a finalidade da escola era moldar o futuro homem, a futura mulher.

A esse respeito, Rocha (2000, p. 12) diz:

Na produção discursiva da escola como meio formador, capaz de corrigir e prevenir ‘imperfeições, excessos e eventualidades perigosas’, a criança é representada como massa moldável, justificando-se a vigilância higiênica sobre a instituição escolar, nos seus mais diferentes aspectos, a fim de evitar que, pelo seu regime, a escola viesse a produzir seres [inúteis].

Educar moral e civicamente as crianças também era um dos objetivos formadores da escola. Loyola (1940) diz que esse foi um assunto em debate no Primeiro Congresso Brasileiro de Educação Física, ocorrido em São Paulo, em agosto de 1940.

Êsse ensino tem que ser objetivo, de aplicações imediatas; não deve ficar nos conhecimentos abstratos das preleções teóricas; é mister que o aluno o compreenda, sintá-o e viva-o através dos exemplos dignificantes de uma conduta sã e nobre; é uma consciência que se vai criar e esta só produzirá bons frutos, só se perpetuará si se transformarem em hábitos as qualidades que se pretendem despertar e desenvolver; é o exercício constante, quotidiano dessas qualidades que firmará a personalidade do indivíduo dentro das normas de uma conduta que se traçou como **modelo para a realização moral do cidadão perfeito, completo.**

Êsse mister compete ao professor de educação física; assim completar-se-á a sua missão e evitar-se-á que os exercícios do corpo fiquem apenas no desenvolvimento muscular sem uma ligação definida com o moral e o intelecto (LOYOLA, 1940e, p. 9).

Nesse sentido, os saberes dos professores de Educação Física, bem como seus modos de atuação diante da criança, também entram em debate em alguns artigos. Para Summers (1937), por exemplo, os professores precisariam ser devidamente preparados. A eles caberia compreender a vida da criança, suas especificidades e, também, o aspecto “educacional” da Educação Física. Há nesse

---

<sup>72</sup> Segundo Melo (2007), a Divisão de Educação Física (DEF) do Ministério da Educação e da Saúde foi criada em 1937, para a qual foi nomeado diretor o capitão João Barbosa Leite. De acordo com o autor, “Este órgão, primeiro especializado no nível administrativo federal, seria o responsável por sistematizar e regulamentar todo o processo de formação profissional” (MELO, 2007, p. 1).

artigo uma visível intenção de fazer com que a Educação Física fosse reconhecida pela sua importância.

Numa atenção aos saberes necessários aos professores, Clair Langton<sup>73</sup> (1938), que enfatiza a saúde como preceito a ser disseminado pela Educação Física, sugere, para tanto, a adoção de um programa de instrução de professores para torná-los aptos a esse exercício.

Preocupado com a questão da profissionalização dos professores, Loyola (1942) também fica atento ao aspecto da formação do professor, fala na importância da especialização e diz, nesse sentido, que a escola deve ser amparada e dirigida pelo Estado, e aos professores esse amparo deve se traduzir em salários dignos.

Entre os ecos norte-americanos presentes na revista, Elizabeth Graybeal (1942) apresenta uma pesquisa especialmente dedicada a compreender as dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física nas escolas elementares e, para isso, constrói um mapa diagnóstico baseado em estudo sobre os professores de Aritmética. Para tanto, a professora analisa objetivos e métodos da Educação Física para, a partir daí, listar as dificuldades encontradas por professores da Universidade de Minesota, baseadas nas dificuldades dos professores em formação em frente ao ensino elementar.

Os itens foram agrupados em nove temas, incluindo: aquisição dos equipamentos de ensino; conhecimento dos objetivos específicos da Educação Física; reconhecimento da função do método geral no ensino da Educação Física; procedimentos na apresentação de processos novos; medidas para diagnosticar as dificuldades de alunos e prover trabalhos corretivos; métodos para tornar o trabalho vital e significativo; métodos para socializar o trabalho no período em sala de aula; uso de testes na instrução e fatores gerais. A autora, como solução para esse problema, sugere ênfase nas reuniões de professores e nos programas de formação, com auto-análise e auxílio pedagógico.

É possível perceber, de forma bem explícita, no modo de lidar com os conteúdos, mas, também, envolvendo as discussões em torno das práticas dos professores, a presença dos saberes provenientes da Psicologia na revista *Educação Physica*. Hollanda Loyola (1939b), que mais uma vez aparece nas discussões sobre a infância, é um dos atores em circulação que ressalta esse

---

<sup>73</sup> Diretora da Divisão de Educação Physica do Oregon State College.



aspecto, compreendendo ser necessária aos professores uma atenção à psicologia da criança, juntamente com o seu estado físico e a finalidade do exercício.

Também Rodrigues (1945), ao falar sobre o ecletismo necessário ao professor, reforça a necessidade de a Psicologia ser parte integrante de seus conhecimentos, com o fim de conseguir atrair as crianças nas aulas de Educação Física. Esse também é um aspecto requisitado nas questões do grupamento homogêneo (RAMOS, 1941), e no sentido de uma formação que compreendesse o corpo e o espírito da criança (FERREIRA, 1941).

Rocha (2000, p. 13), em estudo sobre a cultura escolar, a partir de um manual escolar, destaca, numa ação que compreende a Medicina e as normas higiênicas, “[...] a presença marcante de uma fundamentação psicológica, na discussão de questões como hábitos, interesse, fadiga, as quais são apresentadas como problemas pedagógicos, higiênicos e, ao mesmo tempo, da esfera da Psicologia”.

Presente na preparação profissional, Ferreira Neto (1999b) destaca que a Psicologia estava entre os principais conteúdos que ganhavam espaço nos cursos de formação de professores de Educação Física, por força do movimento escolanovista.

Desse modo, a Psicologia se encontra entre os principais saberes que perpassavam as prescrições na revista *Educação Physica*, com vistas a instrumentalizar os professores/leitores para sua prática cotidiana, integrando os conteúdos que compunham a ação pedagógica na disciplina Educação Física.

### **5.1.3 A diversidade de conteúdos e a preparação da infância para o futuro**

Reportando-me à discussão para os conteúdos que circulavam como prescrições na revista *Educação Physica*, ressaltai a forte presença do jogo, algumas vezes relacionado com o termo ginástica, que também se associa aos exercícios relativos a uma Educação Física corretiva.

O esporte aparece citado por alguns autores, mas a ele não é dada grande atenção, quando o assunto em pauta é a Educação Física das crianças, a não ser em um artigo de Vintre e Grobon (1941), que ressaltam o perigo dos esportes de competição nas escolas primárias. Para eles, seria preciso “[...] forjar uma raça sã de

corpo” (VINTRE; GROBON, 1941, p. 10) e, por isso, o esporte não seria adequado às crianças que não se encontravam plenamente formadas, organicamente.

Agora, instruídos dos fenômenos correlativos dos movimentos, é fácil encarar e conceber as perturbações orgânicas que acompanham um jogo violento, uma prova de competição, sobre tudo em um indivíduo não traquejado, mas ainda na criança cujos órgãos **em via de formação** ainda não adquiriram entre si uma relação orgânica definitivamente estabelecida. Cumpre denunciar o perigo de tais práticas para a infância; os acidentes nos dão sobejas razões, sobre tudo por fadiga cardíaca, que pode deixar taras definitivas (VINTRE; GROBON, 1941, p. 10-11, grifo do autor).

Entre os autores que recomendavam os esportes para a Educação Física das crianças, estavam Thomas D. Wood (1936) e J. S. Summers (1937), com formação nas ACMs dos Estados Unidos.

A dança aparece fortemente nesse periódico como conteúdo educativo. Pelo menos oito artigos circulam com ensinamentos sobre como executar determinados tipos de danças/bailados com as crianças no ensino primário. Essas danças, conforme indicado nos artigos, poderiam ser direcionadas para as aulas e para as festas escolares.

Os artigos aconselhavam, ainda, a utilização da dramatização e de indumentária específica para as coreografias. Entre as indicações, é possível encontrar a polca e algumas danças com nomes de origem européia, como a alemã *rheinlander*. Todos eles acompanham uma partitura com os compassos das músicas e indicam o tempo de duração dessas execuções. As danças também são indicadas por alguns autores, tais como, Wood (1936), Cunha (1942), como conteúdo a ser utilizado pelos professores na Educação Física das crianças.

Esses artigos oferecem uma diversidade de olhares lançados à infância e uma grande quantidade de prescrições direcionadas à educação e à Educação Física das crianças. Assim, a infância é, por fim, vista como objeto privilegiado da educação e, conforme Loyola (1940b), é ao olhar para as crianças que os objetivos de aperfeiçoamento físico e moral, bem como, o objetivo do melhoramento da raça ganham êxito.

A escola moderna que, para Varela e Alvarez-Uria (1992), foi inventada para a infância, mobilizava saberes científicos condizentes com os propósitos modernos, sob as diversas disciplinas, entre as quais estava a Educação Física. Esses saberes

deveriam *temperar as almas* dos meninos, afirmando, em sua inocência, a *energia do cidadão* do futuro.<sup>74</sup>

Nesse sentido, “A escola deverá realizar isso para as crianças. Deverá apresentar-se vivente e preparar-lhes o teatro, de maneira que se encontrem prontas para o novo dia” (PATRI, 1938, p. 39). A revista *Educação Physica* se coloca diante da educação das crianças, ao focar, nos diversos artigos que faz circular, as necessidades de pensar em uma educação e em uma Educação Física que se inicie na infância, pois é ela que constituirá a sociedade de amanhã.

A esse respeito, Schneider e Ferreira Neto (2008, p. 12) dizem que “As exigências da sociedade industrial impunham modificações profundas na forma e no modo de se encarar a educação, pois novas relações de produção colocavam-se na ordem do dia”. Assim, a nova sociedade de que tanto se fala nesses artigos refere-se àquela em que os atores estivessem prontos para o trabalho, para o progresso, para a industrialização. Para tanto, a infância necessitava ser educada integralmente.

O capitão Silvio Magalhães Padilha, ao falar sobre a educação integral das crianças, em 1943, ponderou:

Nenhum povo zeloso do seu futuro poderá descuidar-se de suas crianças. Governos, educadores e pais, enfim, todos a quem está afeto preservar o dia de amanhã de uma pátria deverão esforçar-se por tentar resolver tão complexo quanto delicado problema, estabelecendo ou criando métodos práticos capazes de dar base estrutural e segura aos que mais tarde trarão sobre os ombros a incumbência dos destinos de um país. Uma nação feliz, seria, pode-se dizer, aquela cuja infância se encontrasse perfeitamente amparada e irmanada dentro de sãos princípios educacionais [...] Aquela cuja assistência médica-educacional-recreativa à criança, formasse no âmbito de sua vida um mister de fácil desincumbência e de aquiescência a todos (PADILHA, 1943, p. 11).

Em prol de uma modernização estavam os homens de ciência e os intelectuais das mais diferentes formações, que faziam circular concepções diversas de infância. Uma diversidade de olhares e de prescrições aponta uma infância científicizável, classificável, mensurável, educável. Tendo em vista o objetivo maior, pela via das diversas disciplinas científicas, buscava-se compreender as crianças, separá-las em fases, por idades, por tipos. Sobre a infância se lançava a esperança no amanhã.

---

<sup>74</sup> Termos de que trata Olavo Bilac em seu poema “Palavras aos meninos brasileiros”, que circulou na Revista do Ensino de Minas Gerais, em 1927 (VEIGA, 2000).

A criança, no modo como aparece representada nesse periódico, é fenômeno da natureza, é “[...] pedra angular dos destinos humanos” (RAMOS, 1940, p. 13). É a criança matéria plástica conforme as idéias de Rousseau, no seu “Emílio”. É nesse período da vida que

[...] tudo é mais fácil corrigir, melhorar, aperfeiçoar e as impressões então recebidas e os bons hábitos adquiridos se desenvolvem pela existência em fóra sedimentando as normas sadias de uma vida eficiente e firmando os traços fundamentais de uma vida definida (LOYOLA, 1940b, p. 37).

Assim, ao estudar as concepções de infância no período do Renascimento, quando são engendradas as concepções que ganharam forma na Modernidade, Boto (2002) diz que a criança é apresentada, ou representada, como ser dependente e, portanto, dominável. As concepções de infância em circulação no periódico podem ser aqui complementadas pelas reflexões da autora sobre um tempo em que a

A criança é percebida pelo que lhe falta, pelas carências que apenas a maturação da idade e da educação poderiam suprir. Frágil na constituição física, na conduta pública e na moralidade, a criança é um ser que deverá ser regulado, adestrado, normalizado para o convívio social (BOTO, 2002, p. 17).

Ao pensar a criança como ser passível de ser educado, regulado, moralizado, a Educação Física, na sua perspectiva de integralidade, educaria física, intelectual e moralmente as crianças, contribuindo, de forma grandiosa, para a formação das almas infantis, preparando-as para a época nova.

## 5.2 A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO FÍSICA EXTRA-ESCOLAR NA REVISTA *EDUCAÇÃO PHYSICA*

Sobre uma educação e uma Educação Física das crianças “fora” dos domínios da escola, os artigos da revista *Educação Physica* foram também agrupados sob diferentes tópicos, quais sejam: jogos, educação no lar, esporte infantil, assistência à infância, alimentação, colônias de férias e ginástica infantil.

Os artigos elencados sob a temática “jogos” são textos especialmente dedicados a falar sobre as particularidades e as formas de utilização desse conteúdo, tendo em vista a formação das crianças. Silas Raeder, em dois artigos publicados em 1932 e 1933, recomenda, inicialmente, os “jogos menores”, que

seriam aqueles recreativos, que podem estar ao alcance de todos. Seus conselhos se dirigem a professores, instrutores e pais.

Para a realização desses jogos, Raeder (1932, 1933) aconselha o uso do apito para facilitar o comando e despertar o senso de disciplina e sugere um jogo limpo, sem esperteza, com diversão. Os círculos seriam a melhor formação para os jogos, facilitando para que todos se conheçam e criem um espírito de unidade. Posteriormente, o autor indica algumas possibilidades de jogos entre os quais estão: “nunca-três”, “frente a frente”, “cadeias”, “branco e preto”, “pegar a calda”, “chicote queimado”, com características de “piques” e com explicação minuciosa sobre a execução de cada um deles.

Numa perspectiva parecida, Weisigk (1936) aconselha os “pequenos jogos”, termo que inaugura uma seção na revista, cujo intuito seria indicar, em cada número do periódico, jogos para serem executados ao ar livre, dentro de casa e em diversos outros ambientes pelas crianças. A nova seção da revista não dura muito tempo, aparecendo apenas em dois números (5 e 6) no mesmo ano, com sugestões que incluíam desde jogos recreativos ao ar livre até mágicas de salão, ilusionismo e curiosidades matemáticas.

Os jogos são tomados, em alguns artigos, como sinônimo de recreação (NASH, 1940), meio para a educação ou complemento desta (ROLIM, 1939; MENDES, 1943) ou, ainda, na sua relação com o trabalho (HARMON, 1939), mas, em todos os textos, o jogo oferece possibilidades de aprendizagem.

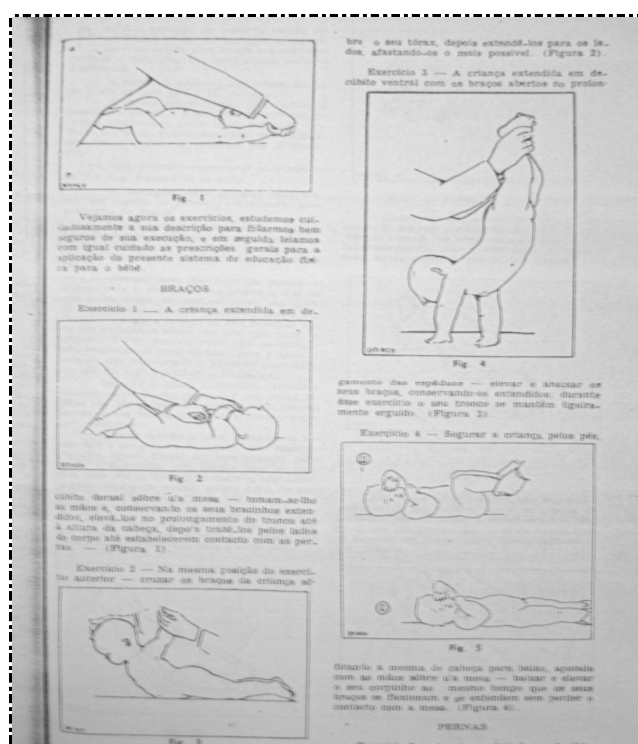
Como na revista militar, a ginástica infantil é assunto recorrente nesse periódico. Octávio Salema também circula pela revista civil a apresentar um dos fragmentos de sua tese. O mesmo texto apareceu na revista militar em setembro de 1935.

Nesse periódico, porém, outros autores também se interessam pelo assunto. Entre eles, está mais uma vez Hollanda Loyola, que apresenta um programa para a infância compreendida entre o nascimento e os dois anos de idade, mas também para outras fases da infância, com exercícios passivos de braços, pernas e tronco. Segundo ele, deveriam ser executados exercícios sob a forma de massagem à criança, a quem chama de paciente, e cada exercício deveria ser repetido de três a oito vezes, em uma sessão de cinco a dez minutos.

No ano seguinte, Loyola (1941, p. 50) dedicará um artigo exclusivamente à ginástica do bebê, pois,

E' para o berço, onde se agitam, irrequietos e sorridentes, êsses pequenos sêres que constituirão os homens de amanhã, que se devem curvar, atentos e dedicados, todos aqueles que teem o dever sagrado de dar à Pátria gerações fortes e sadias e a obrigação psíquica de assegurar ao homem, desde cedo, as bases de sua felicidade futura, isto é, a saúde, a força e a alegria. E' esta a grande obra do lar, a nobre tarefa dos pais.

Em diversos desenhos, que podem ser vistos na Figura 14, os ensinamentos do autor são detalhadamente explicados.



**FIGURA 14 – Ginástica para o bebê**

Fonte: Revista *Educação Physica*, 1941, n. 53.

Os esportes, com espaço garantido no periódico, quando se direcionam a jovens, adultos e atletas, ganham algum espaço na revista ao dirigir-se à educação das crianças. O futebol, por exemplo, capaz de atrair fortemente a “meninada”, nem sempre é uma prática aconselhável, sob o ponto de vista da Educação Física, podendo mesmo chegar a prejudicar e comprometer o organismo. Assim, não se pode deter em demasia às regras desses esportes, pois,

[...] os organismos ainda em formação das crianças, não comportam o mesmo dispendio de energia que só pôde exigir de um homem. Absurdamente, as partidas são disputadas em campos com as dimensões regulamentares e em dois tempos de 40 minutos [...]. E um erro imperdoável (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1937, p. 32).

Um artigo de Fernando de Azevedo (1939), ex-diretor de Instrução Pública de São Paulo, fala ainda sobre a posição do esporte num programa escolar. Ressalta a importância dos esportes, mas atenta a diferenciá-los dos jogos.

O que estabelece o traço diferencial entre os jogos (educativos e intensivos) e os exercícios esportivos ou esportes é apenas a **intensidade em ação e emoção** que, em pequena dosagem n'aqueles, entram, porém n'estes em quantidade tão avultada, que os tornam, ao menos na sua maior parte, mais próprios para a idade adulta (AZEVEDO, 1939, p. 10-11, grifo do autor).

Desse modo, Azevedo (1939) pontua as diferenças entre a Educação Física infantil e aquela destinada a adolescentes, jovens e adultos, apontando como fundamento da Educação Física para as crianças os jogos, que são capazes de satisfazer as necessidades da atividade, da alegria e da liberdade.

Sobre as reflexões de Azevedo (1939) em torno do esporte, Linhales (2006) destaca que a presença dos esportes nos programas escolares seria complementar. Para o autor, a ginástica elementar é que deveria ser o conteúdo fundamental e, sendo assim, o esporte só se justificaria se pudesse contribuir “[...] para o desenvolvimento da iniciativa, da acuidade de sentidos, do raciocínio e do caráter” (p. 53).

Entre as preocupações que perpassam a necessidade de educar a infância, especialmente a infância pobre, no sentido de civilizá-la e prepará-la para o desenvolvimento social, estão os programas e instituições assistenciais. E os produtores da revista *Educação Physica* também ficam atentos a essas questões.

Humberto Baldariny (1940), médico especializado em Educação Física, entende que a Educação Física atua como um meio de assistência social à infância, constituindo-se numa das mais importantes obras sociais. Para ele,

Se for uma bem orientada educação física, moral, intelectual e profissional, ministrada à criança, desde a sua mais tenra idade, conseguiremos ajustar êste futuro adulto, dentro das leis que regem as sociedades, não teremos mais que resolver os sérios problemas: da delinquência, da vadiagem, da miséria, e dos diferentes cancros sociais. Teremos então um povo feliz e uma nação forte, respeitada e admirada. O Brasil ainda não é o que deveria ser, é preciso aperfeiçoá-lo transformando os indivíduos. Esta transformação tornar-se-á impraticável se não fôr iniciada pela educação da criança (BALDARINY, 1940, p. 38).

Para que essa educação tivesse real sentido, seria preciso a existência de um método capaz de atender a tal demanda e, nesse sentido, o método adaptado ao

Brasil pela EsEFEx e adotado pelo Ministério de Educação e Saúde Pública seria o ideal.

O professor Asdrubal Monteiro (1937) ressalta a importância social de se diminuir a delinqüência e concorda que o papel da Educação Física nesse sentido é de fundamental importância. O autor adverte sobre as causas da delinqüência e sobre as despesas para manter os delinqüentes em reformatórios. Os campos de jogos cumpririam bem essa função. Mas, para Dante Costa (1939), o problema da delinqüência afetaria especialmente as crianças abandonadas que acabavam indo para esses reformatórios, por ele chamados de asilos, com péssimas condições.

Para melhor compreender como funcionava esse tipo de instituição – os reformatórios – uma outra fonte pode fornecer representações significativas: o relatório escrito pelo Dr. Cândido Motta Filho, diretor do Serviço de Reeducação do Estado de São Paulo e Diretor do Reformatório Modelo, em 1935, no qual relata as condições deploráveis de tratamento pelas quais vinham passando os internos do Instituto Disciplinar de São Paulo, antes de sua reorganização.

Na visão de Motta Filho (1935), esse espaço servia como um depósito de menores que se encontravam

Reclusos na chácara, sem o cuidado médico-pedagógico preciso, eles eram artificializados pela disciplina feroz e saíam incapazes para a luta pela vida. Com a personalidade destruída por um comportamento obtido a custo de castigos e ameaças, rumavam, facilmente, para a perversão e para o crime (MOTTA FILHO, 1935, p. 5).

O relatório com as denúncias de Motta Filho (1935) apresenta sua insatisfação com aquele ambiente que julgava infestado de perversidade. Ambiente no qual os menores tinham constrangimento de ser honestos e onde o bem era vergonhoso e feito às escondidas.

Para evitar essas mazelas, o ideal seria, então, conforme Costa (1939), colocar essas crianças em uma família onde pudessem receber a assistência de médicos e enfermeiras visitantes. Essa prática poderia fornecer excelentes resultados e, segundo o autor, algumas experiências mostram ter havido desenvolvimento e aprendizagem satisfatórios, além de o custo ser menor do que a internação em asilos.

Como uma das formas de assistência à infância, também existiam as colônias de férias, consideradas por Julio Rodrigues (1936, p. 107), como “[...] viveiros de bons cidadãos”. Nesses espaços, as crianças vão se refazer,



[...] devem descansar em um local aprazível, respirar livremente e melhorar as suas qualidades de nutrição por meio de uma boa alimentação. Entretanto, para que os resultados sejam os melhores possíveis, necessitam de locais convenientemente escolhidos onde reine a máxima higiene, e precisam também de um programa de atividades compreendendo educação física, jogos, trabalhos e exercícios interessantes (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1942a, p. 33).

Circulam, ainda, na revista, alguns textos que denominam esses espaços de “colônias educacionais”, que teriam uma finalidade diferente das colônias de férias. Haveria aí um programa com finalidade estritamente educacional, constando de exercícios físicos e recreação que deveriam ser ministrados por profissionais especializados. Nesse ambiente, seria dada também atenção aos jogos, aos banhos de sol, de mar, de chuveiro, de duchas, às leituras educativas, às aulas didáticas, sob forma de recreação e, ainda, haveria passeios, excursões, cinema, atividades artísticas e literárias, palestras, canto, dança, teatro, sendo todas as atividades com finalidade educativa (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1944a).

Apesar da denominação dessa colônia e das finalidades educacionais salientadas no texto, não há grandes diferenças visíveis entre a colônia educacional e a colônia de férias, como aparece na maior parte dos textos. De qualquer forma, os educadores que orientariam as crianças em colônias de férias

[...] tem o dever de restituir aos pais, crianças não somente em melhores condições físicas, mas igualmente, em **melhores condições morais**. E’ preciso, ainda, que essas crianças tenham adquirido novos conhecimentos, que hajam aprendido **bons hábitos de higiene e de limpeza** e que voltem com o espírito cheio de alegres recordações e um coração cheio de amizade para com seus camaradas e para com os chefes que dirigiram a colônia (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1942b, p. 34b, grifo meu).

Num sentido próximo, os parques infantis eram espaços destinados a uma assistência social à infância, com vistas a educar e recrear. Além disso, os parques infantis de São Paulo, exemplificados em um dos textos, atendiam às crianças de bairros operários e forneciam assistência médica, alimentar e dentária.

A finalidade que a Prefeitura de São Paulo visa é, agindo dentro de um programa de ação nacionalista, preparar cidadãos para a Pátria de amanhã, homens fortes física e moralmente, e não seres estiolantes, sem saúde, fragmentos de homem e não homens. A educação de saúde representa assim, dentro desse plano, uma preocupação contínua e primordial (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1942a, p. 40).

É sobre essa finalidade que Dante Costa (1943) recomendava a criação de parques infantis em cidades do interior do Brasil. O autor indica as formas

detalhadas para a construção de parques, citando, inclusive, as dimensões, os tipos de aparelhos que eles deveriam ter, os cuidados estéticos com o parque, entre outros aspectos.

Linhaes (2006) lembra que a construção de parques infantis, entre outros espaços de recreação/educação nas cidades para as crianças, mas também para jovens e adultos, já havia sido debatida no III Congresso Nacional de Educação, em 1929, num debate estabelecido pela Seção de Educação Sanitária.

O importante a observar sobre esses “espaços de recreação” para a criança – parques infantis, colônias de férias – é que são especialmente espaços de educação, de formação das almas. Os objetivos em torno da saúde e da higiene, de uma preparação intelectual, moral e física, eram fundamentos para a existência desses espaços, de modo que as crianças se afastassem das más tendências e fossem mais bem preparadas para a época nova.

Ao observar as representações presentes neste estudo, é possível notar que a educação das crianças, no modo como é prescrita na revista, passa, necessariamente, pela instrução dos adultos que cuidarão de sua formação. Os professores parecem ser os mais solicitados à leitura dos artigos, mas muitas prescrições direcionavam-se também às famílias.

Nesse sentido de preparação, entrava, enfaticamente, uma educação no lar. Conselhos eram direcionados, por meio da revista, às mães e aos pais, a fim de que agissem de um determinado modo e não de outro na formação da criança. Os artigos que se incluem nesse mote versam, em linhas gerais, sobre a formação do caráter e a educação moral, sobre a saúde das crianças, o comportamento, a puberdade, as deformações e o crescimento.

Reis (2000), ao abordar os preceitos higiênicos e eugênicos necessários à formação da infância, disseminados pela Liga Brasileira de Higiene Mental, traz preocupações de finais da década de 1920, em uma fala de Porto-Carrero,<sup>75</sup> quando enfatiza a necessidade de se instruir as famílias para que pudessem educar os filhos da forma julgada como correta:

---

<sup>75</sup> Julio Pires Porto-Carrero era psicanalista no Rio de Janeiro, na sede da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM). Esse autor assinou a matéria de abertura da *Revista de Educação Física* (do Exército) de n. 16, que circulou em julho de 1934.

[...] quanto à família, era preciso provê-la dos conhecimentos psicopedagógicos necessários a uma boa educação, livre dos preconceitos e das pedagogias equivocadas dos prêmios e castigos, pois é sabido que a 'arte de perverter começa já no seio da família (PORTO-CARRERO, apud REIS, 2000, p. 9).

A revista *Educação Physica*, nesse sentido, desempenhava esse papel de provedora dos conhecimentos necessários aos pais para a educação dos filhos, quando colocava em circulação diversos artigos destinados a eles.

Loyola (1940a) reaparece e enfatiza que o lar é a primeira e grande escola da criança. Nesse ambiente profícuo, aos pais cumpriria a tarefa inicial da educação da criança, “[...] esse trabalho preparatório para a vida escolar, - missão nobilitante cuja finalidade essencial é conservar as tradições da família, formar a personalidade do homem, contribuir para a elevação moral da sociedade através da elevação moral do indivíduo” (LOYOLA, 1940a, p. 9). Assim, cuidar dessa educação dos filhos seria uma responsabilidade dos pais perante a Pátria, pois de seus filhos dependerá o futuro da nacionalidade.

Em um dos aconselhamentos, Veronelli (1940) faz recomendações sobre qual seria o tipo de amigo ideal para os filhos. Considerando que as crianças ainda não possuem um espírito seletivo suficientemente desenvolvido para escolher seus amigos, caberia aos pais e, especialmente, às mães, a tarefa de observar. Para o autor, a criança não precisaria de mais do que dois ou três bons amigos.

Preocupados com a formação do caráter, diversos artigos fazem recomendações aos pais e mães sobre os modos de agir com seus filhos, pois, “O cimento do caráter e da personalidade da criança se lançam nos primeiros anos de sua vida, que são os mais importantes de sua existência. Glória a tôdas as mães que, durante êsse tempo, procedem bem e sàbiamente” (HALTON, 1941, p. 13).

No sentido dessa formação, o brinqueado é, mais uma vez, solicitado, inclusive, como necessidade no lar, pois “[...] constitue o primeiro crisol do caráter e a escola primaria da vida” (LOTUFO, 1938, p. 33). Sob esse aspecto, o autor aconselha os pais: “[...] brinquem com seus filhos!”

Por fim, ao falar para adultos que poderiam ser pais, professores, ou quaisquer outros atores, Puriton (1942, p. 14) aconselha que aprendamos a lição das crianças, que “[...] conhecem a frescura, o ardor, a atração, a sensação e o feitiço da Felicidade”. De maneira complementar, e no sentido de uma educação estética, Vernego (1940, p. 20) fala para adultos:

Devemos livrar nossa alma dos prejuízos que nos ocultam a beleza pura. Olhar a árvore como um milagre de azas presas que voam no perfume das flores; contemplar o gatinho brincalhão absorvendo a graça dos seus movimentos ágeis, ondeantes, cheios de harmonia; admirar a primeira estrêla da noite como o prenúncio de algo novo que nos ilumine docemente a alma... e então, de acôrdo com o lirismo fantástico e puro da infância, iniciar a EDUCAÇÃO ESTÉTICA DOS NOSSOS FILHOS.

Alguns intelectuais vão tratar na revista de aspectos referentes à nutrição da criança. E boa parte das preocupações diz respeito à pobreza da alimentação infantil no Brasil. Condição alarmante, pois

A infância é a raça de amanhã. E' a totalidade do povo dentro de muito poucos anos. Amanhã essas crianças mal alimentadas de Chile, Argentina, Venezuela e Brasil serão os cidadãos desses países. E a América, formada de crianças assim desnutridas, será um lamentável espetáculo e, ademais, um perigo iminente. Não há povo que possa proceder nacionalmente, não diremos já enèrgicamente, se a base nutritiva está abaixo do normal (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1939, p. 36).

Sendo assim, o médico eugenista Renato Kehl (1941) enfatiza a ignorância das mães com relação à alimentação das crianças como principal causa da grande mortandade infantil. O autor passa, então, a aconselhar como e com que as mães deveriam alimentar seus filhos.

Os textos ressaltam, ainda, a importância de uma alimentação rica para o escolar, que atue tanto no fornecimento de energia para as atividades físicas que são próprias dessa fase, quanto para a prevenção das doenças ditas escolares (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1943).

A alimentação das crianças, o cuidado dos pais, a educação em espaços extra-escolares apontam sempre para a escola. Era esse o mais importante *locus* de formação das crianças. Lugar para homogeneizar, para educar, na mesma direção, todas as crianças, para serem fortes, saudáveis e para que estivessem moral e intelectualmente preparadas para guiar os destinos do Brasil, de gerar, no futuro, uma raça forte, unificada.

As prescrições apresentadas neste capítulo deixam, assim, à mostra algumas das intenções do periódico – de seus editores. De modo que, ao pretender “[...] ser uma nova força nos domínios da educação physica” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1932, p. 3), procurou acompanhar, por meio dos atores que agregou à sua causa, o intenso debate com relação aos cuidados e à educação da infância.

Desse modo, pelos textos e pelas formas que lhes conferem legibilidade, a revista oferece representações diversas de infância e todas direcionadas a um

propósito modernizador. O termo infância e o termo criança ganharam, nos discursos científicos, um foco especial, que diferenciava a criança do restante da população, conformando-a como um importante agente social. A isso estavam associados outros termos.

Os termos assistência, proteção e cuidado da infância, tão comuns na época, construíram para esta geração uma centralidade segundo a qual dela dependeria o futuro da raça e da nação brasileira. [...] em relação à criança, o enfoque esteve na conformação de seu desenvolvimento físico-mental único, adquirindo uma multiplicidade de identidades – *criança pobre, criança robusta, criança retardada, menor abandonado*. A esses adjetivos que categorizavam o tipo de criança, associaram-se diferentes condições de infância, condições essas que a ciência pretendeu normatizar e [também] comemorar (VEIGA; GOUVEIA, 2000, p. 3, grifo das autoras).

Na revista *Educação Physica*, esses termos circulam para prescrever as maneiras de preparar as crianças. A infância representada nesse periódico é aquela sobre a qual estava depositada toda a esperança de um futuro melhor, em que a “[...] beleza desse ideal de uma raça mais completa e mais nobre, desenvolvida ampla, simultaneamente, em todas as suas possibilidades” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1934, p. 11) pudesse se tornar real. A esperança, assim, estava firme na elevação da nação para o plano de país desenvolvido e de seus filhos, para uma raça pura, com *homens novos*, civilizados e sempre prontos para o progresso.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi construído, desde a escrita do projeto de pesquisa, permeado por muitas questões, as quais emergiam das novas leituras, das teorias desconhecidas e da necessidade de um mergulho em fontes repletas de informações, de *representações*. Foram muitos textos para serem lidos, muitas palavras numa grafia “estranha” que precisavam ser decifradas, muitas formas para serem traduzidas em significados, muitas lacunas. Uma diversidade quase inatingível de atores e muitas vozes silenciadas. Difícil fazê-los falar. E, ao falarem, destoavam uns dos outros.

Busquei atentar para as diferenças e para as confluências existentes entre os dois primeiros periódicos da área da Educação Física – *Revista de Educação Física* (do Exército) e revista *Educação Physica* – ao enfocarem a educação e a Educação Física da infância.

Para realizar uma investigação em dois periódicos que foram contemporâneos por cerca de dez anos de circulação, foi necessário ir descobrindo maneiras de me aproximar deles sem perder de vista o objeto, dada a grande variedade de temas que esses impressos faziam circular. Nesse sentido, tornou-se necessário ler, reler, selecionar, agregar ou excluir. Decisões difíceis.

Ao fazer a opção de analisar as revistas pela materialidade, percebi a necessidade de enfatizar as formas que compunham esses impressos. Formas que, muitas vezes, denunciaram as andanças dos atores, as práticas, as *estratégias* e as *táticas*. Fui compreendendo, assim, que três aspectos muito importantes se apresentavam: os **saberes** veiculados, os **atores** responsáveis por colocarem esses saberes em circulação, e as **representações** divulgadas sobre a infância nos periódicos. Percebi que da articulação desses aspectos construiria o texto.

Deparei-me com dois grupos, representantes de dois *lugares* de poder: de um lado, militares, pertencentes à EsEFEx; de outro, um grupo de civis que parecia fazer ecoar as vozes das ACMs. Dois grupos, duas “editoras”, dois projetos culturais. Da parte dos militares, as primeiras impressões sinalizaram uma representação de um método francês. Do meio dos civis, saltavam aos olhos os esportes.

Na “revista militar”, contudo, havia civis, e na “revista dos civis”, as doutrinas militares e eles próprios. Ao buscar as *representações* acerca da infância em processo de educação/escolarização, consensos e dissensões começaram a

aparecer. O método francês, dos militares, oficialmente escolarizado, aparecia fortemente nas prescrições civis. Nos dois periódicos, os esportes pouco eram prescritos para a Educação Física infantil, e os militares também escreviam sobre jogos e dramatizações.

Com isso, vem à tona uma primeira observação e com ela indagações: “revista civil”... “revista militar”... Em que medida faz realmente sentido nominá-las desse modo? O civil e o militar demarcam os lugares de produção desses periódicos, mas a circulação dos atores, sua movimentação no espaço em constituição<sup>76</sup> deixam de lado a homogeneidade.

Entre os dois grupos, dois projetos culturais e um objetivo comum: ser o porta-voz da Educação Física brasileira. Em tempos de modernização, a ciência era a voz ativa e, assim, ambos os periódicos se envolveram dessa cientificidade, e outro objetivo comum se erguia: contribuir para a regeneração da raça brasileira.

Assim, ao retomar as questões inicialmente levantadas para esta investigação, compreendo que as concepções de infância produzidas pelos atores, que circularam nos dois periódicos, refletiam as vozes ecoadas dos lugares de formação e de inserção desses distintos atores, que poderiam também ser militares ou civis. É possível ver, assim, a existência de infâncias: a infância medicalizada, a infância psicologizada, a infância pedagogizada. Infâncias configuradas a partir das *representações* dos atores que produziam os impressos. Crianças, enfim, que poderiam ser classificadas, mensuradas, educadas e preparadas, por serem um devir, os homens e as mulheres de amanhã, aqueles que dariam à nação filhos fortes, regenerados, sadios, higienizados. Objetos da escolarização, portanto.

Nesse sentido, para prescreverem as formas de se educar as crianças, os editores fizeram passar, de modo estratégico pelos dois periódicos, autoridades nas áreas médica, psicológica, pedagógica, biológica. Os atores falavam a partir de suas áreas de formação, mas também faziam incursões em outras áreas. Em torno da escola e das crianças, eles se associavam e, desse modo, as prescrições para a educação da infância, nos dois periódicos, eram apropriadas dos distintos saberes que o tema coloca em cena.

Fundamentado no método francês, o jogo era o principal conteúdo prescrito para a infância nos dois periódicos. Ele atenderia melhor às peculiaridades das

---

<sup>76</sup> Movimentação que ia além da EsEFEx ou das ACMs, mas que chegavam a outros âmbitos, como é o caso da ABE.

crianças. A ginástica estava presente nas revistas, mas vinha, por vezes, disfarçada de jogo. A “revista dos civis” apresentava ainda a dança como conteúdo educativo para a infância, e a educação dos sentidos era apregoada por meio dessas prescrições. Assim, ao apresentar os atores/autores que escreviam para esses periódicos, é possível notar que havia a circulação de representações compartilhadas. As prescrições, por vezes, se repetiam, “ao pé da letra”, no outro periódico, geralmente, no impresso produzido pelos civis. *Redes* se estabeleciam, a *sociabilidade* se fazia necessária<sup>77</sup> e, ao demarcar um lugar, as lutas vinham à tona.

Para falar, ainda, sobre culturas e formas escolares, certamente seriam necessários mais do que fotografias, textos e texturas para criar uma ponte, ou para transpor o *hiato* entre as prescrições que as revistas fizeram circular e os *usos* reais feitos na escola. Mas as representações que os periódicos me fornecem não excluem possibilidades de terem fundamentado a prática de diversos professores. Se ainda isso não for possível, as prescrições ao menos indicam que as idéias, muitas das quais atualmente se fazem presentes nas escolas, na Educação Física das crianças e, por vezes, parecem inovadoras, foram pelo menos esboçadas por homens e mulheres de outros tempos e fazem, hoje, todo o sentido, quando indicam uma Educação Física construída por certas continuidades e certas descontinuidades.

A Educação Física, no modo como é debatida atualmente, não me parece poder ser chamada de mais “teorizada” do que a do período investigado. Mudaram, certamente, as técnicas de pesquisa, os modos de produção da ciência, as possibilidades de acesso às leituras. Estudos recentes, como o de Bermond (2007) e o de Linhales (2006), reafirmam essa possibilidade que, neste texto, também ganha força: os grandes clássicos que teorizavam sobre a educação e sobre a infância, bem como aqueles estudos do âmbito da Medicina, da Psicologia, da Pedagogia e de outras “ciências mães” eram fontes das quais os autores dos artigos aqui citados se apropriavam constantemente. Boa parte dos artigos é rica em referências que estavam em grande circulação no meio acadêmico no período.

A *Revista de Educação Física* (do Exército) e a revista *Educação Physica*, foram produzidas e colocadas em circulação num mesmo período. Contudo a segunda revista deixa de circular em 1945, e a primeira permanece. O fato de um

---

<sup>77</sup> O termo *redes* e o termo *sociabilidade* são empregados aqui a partir das idéias de Sirinelli (1996), guardados os diferentes enfoques. Também foram mobilizados por Linhales (2006), em seu estudo.



periódico descontinuar/morrer não significa que também morrem os saberes. Muitos deles continuam em circulação; o grupo que responde pela revista não deixa de existir quando o periódico pára de circular. As vozes continuam a se fazer ouvir e as palavras, a serem pronunciadas, escritas. Os atores continuam a se movimentar pelos *espaços*, entre os *lugares* e suas *representações*, suas formas de ver, compreender o mundo e dar-lhe significado, bem como as relações que estabelecem, continuam, de certo modo, a acontecerem.

Com base numa formação que, por vezes, estabelecia um tempo, uma cronologia para o predomínio de uma forma de se fazer Educação Física na escola ou para a ênfase em um determinado saber – o tempo da ginástica, ou tempo do esporte, por exemplo – compreendo, por meio dos indícios que as revistas investigadas oferecem, ter havido uma coexistência de conteúdos ou de certos saberes da área, no período investigado.

Por fim, este estudo deixa muito mais questões e caminhos do que, propriamente, respostas. Desse modo, as questões produzidas, na condução do estudo, não se encerram nessas páginas, mas abrem possibilidades para novas investigações. Trata-se de um esforço contínuo e de longo prazo, pois das fontes/objetos históricos aqui abordados ainda há muito mais a conhecer.

É possível dizer que a *Revista de Educação Física* (do Exército) foi criada em meio aos militares, homens de poder, “estrategistas”. Aqueles que traçaram um plano para a Educação Física no Brasil, ao instaurarem o método francês como método oficial a ser ensinado nas escolas. A revista *Educação Physica* desponta como tática. Seria ela constituída por homens menos poderosos? Certamente não! Eram homens imbuídos de um desejo de responder pela Educação Física brasileira. Homens formados pelas instituições (as ACMs) que orientavam a Educação Física em algumas das nações mais “poderosas” do mundo. Dispostos a instalarem/consolidarem a proposta do esporte no Brasil. Esporte também praticado pelos militares, aqueles do método francês. Revista também representada por homens como Hollanda Loyola, formados dentro da instituição militar, mas força agregada pelo grupo civil. Lutas, representações, concorrências, cordialidade, sociabilidade.

## 7 REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Câmara; LEMOS, Elizandra Ambrosio; BUSNELLO, Fernanda. A pedagogia da ilustração: uma face do impresso. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 41-78.

BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. **Ser forte para fazer a nação forte**: a educação física no Brasil (1932-1945). 1991. 244 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

BERMOND, Magda Terezinha. **Educação física escolar na Revista de Educação Física (1932-1952)**: apropriações de Rousseau, Claparède e Dewey. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BERMOND, Magda Terezinha; FERREIRA NETO, Amarílio. Um olhar sobre as propostas dos militares para a educação física escolar na Revista de Educação Física (1932-1957). In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA – UFMG, 2., 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: CEMEF-PROTEORIA, 2005. 1 CD-ROM.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a renascença e o século das luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMAN JÚNIOR, Moysés (Org.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11-60.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CANTARINO FILHO, Mario Ribeiro. **A educação física no Estado Novo**: história e doutrina. 1982. 342 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 1982.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A caixa de utensílios e o tratado**: modelos pedagógicos, manuais de pedagogia e práticas de leitura de professores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UCG, 2006. 1 CD-ROM.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. **A escola e a república e outros ensaios**. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. **Pedagogia e usos escolares do impresso**: uma incursão nos domínios da história cultural. São Paulo: PUC, 1998.

CARVALHO; Marta Maria Chagas; HANSEN, João Adolfo. Modelos culturais e representação: uma leitura de Roger Chartier. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 16, p. 7-24, set. 1996.

CATANI, Denice Bárbara; SOUZA, Cynthia Pereira. **Imprensa periódica educacional paulista (1890-1996)**: catálogo. São Paulo: Plêiade, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre. **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 17-48.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n.11, jan./abr. 1991.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.

CUNHA, Marcus Vinícius da. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. **Revista Brasileira de Educação**, n. 17, p. 86-99, maio/ago. 2001.

DANAILOF, Kátia. Imagens da infância: a educação e o corpo em 1930 e 1940 no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 7-192, maio 2005.

FALCON, Francisco José Calazans. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v.11, n. 32, p. 328-339, maio/ago. 2006.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 135-150.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Processo de escolarização no Brasil: algumas considerações e perspectivas de pesquisa. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história**: possibilidades, leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 521-544.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XX, n. 69, dez. 1999.

FERREIRA NETO, Amarílio et. al. **Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930 - 2000)**. Vitória: PROTEORIA, 2002. 1 CD-ROM.

FERREIRA NETO, Amarílio. **A pedagogia no Exército e na escola: a educação física brasileira (1880-1950)**. 1999. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 1999.

FERREIRA NETO, Amarílio. A psicologia e a educação física em Lourenço Filho. In: FERREIRA NETO, Amarílio. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**. Aracruz ES: FACHA, 1999, v. 4. p. 97-116.

FERREIRA NETO, Amarílio; BERMOND, Magda Terezinha; MAIA, Ediane de Mello. Revista de Educação Física: ciclo de vida, seção unidade de doutrina e lição de educação física (1932-2002). **Revista Movimento/** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Escola de Educação Física, Porto Alegre, v. 9, n. 1, jan./abr. 2003.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. História cultural e história da educação. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima. (Org.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 49-76.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina imagens da mulher na Revista Educação Physica**. 1999, 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a educação física no Brasil: da caserna à escola**. 1992. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GÓIS JÚNIOR, Edivaldo. **O século da higiene: uma história de intelectuais da saúde: (Brasil, século XX)**. 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

GONDRA, José Gonçalves. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 519-550.

GONDRA, José Gonçalves. Modificar com brandura e prevenir com cautela: racionalidade médica e higienização da infância. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. (Org.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 289-318.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de; PAIXÃO, Cândida Gomide. Uma nova família para uma nova escola: a propaganda na produção de sensibilidade em relação (1930-40). In: XAVIER, Maria do Carmo. **Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 345-363.

HAMILTON, David. Notas de lugar nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna. **Revista Brasileira de História da Educação**. São Paulo: Autores Associados, n. 1, p. 45-73, jan-jun. 2001.

HORTA, José Silvério Baia. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo: Autores Associados, n. 1, p.7-43, jan./jun. 2001.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. A circulação das idéias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Os intelectuais da história da infância** (Org.). São Paulo: Cortez, 2002. p. 459-503.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 535-536.

LIMA, Magali Alonso de. **O corpo no espaço e no tempo**: a educação física no Estado Novo: 1937-1945. 1980. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Filosofia da Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1980.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola, o esporte e a ‘energização do caráter’**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação: 1925-1935. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A medicalização da raça**: médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

MELO, Victor Andrade de. A educação física e o Estado Novo: 1937-1945: a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. **Revista Digital** - Buenos Aires, ano 12, n. 115, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd115/a-educacao-fisica-e-o-estado-novo.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2008.

MOTTA FILHO, Cândido. **Tratamento dos menores delinquentes e abandonados**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1935.

NARODOWSKI, Mariano. **Infância e poder**: conformação da pedagogia moderna. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

NEITZEL, Fernanda Mutz; FERREIRA NETO, Amarílio. As atividades físicas na escola: a biologia, a homogeneidade de grupos e as práticas de ginástica para a infância. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA-UFMG, 2005, 2., 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: CEMEF-PROTEORIA, 2005. 1 CD-ROM.

NÓVOA, Antônio. A imprensa de educação e ensino: concepção e *organização* do repertório português. In: CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-32.

NUNES, Clarice. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 371-398.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em história da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. **Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos, 1994.

REIS, José Roberto Franco. “De pequenino é que se torce o pepino”: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. VIII, n. 1, p. 135-157, mar./jun. 2000.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. Educação escolar e higienização da infância. **Cad. Cedes**, [on-line], 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 20 dez. 2005.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. Prescrevendo regras de bem viver: cultura escolar e racionalidade científica. **Cad. Cedes**, [on-line] Campinas, v. 20, n. 52, p. 55-73. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes>>. Acesso em: 20 dez. 2005.

SANTOS, Wagner; LOCATELLI, Andrea Brandão; MAIA, Ediane de Melo. **Revista de Educação Física: ciclo de vida (1932-2002)**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 8., 2003, Caxambu. **Anais...** Caxambu: CBCE, 2003.

SCHNEIDER, Omar. **A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública**: atuação de Herculano Marcos Inglês de Souza. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SCHNEIDER, Omar. **A revista Educação Physica (1932-195)**: estratégias editoriais e prescrições educacionais. 2003. 342 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHNEIDER, Omar. Entre a correção e a eficiência: mutações no significado da Educação Física nas décadas de 1930 e 1940: um estudo a partir da revista Educação Physica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis - SC, v. 25, n. 2, p. 39-54, 2004.

SCHNEIDER, Omar; FERREIRA NETO, Amarílio. **Americanismo e a fabricação do ‘homem novo’**: circulação e apropriação de modelos culturais na revista Educação Physica:1932-1945. [2008?] (Em fase de publicação).

SCHNEIDER, Omar; FERREIRA NETO, Amarílio; SANTOS, Wagner dos. Autores, atores e editores: os periódicos como dispositivos de conformação do campo científico/pedagógico da educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE E I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2005. v. 1.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

SOEIRO, Renato Souza Pinto. **A contribuição da Escola de Educação Física do Exército para o esporte nacional: 1933 a 2000**. 2003. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2003.

SOUZA NETO, Samuel. **Profissão, história e sociedade**: Hollanda Loyola e a educação física. Atas do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. São Paulo: USP, 1998. p. 569-581.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Educando pelo corpo: saberes e práticas na instrução pública primária nos finais do século XIX. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 265-300.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas**: do projeto político ao projeto editorial: 1931-1981. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VAGO, Tarcísio Mauro. Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola. **Cad. Cedes**. [on-line], v. 19, n. 48 ago, p.30-51, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 24 ago. 2006.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. **Teoria & Educação**, n. 6, 1992.

VEIGA, Cynthia Greive. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 399-422.

VEIGA, Cynthia Greive; GOUVEA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 26, n. 1, jan./jun. 2000.

VILELA, Marize Carvalho et al. Estudo de periódicos: possibilidades para a história da educação brasileira. In: MENEZES, Maria. Cristina (Org.). **Educação, memória**,

**história:** possibilidades, leituras. Campinas, SP: Mercados de Letras, 2004. p. 401-450.

WADSWORTH, James. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, set. 1999.

WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo: Fundação SEADE, v. 14, n. 2, p. 37-43, abr./jun. 2000.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.

### ***REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (DO EXÉRCITO)***

ABADE, Adílio Alcantara. Necessidade da educação física para firmar espiritual e fisicamente a personalidade da criança. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 52, p. 14-16, abr. 1942.

ABADE, Idílio Alcântara O. Educação física infantil: lição de educação física infantil. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 46, p. 12, out. 1939.

ABADE, Idílio Alcântara. A escola superior de educação física de São Paulo e sua escola de aplicação ao ar livre. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 48, p. 24-27, set. 1941.

ABADE, Ilidio Alcantara O. O primeiro ano da criança na escola e o seu crescimento físico. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p. 13, maio 1933.

ABREU, J. R. Toledo de. Cruzada civica e eugenia do C.M.E.F. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 1, abr. 1933.

ALCÂNTARA, Idílio. A saúde das crianças das escolas brasileiras pelo prof. Idílio Alcântara (inspetor regional de educação física do estado de São Paulo). **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 45, p. 34, jun./jul. 1939.

AZEVEDO, Dora Gouvêa de. Dramatizações. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 9, p. 26-27, jun. 1933.

BONORINO, Laurentino L. São Paulo e os centros de férias. **Revista de Educação Física**, n. 9, jun. 1933.

CAVALCANTI, Newton. Unidade de doutrina. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, [s. p.], jun. 1932.



COLOMBO, Alfredo. O Rio necessita de parques infantis. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 40, p. 5, jul. 1938.

COSTA, Haydée Coutinho da. Valor educativo dos jogos. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, p. 9, ago. 1933.

JENNINGS, Edna Carew. Centros de educação física corretiva nas escolas elementares de Los Angeles. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 51, p. 3-4, fev. 1942.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. A educação física no Brasil. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 32, p. 1, ago. 1936.

LOBO, C. B. Educação física infantil: jogos infantis. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 53, p. 19, jun. 1942.

LOBO, Custódio Batista. Educação física infantil: método prático para a realização das lições de educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 42, p. 50, set. 1938.

MADEIRA, Almir. Colonia de ferias. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano II, n. 11, p. 18-19, out. 1933.

MARTINS, Braulio Durvault. Considerações sôbre uma competição infantil de "Box inglês". **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 20, p. 3-4, mar. 1935.

MARTINS, Ivanhoé Gonçalves. Educação física infantil. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 35-36, abr. 1933.

MARTINS, Ivanhoé Gonçalves. Educação sensorial. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p. 26-27, maio 1933.

MENDES, Déa. A felicidade na alegria: a alegria na ginástica. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, p. 22-23, ago. 1933.

MIRANDA, Nicanor. O significado de um parque infantil em Santo Amaro. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 46, p. 3-5, out. 1939.

MORAIS, Aureo. Mais uma etapa vencida! **Revista de Educação Física**, maio, 1935.

MORAIS, Felisbina Pinheiro. Educação infantil: método para a realização das lições de educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 29, nov. 1938.

MORAIS, Felisbina Pinheiro. Educação infantil: método para a realização das lições de educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 29-30, jun. 1939.

MORAIS, Felisbina Pinheiro. Educação infantil: método para a realização das lições de educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 41, p. 12, ago. 1938.

PINHEIRO, João Ribeiro. Militarismo e educação física. **Revista de Educação Física**, maio, 1932.

PINHEIRO, João Ribeiro. O Exército e o 5º congresso de educação. **Revista de Educação Física**. n. 2, jun, 1932.

RAMALHO, Sette. Determinação da idade fisiológica das crianças pelos dados antropológicos registrados graficamente: método brasileiro. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 32, p. 2-3, ago. 1936.

RAMALHO, Sette. Fichas para crianças. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p. 40-46, maio 1933.

RAMALHO, Sette. O exame médico na educação física da criança, pelo método francês. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 33, p. 10, out. 1936.

RAMOS, Artur. A educação física elementar sob o ponto de vista da caracterologia. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 33, p. 35-36, out. 1936.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Campanha nacional pela alimentação da criança**: o seu alcance – os seus fins – meios de auxiliá-la, Rio de Janeiro, ano 4, n. 21, p. 25, abr. 1935.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Campos de jogos**: material. Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 26-27, abr. 1933.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Conduta da criança**: significação psicológica de sua conduta durante os jogos. Rio de Janeiro, n. 29, p. 29, dez, 1935.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Conferência nacional de proteção á infância**, Rio de Janeiro, ano II, n. 11, p. 32, out. 1933.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Educação física infantil**: em fórmula de jogo. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, [s.p], jan, 1933.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Nossa capa**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 53, p. 6, jun. 1942.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **O médico escolar e a educação física**, Rio de Janeiro, ano II, n. 11, p. 34-35, out. 1933.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Organização de um campo de jogos**, Rio de Janeiro, ano V, n. 37, p. 3-5, dez. 1937.

RODRIGUES, Julio J. Foot-ball entre menores. Tradução de Inácio de Freitas Rolim. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 39-41, abr. 1933.

RODRIGUES, Mario de Queiroz. Um passeio na fazenda. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 28-30, abr. 1933.

ROLIM, Armando de Freitas. O tênis infantil. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 30, p. 26, mar. 1936.

ROLIM, Ignacio. Jogos. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p. 3-5, maio 1933.

ROLIM, Inacio de Freitas. Lição de educação física: ciclo de 9 a 11 anos – 3º grau do ciclo elementar. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 31-33, abr. 1933.

SALEMA, Otávio. A ginástica infantil, como fator de desenvolvimento cerebral na espécie humana. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano V, n. 33, p. 31-32, out. 1936.

SALEMA, Otávio. A ginástica infantil, como fator de desenvolvimento cerebral na espécie humana. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 28, p. 33-34, nov. 1935.

SANTANA, Eulidio Reis de. De volta! **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 56, p. 1, nov. 1947.

TEIXEIRA, Paulo. Lição de educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, [s. p.], jan. 1933.

VUILLEMIN, Louis. Colônias de férias. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 10-12, jan. 1934.

WILLIAMS, Lois M. Os jogos e os recreios organizados para crianças: seu papel na vida e na educação. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 42-45, nov. 1933.

### **REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA**

ARENO, Waldemar. Higiene no exercício físico: o grupamento homogêneo para a educação física infantil. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 68, p. 45-46 e 55, set. 1942.

AZEVEDO, Fernando de. Os esportes e sua justa situação num programa escolar: atletismo e atletica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 10-11 e 71, jan. 1939.

BALDARINY, Humberto. Educação física como assistência social à infância. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 38-41, ago. 1940.

COSTA, Dante. Amparo às crianças abandonadas. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 13-14, out. 1939.

COSTA, Dante. Parques infantis para cidades do interior. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 75, p. 30-31, jul./ago. 1943.

CUNHA, Maria Augusta Alvares da. Educação física, recreação e jogos nas escolas primárias: plano de aulas. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 68, p. 36-37, set. 1942.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **A alimentação infantil**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 36, jul. 1939.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Alimentação do escolar**, Rio de Janeiro, n. 72, p. 56-57, jan./fev. 1943.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Campo e colônias de férias**: alguns conselhos práticos – objetivos de uma colônia de férias, Rio de Janeiro, n. 70, p. 33-34, nov. 1942.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Colônias de férias e colônias educacionais**, Rio de Janeiro, n. 78, p. 18-22, abr. 1944.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Doze anos de luta e perseverança**, Rio de Janeiro, n. 79/80, p. 5, maio/jun. 1944.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Editorial**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3, [s.m.] 1932.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Editorial**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 11, mar. 1934.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Foot-ball infantil**: redução de campo e dos tempos, Rio de Janeiro, n. 11, p. 32, set. 1937.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Parques infantis**, Rio de Janeiro, n. 63, p. 38-40, mar./abr. 1942.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Um concurso de “idéas”**: premio em dinheiro aos vencedores, Rio de Janeiro, n. 1, p. 117, [s. m.] 1932.

EDUCAÇÃO PHYSICA. **Parques infantis**, Rio de Janeiro, n. 63, p. 38-40, mar./abr. 1942.

FERREIRA, Hermílio Gomes. A educação física em face da fisiologia. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 36-40, maio 1941.

GRAYBEAL, Elisabeth. Problema e o método. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 65, p.12-13 e 36-38, jun. 1942.

HALTON, Mary. O caráter de seu filho depende de você: quando tôda mãe possui indispensáveis conhecimentos de psicologia, cada criança terá melhor oportunidade de converter-se em membro feliz e útil da humanidade. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 57, p. 12-13, ago. 1941.

HARMON, John M. Jogo vs. trabalho na escola. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 28/29, p. 38-41 e 72-74, mar./abr. 1939.

JENNINGS, Edna Carew. Objetivo da educação física moderna. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 68, p. 12-13 e 55, set. 1942.

KEHL, Renato. A puberdade. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 37 e 76, ago. 1940.

LANGTON, Clair V. Saúde e educação physica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 17-18 e 70-71, fev. 1938.

LOTUFO, João. Brinquem com seus filhos. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 33-34, nov. 1938.

LOYOLA, Hollanda. Educação física infantil (dos 4 aos 6 anos). **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 13 e 36, set. 1939.

LOYOLA, Hollanda. Educação física infantil: breve noticia sobre a educação física nas escolas primárias das principais nações do mundo. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 67, p. 15-16 e 50-52, ago. 1942.

LOYOLA, Hollanda. Educação física infantil: primeira infância: período pré-escolar. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 37-40, abr. 1940.

LOYOLA, Hollanda. Educação física infantil: segunda infância. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 55-57, maio 1940.

LOYOLA, Hollanda. Educação física infantil: terceira infância. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 43, p. 50-51 e 72, jun. 1940.

LOYOLA, Hollanda. Educação integral. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 9 e 67, set. 1939.

LOYOLA, Hollanda. Ginástica para o bebê. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 50-53, abr. 1941.

LOYOLA, Hollanda. Instrução moral e cívica. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 9, nov. 1940.

LOYOLA, Hollanda. Lição de educação física: 4<sup>o</sup> grau do ciclo elementar. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 69, set. 1940.

LOYOLA, Hollanda. O lar e a escola. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 9 e 69, fev. 1940.

MARINHO, Inezil Penna. Apontamentos sobre a evolução da educação física na escola primária. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 77, p. 6-7 e 29, mar. 1944.

MARINHO, Inezil Penna. Grupamento homogêneo: considerações em torno desse problema em educação física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 15-16; 29-30 e 52-54, jun. 1942.

MENDES, D. Os jogos: complemento da educação. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 72, p. 57, jan./fev. 1943.

MONTEIRO, Asdrubal. A diminuição da delinquencia pela introdução de programas de educação física. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 20-21 e 96, dez. 1937.

NASH, Jay B. Recreação. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 42-44, out. 1940.

PADILHA, Sílvio Magalhães. Educação integral. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 74, p. 11, maio/jun. 1943.

PATRI, Angelo. Lazer: um famoso educador insiste na educação segundo o novo principio baseado sobre o impulso criador. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 37-39, nov. 1938.

PURITON, E. E. Aprendamos a lição das crianças. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 69, p. 14 e 54, out. 1942.

RAEDER, Silas. Jogos menores. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 7-8; 74- 76 e 79-80, dez. 1932.

RAEDER, Silas. Jogos menores. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 65-68, set. 1933.

RAMOS, Martins. Formação e deformação física do escolar. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 13-14, jan. 1940.

RIBEIRO, P. F. Problemas de educação física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 28/29, p. 33 e 80, mar./abr. 1939.

ROBLES, Raul Jara. O desenvolvimento osseo e a educação física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 20-24 e 28, jun. 1939.

RODRIGO, Saturnino. Ginástica infantil. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 64, p. 28-29, maio 1942.

RODRIGUES, Julio. Praças de esportes: origens dos campos de recreio. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 107-108, abr. 1936.

RODRIGUES, Mário de Queiroz. Educação física e motivação. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 84, p. 10-11, jan./fev. 1945.

ROLIM, Ignacio. Jogos. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 33-35, nov. 1939.

ROUET, Marcel. A educação física: método de aperfeiçoamento individual e social. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 12-13 e 74, dez. 1938.

SALEMA, Octavio. Ginástica na primeira infância. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 70, p. 37-40, nov. 1942.

SUMMERS, J. S. A educação physica da criança. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 8-10, nov. 1937.

SUMMERS, J. S.; MORAES, Cyro. Methodos de educação physica escolar. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 46, dez. 1932.

VERNEGO, Maria Serrano. Como iniciá-los na educação estética? dois mundos diferentes. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 18-20, abr. 1940.

VERONELLI, A. Atílio. O amigo ideal para o meu filho. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 16-18, maio 1940.

VINTRE; GROBON. O perigo dos esportes de competição nas escolas primárias. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 51, p. 10-11 e 69, fev. 1941.

WEISIGK, Adolf. Pequenos jogos. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 73-76, abr. 1936.

WOOD, Alfredo. Habituai vossos filhos desde pequenos a manterem o corpo em atitude correta. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 16-18, nov. 1940.